

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CAROLINA ELIZABETH LOPES LAURIA RODRIGUES DA COSTA

**A BUSCA DO CONHECIMENTO NA MELHOR IDADE:
UM ESTUDO SOBRE O IDOSO ANALFABETO**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2010

CAROLINA ELIZABETH LOPES LAURIA RODRIGUES DA COSTA

**A BUSCA DO CONHECIMENTO NA MELHOR IDADE:
UM ESTUDO SOBRE O IDOSO ANALFABETO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação – da Faculdade de Humanidades e Direito, na Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Danilo Di Manno de Almeida, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2010

*Dedico este trabalho
a três grandes mulheres e a um homem.
À minha mãe, por todas as orações e orgulho.
Às minhas filhas, por esperarem e acreditarem em mim.
Ao meu marido pela a paciência e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela capacitação e pelas horas infindáveis de oração, pedindo ao senhor as bem aventuranças para esse trabalho.

Ao meu pai (in memória) que não teve a oportunidade e a felicidade de presenciar a conclusão do mestrado de sua única filha e à minha mãe, pelas palavras de incentivo e encorajamento.

Ao meu marido pelo incentivo e providências para a conclusão desse trabalho. A ele meu amor.

Às minhas filhas Brisa Isabella e Marina Terra, que enchem minha vida de amor e luz.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Danilo Di Manno de Almeida, pela paciência, compreensão, flexibilidade e principalmente respeito pelas minhas ideias.

À Profa. Dra. Maria Leila Alves, pela amizade, competência e acima de tudo a demonstração de amor ao próximo.

Ao Prof. Dr. José Eustáquio de Romão, que de forma brilhante encaminhou meu trabalho de pesquisa, com suas contribuições relevantes no Exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Francisca Eleodora Santos Severino pela disponibilidade de participar da Banca de Defesa.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Educação pelas excelentes aulas e contribuições.

À Regina Luz que se demonstrou uma amiga maravilhosa e uma secretária competente.

Aos meus colegas de curso, Marta, Narciso, Rosana, Ana Lúcia e, principalmente, ao César que se revelou um irmão para mim.

À CAPES pelo financiamento de minha pesquisa.

CORAÇÕES QUE ABRAÇAM

*É mais humano esse mundo que Deus tanto amou por querer
É mais profundo
Quem abraça esse mundo entende o porquê
Quem o abraça se entrega, se lança, é base de sustentação
E se dá conta que não está sozinho
Mas faz parte da multidão
É diferente esse mundo que Deus abraçou por querer
Sem precedentes
Estremece pra fazer desaparecer
A distância, o abismo entre os mundos
Do meu e do seu coração
E nos faz caminhar, redimidos, pra junto dessa multidão
De corações que abraçam a quem tem seus direitos negados
De corações que abraçam a quem tem seus anseios roubados
São corações que sabem que o repartir é a grande recompensa
Corações que transformam o mundo
Com amor e com inteligência
Corações que abraçam o mundo, com Deus
Pra fazer toda diferença
É diferente esse mundo que Deus abraçou por querer
Sem precedentes
Estremece pra fazer desaparecer
A distância, o abismo entre os mundos
Do meu e do seu coração
E nos faz caminhar, redimidos, pra junto dessa multidão
De corações que abraçam a quem tem seus direitos negados
De corações que abraçam a quem tem seus anseios roubados
São corações que sabem que o repartir é a grande recompensa
Corações que transformam o mundo
Com amor e com inteligência
Corações que abraçam o mundo, com Deus, pra fazer...
São corações que abraçam a quem tem seus direitos negados
São corações que abraçam a quem tem seus anseios roubados
São corações que sabem que o repartir é a grande recompensa
Corações que transformam o mundo
Com amor e com inteligência
Corações que abraçam o mundo, com Deus
Pra fazer toda diferença*

RESUMO

A presente pesquisa investiga o aprender a ler e a escrever do segmento idoso partindo do pressuposto de que a introdução no mundo da leitura e da escrita pode propiciar-lhe, mesmo que tardiamente, a inclusão social e uma transformação na sua vida pessoal. Nesse sentido, foi realizado um estudo sobre o analfabetismo no nosso país amparado em um referencial teórico específico, adotando a visão de homem como um ser inconcluso e em constante processo de construção que pode progredir social, histórica e temporalmente. Para dar concretude a esses objetivos a opção foi pela abordagem qualitativa. São sujeitos deste estudo, alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos de uma Organização Não Governamental (ONG) – uma instituição religiosa – e também alunos de instituições que atendem ao segmento idoso. Foram aplicados quarenta questionários, por meio dos quais foi possível inferir que esses alunos buscam resgatar a possibilidade de serem incluídos e aceitos socialmente, bem como convívio com os seus pares.

Palavras-chave: alfabetização; jovens; adultos; idosos; ensino.

ABSTRACT

This research investigates the process of learning to read and write of the elderly segment. It presumes that the introduction in the world of the reading and the writing it can propitiate, even belatedly, the social inclusion and a transformation in personal life. In that sense, a study was accomplished on the analphabetism in our country acked into a theoretical framework, adopting the view of man as na unfinished and ongoing process of construction, process that can progress social, historical and temporality. To give concreteness the these objectives the option it was for the qualitative approach. They are subject of this study, enrolled students in the Education of Youths and Adults of an Organization No Government (ONG) - a religious institution - and also students of institutions that assist to the elderly segment. They were applied forty questionnaires, through which it was possible to infer that those students look for to rescue the possibility of they be included and accepted socially, as well as conviviality with their pairs.

Keywords: literacy, youth, adults, elderly, education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O PAPEL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E SUA HISTÓRIA	15
1.1 PAULO FREIRE: A ESPERANÇA DO POVO	18
1.2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM POUCO DA HISTÓRIA	22
1.3 MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NAS NOVAS CAMPANHAS GOVERNAMENTAIS	28
1.4 O MOBREAL COMO REFERÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	31
1.5 MUDANÇAS E QUEBRA DE PARADIGMAS.....	37
1.6 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ERA NEOLIBERAL	38
1.7 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O REAL LONGE DO IDEAL.....	46
2 O IDOSO COMO SUJEITO NAS INSTITUIÇÕES	50
2.1 A PESQUISA E SEUS CAMINHOS	62
2.2 ESCOLHAS: SUJEITO E ENTIDADES.....	64
2.3 MOVIMENTO PRÓ-IDOSO (MOPI)	65
2.4 GRUPO ALEGRIA DE VIVER: ESCOLA ALEGRIA DE SABER.....	67
2.5 FUNDO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: ESPAÇO CONVIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE – NAI (NÚCLEO DA ATENÇÃO AO IDOSO)	69
2.6 IGREJA BATISTA DE ÁGUA BRANCA (IBAB).....	70
2.7 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	71
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS ...	73
3.1 SOBRE OS ENTREVISTADOS	77
3.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS.....	93
OBRAS CONSULTADAS	99
APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO	101
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS NA ÍNTEGRA.....	102
ANEXO A – ARTIGO DA CONSTITUIÇÃO	180
ANEXO B – TEXTO DO SITE DO FUNDO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO.....	181

INTRODUÇÃO

A pessoa que fala sobre a vida humana, que muda com o decorrer dos anos, deve ter o cuidado de declarar a sua própria idade aos seus ouvintes.

Rubem Alves

A Educação de Jovens e Adultos – EJA – como modalidade de ensino, hoje, em nosso país, carrega a significação de reposição escolar para aqueles que não estudaram regularmente em idade prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/EN – ou que não conseguiram concluir, por algum motivo, os estudos obrigatórios por lei. A LDB especifica que a educação básica é para crianças em idade de seis aos quatorze anos, para o Ensino Fundamental, e dos quinze aos dezessete anos para o Ensino Médio. Dessa maneira, a EJA é uma modalidade que está desvinculada da “vida escolar”. Ela traz consigo significações que vão “além dos muros da escola”. Apresenta, assim, uma identidade diferenciada, não só pela faixa etária, mas também pelos saberes da vida.

Nesse sentido, portanto, busquei investigar por que essas pessoas, com cinquenta anos ou mais, estão indo para a escola fundamental.

Em nossa Constituição, o artigo 208, ressalta que: “todos os brasileiros, independente da idade, têm o direito ao ensino fundamental”. Partindo do pressuposto de que a educação básica é um direito fundamental de todos os cidadãos, a preocupação neste estudo foi entender porque os idosos analfabetos que foram pesquisados, não conseguiram ou não frequentaram o ensino regular.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, ARTIGO 205).

É possível afirmar que, como cidadãos, todos deveríamos ter acesso à leitura e à escrita, mas, infelizmente, até algumas décadas atrás, esta pretensão era realizada por um número pouco significativo de brasileiros. Segundo Tfouni (2006):

A história de fracasso dessa população, que é primariamente originária da zona rural, mostra um fracasso correspondente das políticas governamentais e dos programas de alfabetização implantados como medidas de emergência para diminuir o índice de analfabetismo no Brasil (p. 18).

Algumas dessas inquietações vieram à tona quando tomei ciência de meu papel como educadora e, a partir da procura pela qualificação e capacitação, deparei-me com questionamentos que só a pesquisa acadêmica poderia tentar responder. E dessa forma consegui as respostas desejadas ouvindo as vozes, daqueles que, por sua situação de exclusão, tanto me angustiavam.

Elaborar a introdução de um trabalho de pesquisa é tarefa das mais difíceis: ora ficamos indecisos nos primeiros passos, ora exigentes demais, ora ansiosos. Os caminhos a serem trilhados são largos, mas a sabedoria da escolha epistemológica faz o diferencial no contexto a ser pesquisado. Saber como pesquisar e quem pesquisar é uma escolha muito responsável, já que o sujeito é subjetivo e tem uma história a ser ponderada.

Como comecei com uma epígrafe, quero justificar a escolha dela. Sou professora há mais de 20 anos e tive a oportunidade de trabalhar com todas as faixas etárias. Como me tornei o que sou? Como adquiri os pensamentos que tenho hoje? Pensamentos estes que me levaram à condição de pesquisadora para encontrar respostas às indignações. Para explicá-los, reminiscências da minha infância afloram em minha memória: não brincava com bonecas, nem de casinha; lembro-me como se fosse hoje: eu, rodeada de amigas, brincava de escolinha, era a professora. Eram meus primeiros passos a anunciar a vocação vindoura. Já adolescente, estudava em um colégio particular, na cidade de São Paulo, e por ser uma garota pró-ativa, meus professores resolveram estimular-me e, nesse período, recebi um convite da coordenadora da escola para ser uma auxiliar de classe na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Nessa oportunidade, vivenciei a

experiência real de passar da brincadeira para o ofício de mestre, de conseguir realizar o sonho da infância: ser uma professora.

Entre minhas primeiras atividades com as crianças – trocar fraldas, pentear os cabelos, lavar os rostos e mãos sujas das brincadeiras escolares, dividir os lanches – eu, às vezes, chorava junto com os alunos, quando algo não saía como esperava. Assim, a passos pequenos, fui formando meu jeito de ser, de lidar com meus alunos. Observando, comparando meus professores e minhas colegas de profissão, desde as que tinham mais carinho e bom senso, as que amavam a profissão, àquelas que exerciam o ofício com raiva e amargura ou apenas pelo salário, sem a menor vocação. Pude descobrir valores, os quais quis imitar, e outros que me revoltavam.

Dessa maneira, fui trabalhando, e amando cada grupo de alunos com quem convivia, acumulando experiências e aprendendo novidades significativas dentro das paredes de cada instituição de ensino pelas quais passei. Fui auxiliar, estagiária, professora substituta e professora. E nessa caminhada, a curva das idades das crianças tornou-se ascendente, ou seja, de um a setenta anos. Assim, fui professora alfabetizadora, depois professora das séries iniciais, chegando ao posto de professora da antiga quarta série, hoje quinto ano. Trabalhei com crianças de todas as situações socioeconômicas, fui coordenadora pedagógica de uma fundação que atendia crianças, adolescentes e jovens com deficiência intelectual; fui professora da rede pública e privada. No ano de 2003, quando fui trabalhar com o segmento idoso, pude constatar que o comportamento de muitos desses idosos, por não serem ainda alfabetizados, demonstravam um triste sentimento de exclusão.

Nesse contexto, vem-me à memória um incidente ocorrido, quando trabalhei na Secretaria Estadual da Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, durante uma troca de governo e todas as atividades para a terceira idade foram encerradas. A chefe de gabinete falou assim: “Este é um governo da juventude!”

Hoje, mais velha e mais amadurecida, consigo enxergar com novo olhar, o que, naquela época, não pude perceber com mais clareza. A realidade era embaçada, recoberta por um véu e eu não entendia o porquê de os mais idosos se sentirem excluídos do grupo, quando o termo exclusão era utilizado apenas para referência aos alunos com alguma deficiência física ou intelectual. Será que era pela falta de domínio na leitura e escrita? Percebi que a falta de escola pode transformar as pessoas excluídas em pessoas sem propósitos. Para Moll (2008):

[...] no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar; por concepções que os afastaram da escola como de que “mulher não precisa aprender” ou “saber os rudimentos da escrita já são suficiente”, ou ainda, pela seletividade construída internamente na rede escolar que produz, ainda hoje, itinerários descontínuos de aprendizagem formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações-limite nas quais o tempo de infância foi, via de regra, tempo de trabalho e de sustento das famílias (p. 11, grifos da autora).

Via, naquele trabalho de cuidadora de idosos, pessoas com um olhar embaçado, sem expressão. Um olhar muito longe de ser o mais bonito. A “boniteza” de olhar, como dizia Paulo Freire, me fez pensar que olhar era aquele.

Nas minhas observações em relações às idosas que assistia diariamente, não entendia as diferenças de comportamento delas. Das mais falantes às mais tímidas, não sabia definir se o excesso de desenvoltura ou de timidez, era para esconder a falta de agilidade, as dificuldades de se apropriarem de habilidades que lhes foram negadas em seu tempo certo, ou porque elas eram assim mesmo, daquele “jeitinho”. Precisei de longos dois anos para descobrir que analfabetismo traz timidez, solidão, vergonha, escassez de palavras e revoltas. Por isso o olhar apagado, sem brilho, sem rumo. Alves (2001) consegue explicar lindamente o olhar:

Muito embora os oftalmologistas e a física ótica sustentem que os olhos são como planetas, destituídos de luz que vem de fora, os poetas afirmam que isso não é verdade: os olhos são como estrelas, lâmpadas, são dotados de luz. “A lâmpada do corpo são os olhos”, dizia Jesus. “Se os teus olhos estiverem acessos, o mundo inteiro será luminoso. Mas se estiverem apagados, que enormes serão as trevas...” (2001, p. 13-14, grifos do autor).

E pude perceber, então, que o olhar desses idosos, não eram acesos, pela falta da chama escolar, que lhes fora tirada quando ainda pequenos. O sujeito, como agente de sua história, tem o direito de ter o brilho no olhar. A partir daí passei a questionar: Por que aqueles olhares me incomodavam tanto? O que poderia ser feito para reacender o olhar daqueles que estavam no escuro?

Leituras, conversas, discussões, emoções afloraram e delas emergiram várias indagações para a presente pesquisa: por que os idosos procuram a escola, depois de já terem toda uma trajetória de vida? Como conseguiram entrar no mercado de trabalho sem o requisito da instrução fundamental? Como conseguiram abstrair os conhecimentos sem o domínio dos códigos da leitura e escrita? Essas inquietações eram alavancas para o meu problema de pesquisa, e a partir dele e em conversa com meu orientador, este estudo começou a tomar forma.

Buscando saber porque os idosos não têm o domínio da leitura e da escrita e também, quais motivos os levaram a abandonar a escola, elaborei um questionário que foi dividido em duas partes e aplicado em quarenta idosos e adultos. Na primeira parte constam treze perguntas, envolvendo questões mais abrangentes, com informações específicas sobre: perfil social, econômico, profissional, faixa etária, renda, naturalidade de cada sujeito questionado. A segunda parte do questionário é composta por vinte e cinco perguntas que procuram respostas sobre a trajetória escolar de cada idoso entrevistado. Nessa parte do questionário, precisei escrever as respostas, por eles não saberem ainda ler e escrever. Segundo Freire (2005): “Ao objetivar seu mundo, o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros companheiros de seu pequeno círculo de cultura” (p. 10).

Essas informações foram colhidas em um ambiente propício para uma conversa informal e amigável, que está expressa nas seguintes perguntas: quando estudou pela primeira vez e local? Quais os motivos os levaram a abandonar e a retornar ao ambiente escolar?

Nessa ótica, foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa de campo. Balestro (2006) ressalta aspectos fundamentais sobre o conhecimento científico, indispensável para dar início a uma pesquisa:

O conhecimento científico não nasce pronto, se produz. O sujeito precisa conhecer a existência do objeto e dominá-lo. Portanto, para que isso ocorra, o pesquisador necessita definir o caminho a ser seguido para chegar ao final da viagem com novas descobertas científicas (p. 22).

O pesquisador, nesse tipo de pesquisa qualitativa, envolve-se com o sujeito de maneira tal, que ocorrem diálogos e integração, partindo do pressuposto

de que os questionários não admitem resultados definitivos. Dessa maneira, a pesquisa se define em uma troca de informações que dará concretude à construção dos dados.

As contribuições teóricas de autores como Paulo Freire, Vanilda Paiva, Maria Clara Di Pierro, Simone de Beauvoir, Dulce Whitaker, entre outros, foram essenciais ao desenvolvimento desta pesquisa.

A partir do exposto, o primeiro capítulo – O papel da educação de jovens e adultos no Brasil e sua história – apresenta uma breve contextualização desse segmento da educação, suas mudanças, articulações e críticas no contexto brasileiro. Sob a perspectiva educacional de Freire (1979) é preciso um aprofundamento na realidade que está sendo investigada, para encontrar respostas e possíveis soluções: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio” (p. 30). Para tal finalidade, esse capítulo tem como enfoque uma retomada das campanhas de alfabetização, desde a década de 1940, das mudanças governamentais, do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF – e de todas as ações educacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA.

O segundo capítulo – O idoso como sujeito nas instituições – refere-se à ciência do idoso, amparado nos estudos e propostas de Simone de Beauvoir, no referencial literário de escritoras como Marguerite Yourcenar, Cora Coralina e Lya Luft. Ainda nesse capítulo, são apresentados os caminhos metodológicos do presente trabalho de pesquisa, os critérios para a escolha dos sujeitos e das instituições que oferecem a modalidade de ensino da alfabetização de jovens e adultos.

O capítulo 3 – Procedimentos metodológicos: coleta e análise dos dados – elucida as questões iniciais apresentadas na introdução deste trabalho e analisa os dados coletados no questionário da pesquisa de campo.

Por fim, são trazidas as considerações finais da pesquisa, buscando evidenciar os principais aspectos que dela emergiram, com vistas à necessária reflexão sobre o que representa, de fato, o espaço da EJA para aqueles que se utilizam e se beneficiam desse serviço.

1 O PAPEL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E SUA HISTÓRIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a história da Educação de Jovens e Adultos – EJA – e suas implicações político-sociais, a partir da década de 1940, embasadas em uma análise crítica e cronológica. Para melhor entender a história da modalidade de ensino EJA, o estudo apresenta, de início, um breve relato sobre as reformas educacionais vigentes na época de 1940 e como foram desenvolvidas até os dias atuais. Para tanto, traz as contribuições de Paulo Freire, como o precursor, estudioso e defensor dessa modalidade de ensino.

Falar em Educação de Jovens e Adultos no Brasil é falar em escola de vida. Vida de sujeitos que foram hostilizados e excluídos do ensino básico de nossa nação e trazem as marcas da exclusão, de uma vida cheia de obstáculos e de tristezas a serem superadas e resolvidas. Essa história é muito mais política do que social, pois ainda hoje a educação básica continua sendo mais pesquisada e comentada e a Educação Infantil também, já que muitos pensam que o futuro está nos jovens e nas crianças. E, mais uma vez, os adultos e o segmento idoso ficam marginalizados. Segundo Oliveira et al (2009):

A sociedade pós-moderna valoriza muito o conhecimento adquirido pelos indivíduos e, para acompanhar as transformações no mundo do trabalho, torna-se necessária uma maior qualificação profissional. Nessa perspectiva, a educação ocupa cada vez mais espaço e passa a ser reclamada por uma parcela maior da população como imprescindível para a integração e participação social. Por muito tempo a educação esteve vinculada a diferentes fases da vida; a infância era valorizada, e na questão educacional, com uma preocupação muito intensa quanto aos métodos e os conteúdos que deveriam ser apresentados conforme a faixa etária. Com relação aos jovens e adultos, a associação refere-se ao mundo do trabalho, à produção, ao consumo, enquanto à velhice e terceira idade estava vinculada a improdutividade, a diminuição das atividades físicas e intelectuais (p. 1).

A Educação de Jovens e Adultos não é um nível de ensino, mas uma modalidade da educação básica e, por princípios, pode oferecer aquilo de que precisam os jovens e adultos desescolarizados, que não foram alfabetizados.

As demandas escolares que atendem ao adultos às vezes pode ficar comprometida a partir de uma heterogeneidade de idades, pois os jovens que se encontram em idade escolar e, que evadiram da escola regular, retornam para a modalidade de ensino EJA que é voltada para um público específico, e com o descompromisso próprio da idade, acabam por desorganizar essa modalidade educacional. Carvalho (2009) adverte:

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem passado por profundas modificações ao longo dos tempos, dentre elas, a crescente juvenilização de seus alunos sinalizando para a necessidade de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos com base em necessidades formativas (p.1).

Dessa maneira, os jovens que estão a frequentar a modalidade EJA tiram, assim, a motivação e a concentração de um sujeito mais velho, pois é natural dos jovens quererem brincar em sala de aula. Assim, adultos que vivem em outra fase de sua vida sentem-se prejudicados, uma fase que está relacionada com as experiências, os motivos pessoais e as necessidades individuais. Quanto aos saberes produzidos no mundo do trabalho, e às exigências da sociedade contemporânea, esses fazem com que a proposta do EJA seja repensada e reavaliada para corroborar com a nova expectativa de uma educação com qualidade.

Para os não-alfabetizados, todos esses saberes que foram adquiridos na vida não são valorizados como os potenciais que carregam, pela sua capacidade de adquirirem a leitura de mundo e aprenderem a viver com dignidade, mesmo sem saber os códigos da leitura e escrita. Ao contrário do que são levados a pensar, é justamente pela inteligência, que jamais deixaram de possuir e que conseguiram, por si mesmos, em um mundo de letrados, e por tomarem parte e organizarem táticas de resistência e de compreensão de mundo, participar ativamente dessa sociedade que os oprime, e superaram, assim, a condição de não leitores. Foi com muita dificuldade, até com um esforço sobre humano, que essas pessoas conseguiram tocar suas vidas com certa autonomia, respeito e ética.

No entanto, do ponto de vista do direito social, essa condição de não-alfabetizados, traz reflexos profundos na vida dos brasileiros. Durante muitos anos,

estiveram impedidos de votar, de participar das escolhas de que se nutre o regime democrático. Além desse limite político, existe o limite social, no qual a condição cidadã é regida pelo código escrito e não dominá-lo implica ser afetado por ele e até mesmo ser esmagado por uma sociedade que nomeia seus indivíduos como: analfabetos, pobres, sem teto, sem terra, negros, desempregados etc. Wanderley (2008) destaca:

Mendigos, pedintes, vagabundos, marginais povoaram historicamente os espaços sociais, constituindo universos estigmatizados que atravessaram séculos. Porém, é mais precisamente a partir dos anos 90 que uma nova noção – a de exclusão – vai protagonizar o debate intelectual e político (p. 16).

Nossa sociedade, que determina padrões comportamentais característicos, exclui os grupos inferiores que sofrem o preconceito da vida contemporânea, uma vez que exige a leitura e a escrita como imperativo, tanto pela organização que o código confere à vida social, quanto pelo que esses códigos implicam no dia a dia. Vale mencionar as novas tecnologias, que em poucos anos revolucionou o modo de agir dos indivíduos e hoje é preciso utilizá-las como o processo decorrente de novas linguagens. A informatização de bancos, as consultas pelo sistema de saúde através de telefones, os celulares, os computadores etc., a nova maneira de acesso que o indivíduo não escolarizado tem para interagir com esses recursos, não é adquirida no seu cotidiano, determinando, assim, comportamentos que levam o sujeito que está excluído a ser humilhado, e até, enganado por muitos para tirarem proveito de quem esta à deriva nessa sociedade capitalista.

Cada vez mais, por isso, a exigência da alfabetização se faz necessária, porém insuficiente para atender todas as práticas e usos sociais que o escrito e seus códigos imprimem à vida, ao trabalho, às relações, ao modo de vida atual. E mais: de estar no mundo e de produzir existência, para participar ativamente das decisões de uma nação e sentir-se produto do meio em que vive e atua.

Alfabetizar todos os brasileiros é, sem dúvida, um dever do Estado com os cidadãos. Privados do direito, de saber ler e escrever, essas pessoas têm também o direito a educadores capacitados e comprometidos com a educação.

Nesse sentido, os profissionais que trabalham com a modalidade EJA tendem a aprender a lecionar, por meio do cotidiano da sala de aula. Ensinar e interagir com a EJA é essencial para que se possa promover um Brasil melhor e uma educação de qualidade, sem diferenças sociais, para poder mudar a condição humana, não só de analfabetos, mas de excluídos, maltratados, subjugados, humilhados.

Quando nos reportamos à Educação de Jovens e Adultos, é de suma importância abordar as concepções de Paulo Freire, um defensor dos oprimidos e excluídos de nosso país. Durante décadas de sua vida, Freire viveu para revolucionar com suas ideias a favor daqueles que nunca tiveram o conhecimento como ferramenta de transformação. Assim, trouxe esperança àqueles que já estavam desesperançosos.

1.1 PAULO FREIRE: A ESPERANÇA DO POVO

No dia 19 de setembro de 1921, um “iluminado” nasceu para contribuir para as políticas públicas de nosso país. Refletir, falar e pensar sobre Paulo Freire nos faz acreditar que homens foram criados para a mutualidade, a alteridade. E esse educador por excelência conseguiu pensar mais no outro do que nele mesmo. Sua história tem início em Recife, Pernambuco.

Filho de professora, Freire se alfabetizou sob a sombra de uma mangueira, com um simples pedaço de graveto, que lhe servia de lápis para escrever no chão de massapé. Paulo trilhou o caminho da leitura das palavras, numa casa encantada, na Rua do Encantamento, 724 – Bairro da Casa Amarela. Compreender o cenário é fácil para quem acredita em magia e encantamento, já que o encantamento se faz presente nas reflexões e contribuições que ele trouxe e ainda traz para o mundo.

O encontro com o mundo da leitura e escrita, Paulo Freire teve o primeiro em seu lar, na natureza; depois, aos seis anos de idade, conheceu o universo escolar. Iniciou os estudos regulares, já alfabetizado, numa escola da rede particular. Conheceu a professora Eunice Vasconcelos, que lhe apresentou o mundo das sentenças. Como sempre gostava de lembrar, Freire aprendeu as sentenças a partir de palavras do seu cotidiano.

As lições da professora Eunice nunca amedrontaram Freire, pois não lhe tiravam a liberdade. As lições de sua mãe e dessa jovem professora demarcam uma nova trajetória na vida de Paulo Freire, referência para a classe de alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Seu trilhar foi atravessado por fases nem sempre favoráveis. A fome, na escola primária, quase atrapalhou seu desempenho escolar, e o dinheiro que faltava, quando tinha 16 anos, lhe fora exigido para continuação de seus estudos. Mas, para uma “mente brilhante”, nada é considerado obstáculo; tudo se transforma em aprendizado e Freire, persistiu lindamente.

A transposição de barreiras uniu Freire à classe de trabalhadores e sua educação. A partir de então, tornou-se diretor do Setor de Educação e Cultura (1947 - 1954) e Superintendente do Serviço Social da Indústria SESI (1954 - 1957). A partir do contato com o círculo de pais e professores do SESI, Freire se juntou a intelectuais e artistas e criou o “Movimento de Cultura Popular”, sob a liderança de Germano Coelho.

Uma das mais importantes contribuições de Freire para a Educação de Jovens e Adultos EJA surgiu no seu trabalho como relator na Comissão Regional de Pernambuco. Escreveu também o relatório: “A Educação de Adultos e as Populações Marginais”, no qual relatou os problemas enfrentados pelas populações da zona de mocambos de Pernambuco. Freire salientava, nesse relatório, que a realização de um processo educativo para a democracia só teria efeito, se o processo de alfabetização não fosse *sobre*, mas *para* o homem; com o homem, com a realidade e com os próprios alfabetizandos. Segundo o educador:

A verdade, porém, é outra. Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontremos, não é possível formar engenheiros ou pedreiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto seres históricos, políticos, sociais e culturais; sem uma compreensão de como a sociedade funciona (FREIRE, 1992, p. 134).

Freire explica que o termo “homem” em seu livro *Pedagogia do oprimido* (2005), também se referia à mulher. Retomando o relatório, a maior preocupação de

Paulo Freire era com a qualidade do saber de cada indivíduo, com a participação social e política de cada um no país.

A partir da década de 1950, Paulo Freire se destaca quando suas ideias se incorporam com a Educação de Jovens e Adultos. Seu principal objetivo era que, por meio de seus textos sobre o diálogo e sua metodologia, todos tivessem acesso a uma educação libertadora e conscientizadora, em que homens e mulheres se colocassem como parte da sociedade, mesmo sendo esses “*alfabetizando*”, ou como ele gostava de chamá-los, excluídos e oprimidos. Dessa maneira, esses cidadãos contribuiriam ativamente como fazedores, participantes e produtores da sociedade, como também para o desenvolvimento do país:

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem (FREIRE, 2005, p. 59).

A ação educativa de Freire foi apresentada em meados de 1960, para as cidades do nordeste brasileiro, a fim de expandir seus ideais. Várias campanhas foram por ele influenciadas e reconhecidas pelos slogans: “De pé no chão também se aprende a ler” (1961); “Integração Popular com a Educação Escolar”, do prefeito de Natal, no Rio Grande do Norte; “A Alfabetização de Angicos”.

Foi a partir dessas ações que Freire ganhou destaque nacional e surgiram vários convites para trabalhar em outras campanhas como a *Campanha de Alfabetização*, do Governo de João Goulart, que lhe rendeu uma matéria no Jornal do Brasil, com o título: “em Angicos se alfabetiza em 48 horas”.

O pensamento de Freire era não apresentar a educação como neutra e nem como instrumento para domesticar humanos, mas como um ideal de ver o oprimido se politizar, ou seja, se transformar em instrumento de libertação por meio da alfabetização. Seu objetivo era fazer com que eles, os oprimidos, percebessem a sua condição e que conseguissem mudar a realidade na qual estavam vivendo.

Suas ideias e suas ações são injustamente perseguidas; o sistema político da época se incomodou com a visão e missão de Freire e foi de encontro ao *Programa Nacional de Alfabetização*. A ditadura militar extinguiu o programa que

Freire idealizou e pelo qual se empenhou. Seu ato de educador no Brasil foi interrompido com um exílio, que não o privou de suas lembranças:

Ninguém chega à parte alguma só, muito menos no exílio. Muito mesmo os que chegam desacompanhados de sua família, de sua mulher, de seus filhos, de seus pais, de seus irmãos. Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; as lembranças de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou o sorriso que se perdeu possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco. (FREIRE, 1992, p. 32-33).

Freire, em todos os seus estudos pelo ato de educar, produziu e espalhou sementes pelos quatro cantos do planeta com suas obras. Seu método de alfabetização libertária e conscientizadora deu ao homem a capacidade de superar desafios que, como ele mesmo falava: “tivera que reaprender o que sabia”, para que fosse capaz de entender e de se fazer entender, a partir de confrontos e de interações com outros países e outras culturas. Freire não queria uma alfabetização reprodutora, sem fundamentos, sem reflexão; queria-a inovadora, participativa, de cunho pessoal, social e político.

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica (*ibid.*, p. 32).

Ao longo de seus anos, recebeu inúmeras homenagens, importantes para a transformação social e pessoal daqueles que leem suas obras. O prazer com que aprendeu a ler e escrever, de uma forma livre e leve, influenciou os que já

aprenderam ou aqueles que estão ainda em processo. Assim se evidencia a metodologia de Freire (informação verbal)¹:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele) (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

O educador era contra toda a forma de alfabetização bancária, como forma passiva de transmissão de conteúdos. Para Freire, a alfabetização é um ato “criador”, pois o sujeito leva sua subjetividade, sua história, suas palavras. As palavras geradoras, que eram retiradas do universo do alfabetizando se atrelavam ao mundo e o transformavam de maneira crítica, com orgulho de ser transformado e ter os iguais alfabetizando como parceiros na troca de experiências que os remetem ao mundo mais confiantes de suas capacidades.

Freire escreveu a obra *A Pedagogia da Esperança* como um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*. Não queria uma educação mecanizada, mas uma relação de sujeitos, para gerar conhecimento. Dessa maneira, tornou-se um exemplo a ser seguido por aqueles que pretendem trabalhar com as metodologias na Educação de Jovens e Adultos.

1.2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM POUCO DA HISTÓRIA

Neste tópico, apresenta-se uma breve trajetória cronológica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. O percurso histórico evidenciará como essa modalidade de ensino e suas implicações sobre a sociedade sofreram diversas reformas. Prioriza-se a Educação de Jovens e Adultos, a partir da década de 1940, até os dias atuais.

¹ Abertura do Congresso Brasileiro de Leituras, em Campinas – SP , novembro de 1981.

[...] Ao direito de educação que já se afirmara nas leis do Brasil, com as garantias do ensino primário gratuito para todos os cidadãos, virá agora associar-se, da mesma forma como ocorrerá em outros países, à noção de um dever do futuro cidadão para com a sociedade, um dever educacional de preparar-se para o exercício da responsabilidade da cidadania (BEISIEGEL, 1982, p. 63).

Na década de 1940, a educação de adultos passou a ser instrumento para a consecução de objetivos político-ideológicos da época, com a orientação político-educacional para a preparação de um maior contingente de mão de obra, para as novas exigências do mercado. No novo contexto político e com o estabelecimento do Estado Novo, a educação passou a ser uma questão de segurança nacional, pois o atraso do país estava associado à falta de instrução de seu povo. Segundo Fávero (2004):

A ação prioritária, do CEAA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos) estava voltada para uma educação ampla, compreendendo a aprendizagem da leitura, cálculos aritméticos básicos, noções de higiene e economia doméstica para as mulheres. E, dos seus erros e acertos, possibilitou nas décadas seguintes, de 1950 e 1960, o auge do ideário desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek e quando, com o auxílio dos pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), buscou-se reestruturar o sistema municipal de ensino, regularizando as matrículas de crianças de 7 a 10 anos e a organização de classes para alfabetização de jovens e adultos, bem como a implantação do ensino a distância através de escolas radiofônicas incorporadas pelo Sistema Radioeducativo Nacional (Sirena) (p. 13).

A partir de então, na Era Vargas, o período nacional de desenvolvimentismo, a regulamentação da educação escolar, e a expansão industrial fizeram com que as pessoas viessem procurar a cidade, urbanizando-as. Vários movimentos aconteciam pelo país, mas com a promulgação de 1934, estabeleceu-se um Plano Nacional de Educação e com ele a gratuidade e obrigatoriedade no ensino básico; foram então necessárias inúmeras reformas educacionais nesse período, já que o momento era de democratização e equalização social.

Nesse período, o desenvolvimentismo tem como meta as novas exigências do capitalismo no governo de Juscelino Kubitschek, entre os anos de 1930 a 1945, ou como chamam alguns historiadores da educação brasileira, Segunda República, conhecida por alguns períodos da história como: o Governo Provisório de 1930 até 1934; e o Governo Constitucional e Governo Autoritário de 1937 a 1945; esses anos foram um marco da consolidação da ideologia liberal ou período pedagógico renovador.

Esse período que foi estendido até 1964, como já foi citado, o período Nacional de Desenvolvimentismo, aborda as políticas educacionais mais importantes da época. Nesse sentido, Nascimento (2006) destaca que:

O avanço do capitalismo para os países periféricos encontrou o Brasil numa forma peculiar de desenvolvimento, onde a entrada de capitais externos era discutida como opção para acelerar o seu desenvolvimento. Havia o consenso entre os grupos sociais na defesa da industrialização como forma de desenvolver o país. No entanto, a burguesia brasileira estava dividida entre os que defendiam a industrialização sob o controle total do capital nacional e os partidários da participação e comando do processo de industrialização brasileira dos capitais estrangeiros (p. 2).

O período identificado como Segunda Fase da Industrialização, que vai de 1945 a 1961, teve um crescimento econômico mundial, tendo em vista a necessidade de ampliar as diretrizes educacionais e elaborar a Lei de Diretrizes e Bases promulgada em 1961. Como salientado por Paiva (1973), em meados da década de 1940 foram apresentadas grandes conquistas para a Educação de Jovens e Adultos: as massas populares que se urbanizavam pressionavam o governo para melhores condições de vida e escolarização e fizeram com que as demandas escolares acompanhassem a continuidade do ensino com cursos secundários e profissionalizantes. Até 1945 os cursos noturnos eram ministrados em dois anos, sendo o primeiro destinado à alfabetização e cálculos básicos e o segundo ano ao ensino da linguagem, História do Brasil e Geografia.

Em 1945 ocorreu a queda do Estado Novo e o fim do autoritarismo, a partir de um grande movimento das massas populares nos bairros onde os trabalhadores moravam e alcançou abrangência nacional. Esse movimento

acompanhava o desenvolvimento econômico e as possibilidades de uma inserção social por meio da escolarização. Sobre o Estado Novo, Velloso e Albuquerque (1999) apontam que:

Dentro do projeto educativo há de se distinguir dois níveis de atuação e estratégia: o do Ministério da Educação (dirigido por Gustavo Capanema) e o do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (encabeçado por Lourival Fontes). Entre essas entidades ocorreria uma espécie de divisão do trabalho, visando atingir distintas clientelas: o Ministério Capanema volta-se para a formação de uma cultura erudita, preocupando-se com a educação formal; enquanto o DIP buscava, através do controle das comunicações, orientar as manifestações da cultura popular (p. 149).

Nomeado em 1934 para a pasta da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema exerceu seu cargo até 1945. Programou uma reforma educacional denominada Lei Orgânica do Ensino, que teve esse nome até 1946. Já no Estado Novo e durante o Governo Provisório, o Ministro da Educação, Raul Leitão de Cunha, organizou o ensino primário supletivo com o antigo nome de Lei Orgânica de Ensino, destinado a adolescentes e adultos, com a duração de dois anos e criou também o Fundo Nacional de Ensino (FUNEP). Desde então, os recursos do fundo foram destinados à campanha da alfabetização de adultos e proporcionaram maciça alteração do Estado Novo para a população analfabeta. Era necessário, segundo Paiva (1987) “ampliar as bases eleitorais em curto prazo” (p.183).

Para o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, em 1947, o então Ministro da Educação convocou o I Congresso Nacional de Educação de Adultos, num clima de entusiasmo, pois se acreditava ter encontrado a solução para fazer cidadania, por meio da educação de adultos. “Ser brasileiro é ser alfabetizado,” dizia o slogan da campanha, (*idib.*, p. 187).

Ribeiro (1997) destaca que:

Nesse período, a educação de adultos define sua identidade tomando a forma de uma campanha nacional de massa, a Campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947. Pretendia-se, numa primeira etapa, uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois

períodos de sete meses. Depois, seguiria uma etapa de “ação em profundidade”, voltada à capacitação profissional e ao desenvolvimento comunitário. Nos primeiros anos, sob a direção do professor Lourenço Filho, a campanha conseguiu resultados significativos, articulando e ampliando os serviços já existentes e estendendo-os às diversas regiões do país. Num curto período de tempo, foram criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas administrativas, de profissionais e voluntários (p. 19).

Foram mais de dez mil classes de alfabetização, espalhadas por todos os municípios do país; o grande erro foi a falta de experiência dos professores para a pesquisa acadêmica, e na arte de alfabetizar adultos.

Para Carlos (2008):

Embora a Campanha tenha sido designada pela expressão ‘Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos Analfabetos’, recorrentemente ela foi descrita como Campanha de Educação de Adultos. A expressão foi incorporada, de uma vez por todas, à ordem discursiva educacional, nessa época. A ponto de nomear um dos serviços educacionais realizados pelo Departamento Nacional de Educação de Serviço de Educação de Adultos. Em segundo lugar, a assertiva de que o aparecimento e o emprego da expressão ‘educação de adultos’, enquanto signo identificador da prática educativa destinada a jovens e a adultos, tenha uma localização histórica e discursiva determinada implica, necessariamente, o reconhecimento de que essa modalidade educativa tenha sido descrita de outras maneiras. De fato, nossos estudos encontraram o registro de várias designações: escola noturna, alfabetização, ensino primário supletivo, ensino profissional, instrução primária das praças, educação de adolescentes e adultos analfabetos (p. 7).

Os argumentos didáticos visavam à alfabetização de crianças, mas a realidade não era essa. Sabe-se que uma classe de adultos é heterogênea, e que a diversidade de pessoas faz com que a bagagem trazida seja ela familiar, cultural e social é diversificada. Também é acompanhada de vivências e experiências que deixam essa modalidade educacional bem diferenciada e complexa.

Segundo Romão (2001) “professor-instrutor qualquer um pode ser, dado que é possível ensinar relativamente com o que se sabe; mas Professor/Educador nem todos podem ser, uma vez que só se educa o que se é!” (p. 39).

Nessa modalidade de ensino EJA, existem alunos de todas as faixas etárias desde: adolescentes, jovens, adultos maduros e até alunos da terceira idade, que contribuem para uma classe plena de desafios, que requer um profissional com maior capacitação e experiência educacional, além de sensibilidade e bom senso para conseguir alcançar os objetivos propostos. Já que os alunos são vistos como pessoas que precisam de ajuda, além de educação, precisam de professores mais sensíveis, pois, nas entrelinhas da rotina escolar, são vividas intensamente múltiplas experiências e desafios, questionamentos humanos, muitos deles até conflituosos.

Dessa maneira, a I Campanha Nacional de Alfabetização foi erguida sobre um alicerce com pouca estrutura e com muitos equívocos, resultando a EJA mais uma vez, em fracasso.

Durante toda a década de 1940, várias mudanças ocorreram na Educação de Jovens e Adultos; percebeu-se um crescimento quantitativo, com um maior número de vagas para a modalidade de ensino e a responsabilidade do Estado pela oferta desse atendimento educacional. Assim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a ser uma questão de segurança nacional, pois o atraso do país foi associado à falta de instrução de seu povo. Em 1942, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), atrelado à Educação de Jovens e Adultos e à educação profissional. Com o período pós-guerra e a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura (UNESCO) solicitou-se esforço para erradicar o analfabetismo mundial e ao mesmo tempo, eram denunciadas ao mundo as profundas desigualdades entre países e alertava-se para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a Educação de Jovens e Adultos, considerada como atrasada.

Com isso, os partidos políticos e a modalidade de ensino EJA aliavam interesses em forma de campanha política para os cidadãos aprenderem a assinar seus nomes, ou apenas copiar e usar o direito do voto para o candidato que mais lhes chamasse a atenção, ou seja, para aquele que lhe promettesse dar mais presentes. As promessas e ações que não podem cumprir são e continuam sendo práticas bastante usadas, para enganarem a população mais carente de nosso país.

Em 1947, teve início o Serviço de Educação de Adultos (SEA), como serviço especial do Departamento Nacional da Educação, do Ministério da Educação e Saúde, cuja atuação tinha o objetivo de reorientar e coordenar os trabalhos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.

Os esforços empreendidos durante as décadas de 1940 e 1950 fizeram cair os índices de analfabetismo das pessoas acima de cinco anos de idade para 46,7% no ano de 1960. Os níveis de escolarização da população brasileira permaneciam, no entanto, em patamares reduzidos quando comparados à média dos países do primeiro mundo e mesmo de vários dos vizinhos latino-americanos (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 111).

1.3 MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NAS NOVAS CAMPANHAS GOVERNAMENTAIS

O Serviço de Educação de Adultos do MEC (SEA) foi atuante até a década de 1950, quando se tornou Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Essa campanha ajudou os candidatos que estavam concorrendo a um cargo público a distribuírem materiais didáticos para mobilizar a opinião pública, fato que teve uma influência significativa, e que acabou criando uma infra-estrutura nos estados e municípios, na mesma década.

Em 1952, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural e, em 1958, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo; ambas tiveram uma vida muito curta. No último ano da década de 1940, duas ações foram muito importantes para a Educação de Jovens e Adultos: o Seminário Internacional de Educação de Adultos, patrocinado pela UNESCO e pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e, no mesmo ano, a I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, que aconteceu na Dinamarca e teve como eixo central a educação de adultos para uma educação duradoura de paz e continuada.

Todas essas campanhas e eventos tiveram um declínio e desinteresse por diversos motivos: má remuneração dos professores, material didático inadequado e o pior de todos os motivos: as campanhas criadas como movimento apenas para preparar eleitores e não cidadãos críticos e participativos de uma sociedade que já emergia e tinha como eixo uma participação internacional. Nesse contexto, de educação, o Ministério da Educação empreendeu esforços na realização de diversas campanhas educacionais, a partir da década de 1960 declarou que a taxa de analfabetismo caiu em 46,7% nos índices de analfabetismo

em pessoas a partir dos cinco anos de idade. (Haddad, 1987, p. 12) mais ainda assim os níveis de analfabetismo eram alarmantes.

Já quase no final da década de 1950, precisamente em 1958, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, Paulo Freire com sua Pedagogia da Libertação, e uma visão marxista de Terceiro Mundo, considera os pobres como uma classe de oprimidos e reconhece em público o fracasso da campanha, do ponto de vista educativo. No início de 1960, criaram-se os centros populares de cultura (CPC), que floresceram em todo o país e incluíram campanhas de alfabetização, lideradas pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e os movimentos de Cultura Popular, tendo como objetivo educar para a liberdade, para a autonomia. Esse movimento foi vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

No fim da década de 1950 e início da década de 1960, Paulo Freire contribuiu muito para a alfabetização no país, e a continuidade de seu trabalho acabou não se dando aqui no Brasil, por força da ditadura militar que se implantou e o afastou por longo período. Nos anos de 1961 a 1963, houve uma mobilização nacional contra o analfabetismo, pois as classes populares brigavam por uma posição social, mas o período era de efervescência política e cultural. Nesse sentido, Beisiegel (1982) confirma o papel preponderante e ainda mais abrangente na atuação de Freire:

Não é demais reafirmar que o projeto pedagógico de Paulo Freire exprimia o compromisso com os ideais cristãos de promoção do homem à condição de sujeito e de realização das possibilidades humanas de aperfeiçoamento. Alongando-se ao plano da existência coletiva e à entidade maior em que esta existência se definia, tais intenções eram traduzidas em termos mais amplos, identificando-se, agora, com a defesa da democratização fundamental da sociedade e com a busca do desenvolvimento econômico e da auto-apropriação do ser nacional. Nas análises do educador, estas dimensões individuais e coletivas do projeto apresentavam-se intimamente associadas. A criação de condições para a superação da pobreza dos homens do povo confundia-se com o processo de desenvolvimento econômico, e este, por sua vez, pressupunha a conquista da autonomia nacional (p. 288).

Foi fundado, em 21 de março de 1961, o Movimento de Educação e Bases (MEB), que continuou a realizar sua prestação de serviços de educação de

base para as populações mais excluídas. Por influência dos setores mais fortes da Igreja Católica, o MEB paralisou suas ações durante dois anos e nada foi feito pelo aluno adulto brasileiro, a não ser pela sua evangelização. Esse fator agravou a situação do país, havendo uma repercussão internacional ruim, que fez com que a UNESCO interferisse, com apelo, no sentido de que programas de erradicação do analfabetismo fossem criados e retomados.

Em 1963, ocorreu uma II Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, em Montreal, com dois enfoques distintos: a continuação da educação formal e a educação de base comunitária, pois nessa mesma época o adulto analfabeto era tido como ignorante e imaturo e deveria ser atualizado para poder participar como cidadão de uma sociedade em transformação. Esse Congresso inicia um novo paradigma de reflexão para educadores, que passam a buscar uma nova metodologia eficaz que atendesse a essa modalidade de ensino de forma satisfatória. Segundo Paiva (1973):

[...] marcava o Congresso o início de um novo período na educação de adultos no Brasil, aquele que se caracterizou pela intensa busca de maior eficiência metodológica e por inovações importantes nesse terreno, pela reintrodução da reflexão sobre o social no pensamento pedagógico brasileiro e pelos esforços realizados pelos mais diversos grupos em favor de educação da população adulta para a participação na vida política da Nação (p. 210).

Permitiu-se, assim, que o educador passasse a reconhecer o educando adulto com suas especificidades, atuante na sociedade e a partir de então, era necessário instruí-lo de forma adequada.

Vários programas de alfabetização até meados de 1964 foram desenvolvidos, entre eles vale destacar o MEB, uma iniciativa do Governo Federal em parceria com a Igreja Católica do Brasil, que tinha o objetivo de realizar um movimento de alfabetização para jovens e adultos das regiões carentes do país; os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes que tinham a finalidade de difundir a cultura popular e a arte regional também nas camadas populares.

O golpe militar de 1964 suprimiu ou sufocou um grande número de programas da alfabetização, quando as instalações da UNE foram incendiadas. No

período pós 1964, do regime militar, as políticas educacionais foram marcadas pelo tecnicismo, mediante as exigências do mercado de trabalho para atender à indústria por meio de mão de obra qualificada.

Em 1967, é criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que veio para substituir o Movimento das Cruzadas, e assim suprimir o movimento popular. Um programa que segundo Jóia et al. (1999) objetivava “resolver o problema do analfabetismo” (p. 14). Esse programa tinha como objetivo central contribuir para a aprendizagem do aluno em relação à leitura e à escrita em detrimento de um processo de formação que capacitasse o educando a exercer a cidadania. Outro objetivo do MOBRAL tinha o propósito ideológico de controle em favor dos governos militares; nesse período a educação sofreu forte repressão, pois aos educadores era permitido somente o ensino das letras e qualquer ação por parte do educador de mudar a visão do educando, poderia considerá-lo como um comunista e subversivo.

O governo na época acreditava que o MOBRAL conseguiria resolver os problemas do analfabetismo, o qual estimou a extinção do programa em dez anos. Tal fato também não deu certo, pois era um programa semi-oficial e veio atender às questões sociais e não educacionais. Entretanto, a pressão internacional deixou os militares com outra expectativa com relação à educação de adultos. Assim se comprometeram a reconstruir essa modalidade, não se esquecendo de que cada cidadão tinha um direito. Os militares propunham construir um país melhor com todos os indivíduos escolarizados e participativos de sua sociedade.

Dessa maneira os militares respondiam à orientação da UNESCO, que promulgava o combate ao analfabetismo e a universalização da educação básica como estratégia de desenvolvimento socioeconômico e à manutenção da paz.

1.4 O MOBRAL COMO REFERÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O MOBRAL cuidou principalmente da estruturação do curso, nos primeiros anos de criação e as atividades de alfabetização tiveram início efetivamente por volta de 1970. Nesse mesmo ano, duas correntes educacionais para adultos se formaram: o Programa de Alfabetização Funcional (PAF),

completado em cinco meses e o Programa de Educação Integrada (PEI), este uma versão compactada do antigo curso primário e feito após o curso de alfabetização. Os cursos ocorriam no período noturno em espaços ociosos da comunidade, como salas de associação, escolas, igrejas etc. O MOBRAL se consolidou na III Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, em Tóquio, em 1972, e desvelou como maior objetivo reintroduzir jovens e adultos analfabetos no sistema de educação formal.

Nessa mesma época, a promessa do governo militar para a educação de jovens e adultos era extinguir o analfabetismo em menos de dez anos, carência classificada como vergonha nacional. Esse foi o período de maior intensidade do MOBRAL, UMA VEZ que a mídia estava a favor e havia muito dinheiro resultante da cobrança de impostos. Em 1970, com o MOBRAL, a taxa de analfabetismo caiu de 33,6% para 20%, porém comparando esses dados com a grande massa populacional, pouco se alterou em termos quantitativos, assim o país continuou com uma imensa quantidade de analfabetos.

No fim da década de 1980, na cidade de São Paulo, Paulo Freire, então Secretário de Educação Municipal, implantou o projeto Movimento de Alfabetização e Pós-Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), um programa que possuía convênio com a Secretaria Municipal de Educação e Movimentos Populares, estabelecendo um objetivo com o educando: a construção de seu próprio conhecimento.

A proposta pedagógica de Paulo Freire utilizava-se de palavras geradoras, ou seja, palavras que faziam e fazem até os dias de hoje, parte do contexto do indivíduo, palavras pesquisadas junto aos alunos para melhor aprendizagem. A grande diferença do método educativo de Paulo Freire e o MOBRAL é que Freire utilizava palavras tiradas do cotidiano dos alunos e no MOBRAL, essas palavras eram definidas pelos tecnocratas que as escolhiam a partir de estudos das necessidades humanas básicas, necessidade essas que os militares achavam corretas e pertinentes ao contexto político e ideológico, conforme esclarece Jannuzzi (1979):

[...] Paulo Freire constrói sua pedagogia baseando-se na crença da igualdade ontológica dos seres humanos, enquanto seres capazes

de crítica, autêntica, finitos, inacabados, históricos. O MOBREAL constrói sua proposta pedagógica baseado na crença de que a elite é capaz de elaborar projetos os melhores possíveis, que devem ser executados obedientemente pelo povo [...] (p. 79).

A metodologia de Freire é muito diferenciada, e por meio dela a teoria informa a educação não neutra, considerando que a escola tem uma função conservadora, pois ela reflete e reproduz as injustiças da sociedade. Porém, ela também pode ser inovadora, uma vez que os educadores podem ter uma autonomia relativa e dessa maneira o professor faz o papel de um político-pedagógico, transformando homens e mulheres em sujeitos da história. Pode também ser apresentada como neutra pela pedagogia das classes dominantes e a pedagogia dos oprimidos. Com sua *Pedagogia Libertadora* e sua *Pedagogia do Oprimido*, mostra as relações de dominação no campo educacional para alfabetizar adultos excluídos e marginalizados. Seu método visa à mudança radical na educação e seus objetivos de ensino partem da compreensão de que aluno não apenas sabe da realidade em que vive, mas também participa de sua transformação. O autor postula que:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2005, p. 34).

Isso é sinônimo de voltar a viver e se sentir importante dentro de um sistema no qual a leitura e escrita têm muita importância. A alfabetização é uma ferramenta para domesticar, vendar os olhos dos seres humanos, mas também para oferecer subsídios de libertação. Com sua pedagogia, Freire indicou que a alfabetização de adultos necessita de um ambiente distinto de aprendizagem, para investigar o mundo que rodeia as questões e problemas que os analfabetos carregam como se estivessem estigmatizados pela sociedade.

a sociedade tradicional brasileira fechada se havia rachado e entrado em trânsito, ou seja, chegara o momento de sua passagem para uma sociedade aberta e democrática. O povo emergia nesse processo, inserindo-se criticamente, querendo participar e decidir, abandonando sua condição de objeto de história (FREIRE *apud* PAIVA, 1973, p. 251).

Esse programa educacional estava preocupado somente em contribuir para a escrita e a leitura e não com a capacitação do cidadão para o exercício da cidadania. Nesse período, os movimentos organizados em torno de reivindicações de direitos educacionais eram vistos como subversivos e tão somente poderiam atender aos interesses dos governos militares. O homem tem como direito colocar suas capacidades a serviço da sociedade, uma vez que se relaciona com o outro igual a ele e com o meio em que vive; só assim assumirá suas responsabilidades sociais, culturais e econômicas.

[...] Na sua origem, em meados dos anos 70 ou até mesmo antes disso, as escolas comunitárias consistiram na resposta emergencial e imediata das comunidades à ausência de serviços públicos nos bairros populares, num momento de urbanização intensa e crescimento da participação feminina no mercado de trabalho e na vida política (em especial nas associações de bairro). Configurando uma rede difusa de creches e pré-escolas, centros de juventudes complementares à escola e classes de alfabetizações de jovens e adultos, improvisadas em igreja, salões comunitários e associações de bairro ou mesmo na residência de seus participantes, (DI PIERRO, 2000. p. 67, parênteses da autora)

Essa citação confirma que o MOBREAL concordava que as atividades devessem ser transformadoras de opiniões e apresentou como objetivo a integração das classes populares e dos gêneros nos projetos de desenvolvimento do país.

O MOBREAL teve alguns programas dentro dele mesmo. O primeiro, o *Programa de Alfabetização Funcional*, que tinha como objetivo fazer com que o aluno aprendesse as técnicas de leitura, escrita e cálculos, para que participasse do meio social e pudesse operar efetivamente dentro da sociedade, saindo do ostracismo e da marginalidade. As habilidades que deveriam ser desenvolvidas eram: aprender a ler, escrever e contar; enriquecer o vocabulário; desenvolver o

raciocínio; criar costumes em relação ao trabalho; incentivar a criatividade e obter de senso de responsabilidade.

O segundo projeto que o MOBRAL apresentou foi o *Programa de Educação Integrada* que implantou, em 1971, a partir da continuidade do programa anterior, o de Alfabetização Funcional. Esse programa passou por um processo de expansão de 1972 a 1976 e firmou convênios com as Secretarias de Educação, sendo que o acompanhamento e a emissão de certificados de conclusão ficavam a cargo dessas. Entretanto, em 1976, com a possibilidade de o ensino primário para adultos estabelecer convênios com escolas particulares, não houve mais necessidade do referendo. Com isso, temos uma progressiva independência do Mobral em relação às Secretarias da Educação, pois o movimento coloca-se fora dos organismos públicos estaduais e municipais de administração do ensino.

O terceiro programa dentro do MOBRAL foi o *Programa MOBRAL Cultural*. Criado em 1973, era uma continuação dos outros programas e visava uma educação permanente reforçando a alfabetização, evitando a evasão dos alunos e as reprovações; tinha como objetivo utilizar a comunidade como apoio para essa proposta.

Por fim, o quarto programa do MOBRAL foi o *Programa de Profissionalização*, que teve como objetivo diversificar as atividades desenvolvidas a partir de um convênio com o PIPMO.

O Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra – PIPMO – foi concebido pelo governo de João Goulart em 1963 e executado durante a ditadura militar até sua extinção em 1982. Corresponhia a cursos profissionalizantes, que ocorriam em todo o país, para trabalhadores pouco escolarizados, com encaminhamento para o emprego. Esse programa tinha como objetivo fornecer uma melhoria da condição socioeconômica, para alunos continuarem seus estudos, mesmo depois de alfabetizados e que precisavam trabalhar; a metodologia utilizada era o treinamento por famílias, para alcançar: atendimento em larga escala; atendimento em nível de semi-qualificação; mobilidade no mercado de trabalho e adequações à realidade da clientela que frequentava o MOBRAL.

Nos anos de 1980 houve uma mudança na compreensão de alfabetização em sua relação com o país e sua redemocratização. Nesse momento é possível notar um processo de transição do regime autoritário para o democrático. Buscava-se o direito ao voto e à livre manifestação. Os movimentos sociais foram um dos

elementos de mudanças políticas ocorridas entre 1978 a 1985; expressavam tendências profundas da sociedade que assinalavam a perda de sustentação do sistema político instituído pelo militarismo. Mas, foram mais do que isso: foram fatores que aceleraram a crise e que apontaram um sentido para a transformação social, “havia neles a promessa de uma radical renovação da vida política” (SADER, 1988, p. 133).

Ao longo dessas décadas, pode-se observar a recorrência com que temas como ambiente, mulheres, assentamentos humanos, populações, entre outros, tiveram destaque. Os anos de 1980 foram marcados por processos de democratização do país como movimentos das *Diretas Já*, da *Constituinte*, criando perspectivas de ampliação dos direitos sociais. Surgiram muitos movimentos sociais, como os:

- Sem Teto;
- Sem Terra;
- Centro de Movimentos Populares (CMP);
- Contra a Fome e a Miséria e pela Vida;
- Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR);
- De Mulheres;
- Homossexuais;
- Sindical;
- Central Única dos Trabalhadores (CUT);
- Pastorais Sociais.

Esses movimentos foram pautados pela necessidade e atribuições de valorizar a educação como estratégia para obter resultados em cada área. Como os temas defendiam, na maior parte das vezes, questões que afetavam maiores contingentes populacionais de jovens e adultos, tornava-se evidente a descentralização das políticas públicas com que as conferências pensavam a educação de jovens e adultos, e que seguramente nas lutas pelos movimentos sociais, contribuíram para compor novas pautas nas agendas do governo. Tais aspectos podem ser verificados na Constituição de 1988 que garantia no artigo 208 – Inciso I “ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria” e no artigo 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, havia o compromisso do Poder Público de em dez anos

desenvolver esforços para eliminar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental, com recursos previstos para esse fim, como já foi comentado nos parágrafos anteriores.

1.5 MUDANÇAS E QUEBRA DE PARADIGMAS

Vários investimentos aplicados no MOBRAL eram arrecadados de uma parte dos rendimentos da Loteria Esportiva e das deduções do Imposto de Renda. Mas, o investimento não obteve sucesso e nem rendeu os efeitos esperados, pois, ao final do período, foi constatado que o valor repassado para um aluno era caro demais e seu objetivo passara a ser ineficiente.

Em 1985, o MOBRAL foi substituído pela Fundação Educar, que passou a fazer parte do Ministério da Educação; ao contrário do MOBRAL que centralizava a ação de alfabetização, a Fundação exercia a supervisão e o acompanhamento junto às instituições e secretarias dos governos estaduais e municipais, que recebiam os recursos transferidos para a execução de seu programa.

Entre as diferenças mais marcantes entre o MOBRAL e a Fundação Educar foram que esta última:

- estava dentro das competências do MEC;
- promovia a execução dos programas de alfabetização por meio do apoio financeiro e técnico às ações de outros níveis de governo, de ONGs (Organizações Não Governamentais), e de empresas, e tinha como meta a educação básica;
- as verbas para a execução dos programas iam para as Prefeituras Municipais por meio das Coordenações Estaduais (COEST) que recebiam os recursos da Educar.

A Educar tinha como objetivo executar e promover programas de alfabetização, de educação fundamental ou básica, como era conhecida antigamente, para aqueles que não frequentaram a escola em idade escolar, ou para aqueles que, de alguma forma, foram excluídos dela.

Em 1990, quase no fim do século e com uma história sobre a EJA de fracassos e mentiras políticas, a Educar foi extinta em março daquele ano. A

extinção da Fundação Educar teve como motivo principal o “enxugamento” de contas e retirada de subsídios estatais, para controlar a inflação.

O governo vigente também tirou o carro chefe de ajuda financeira do MOBRAL e da Fundação Educar os 2% da contribuição de pessoas jurídicas no imposto de renda. Com o fim da Fundação Educar, muitos órgãos tiveram que arcar sozinhos com as despesas da responsabilidade pelas atividades educativas do segmento EJA, responsabilidade que antes era da União e passou a ser somente do município, aumentando a procura por matrículas.

No início do governo Collor, a prioridade era estender a educação a toda população e, com isso, veio a mudança do nome da educação básica de *Ensino Básico* para *Ensino Fundamental*, e priorizou-se a modalidade básica devido aos recursos para a educação no país. Com isso, acreditava-se que as futuras gerações superariam o problema do analfabetismo. Com o objetivo de estender a educação a toda população, o Ministério da Educação (MEC) lançou o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PANAC) e que teve uma curta duração, apenas o período de um ano. Nessa época algumas personalidades defendiam que o problema do analfabetismo poderia ser resolvido com a alfabetização de crianças no ensino primário, por essa razão não se fazia necessário investir na educação de jovens e adultos.

1.6 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ERA NEOLIBERAL

Com o *impeachment* do presidente Collor, o PANAC não obteve grandes resultados. Entre outros, o programa prometia uma união com todos os órgãos: federais estaduais e municipais, para promoverem a alfabetização e a elevação dos níveis de escolaridade dos jovens e adultos; posteriormente, no mandato de Itamar Franco, o PANAC foi abandonado. Pereira (2007) postula que durante o governo Collor não houve investimento na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo a autora:

Paralelamente ao descaso do Governo Federal, no entanto, muitos grupos de alfabetização de adultos ressurgem por meio de

comunidades, sindicatos e ONGs. A experiência do MOVA também se espalha por todo o Brasil, sendo implantada por Estados e Municípios com governos democráticos (p. 64).

Esse descaso foi tão grande que a EJA passou a ocupar um lugar subalterno nas políticas educacionais. Em 1996, a Emenda Constitucional 14, de Fernando Henrique Cardoso, em sua gestão de Presidente de 1995 a 2002, suprimiu a obrigatoriedade do Poder Público de oferecer educação gratuita ao Ensino Fundamental de Jovens e Adultos que não tiveram acesso no passado e suprimiu o artigo 60 que determinava acabar com o analfabetismo em dez anos. Esta Ementa cria o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), que não inclui a EJA nas suas distribuições de recursos.

Na oferta dessa modalidade, são incentivados programas como o Programa de Alfabetização Solidária (PAS) que surgiu em janeiro de 1997, como uma meta governamental do presidente Fernando Henrique Cardoso, que visava como atuação imediata a alfabetização de jovens e adultos nas regiões Norte e Nordeste do país. Mas, só teve êxito nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, e em outros países da África que falam a língua portuguesa.

O PAS e seu “Adote um Analfabeto” tinha como eixo principal cursos com duração de cinco meses, sem a garantia de prosseguimento na rede pública, o que quer dizer que, mais uma vez, percebe-se a reprodução de modelos ineficazes de campanhas emergenciais.

A V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA) realizou-se na cidade de Hamburgo, Alemanha, em julho de 1997. Essas Conferências Internacionais acontecem de doze em doze anos e têm a UNESCO como principal agência promotora. A impressão que se tem é que sem a insistência da UNESCO, a EJA já teria desaparecido das políticas públicas mundiais.

O eixo central de discussões são os campos de ações da educação de adultos e a apresentação dos relatórios para verificação de avanços ou retrocessos. Assim, a UNESCO demonstra que será impossível tratar a EJA de forma leviana; a cada encontro tem-se a impressão da participação das nações como um ato de resistência. Porém, cada vez mais ações são cobradas por ONGs que não podem

votar, mas podem ter voz para brigar pelos direitos dos analfabetos. A *Declaração de Hamburgo* determina que:

A educação de adultos [...] torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania, como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. A educação de adultos pode modelar a identidade do cidadão e dar um significado à sua vida. A educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores, como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades econômicas (UNESCO, 1997, p. 18).

Passaram-se décadas sem que políticas públicas expressassem os acordos firmados em Hamburgo; mesmo constrangido, o Brasil assinou este tratado. A propósito, o Brasil sediou a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos – CONFINTEA que aconteceu em Belém/Pará de 01 a 04 de dezembro de 2009. E terá que prestar contas de como andam suas ações em relação ao EJA. Esse encontro tem como finalidade reafirmar e reconstruir a Educação de Jovens e Adultos, além de desenvolver ações que contemplem a civilização mundial e principalmente a população do Brasil, já que têm problemas econômicos, políticos e sociais. Foram discutidos vários aspectos dentro das propostas educacionais da atualidade, dentre eles podemos destacar: alfabetização, direito à educação, educação nas prisões, juventude e diversidade.

Restou à sociedade fazer o que pôde, ao assumir o lugar da resistência, da organização social, dos projetos de pequeno porte, mas, vitais para manter o desejo de alguns a terem acesso e saber que terão a possibilidade de um dia saber ler e escrever. A esse respeito como se refere Freire (1979) “posto diante do mundo, o homem estabelece uma relação sujeito-projeto, no qual nasce o conhecimento que ele expressa através da linguagem. Esta relação é feita também pelos analfabetos, homens comuns” (p. 56).

O que se pode perceber é que esse insuficiente contingente de políticas, planos, ações e formas de campanhas, fez da EJA uma modalidade de exclusão

educacional que, por sua vez, fez dos jovens pessoas que passaram pelo sistema de ensino, porém nele tiveram aprendizagem insuficiente. Assim a população deixou de ser somente analfabeta – ou o analfabeto absoluto – para pertencer a um grupo numeroso de jovens e adultos que precariamente conseguem ler, escrever e interpretar os códigos da leitura e da escrita. Assim, passaram a serem conhecidos como os analfabetos funcionais, aqueles que sabem ler e escrever, porém não conseguem entender o que leram ou escreveram.

Em vez de analfabeto, fala-se analfabeto funcional. Ao longo do século XX, a porcentagem de analfabetos absolutos vem declinando; porém, em 1996, quase um terço da população com mais de 14 anos nem sequer havia concluído os quatro anos do ensino básico. Concluir que uma pessoa é analfabeta porque não frequentou a escola não é mais uma forma de avaliar e categorizar, já que essa grande massa de jovens e adultos que frequentaram a escola, mas não obtiveram uma escolarização bem sucedida, são analfabetos funcionais.

Frequentar os bancos escolares e não conseguir aprender vem sendo um dos maiores problemas da sociedade contemporânea; não participar da vida política, econômica, financeira e cultural de sua nação faz com que a sociedade excluída se sinta humilhada e incapaz. Para Gadotti (2005):

A educação de Adultos, como parte da educação popular, tem uma arma teórica que nasceu da prática da organização popular para enfrentar desafios, sendo que a luta contra o analfabetismo tem a marca das organizações não- governamentais e dos movimentos populares, antes apresentados como movimentos populares com caráter revolucionário ou reivindicativo e hoje com caráter programático (p. 95).

O Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA – SP, implantado na gestão da prefeita Luísa Erundina e durante a gestão de Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação de São Paulo (1989-1992), coloca-se como uma das estratégias para lidar com esse desafio de alfabetização, já que estabelece uma parceria entre comunidades e governos municipais. Organizações comunitárias, ligadas a movimentos sociais indicam os alunos e as comunidades organizam os cursos; de outro lado, as prefeituras oferecem a formação continuada

aos educadores e pagam os custos. O texto abaixo escrito pelo Instituto Paulo Freire tem a função de explicar a importância do MOVA São Paulo, na alfabetização de adultos.

Dia 1 de janeiro de 1989 um partido popular assumia, pela primeira vez na sua história, a mais importante cidade do país: São Paulo [...] A participação popular foi à marca impressa à administração da prefeitura de São Paulo nos anos de 1989 – 1992. Governar com a participação do povo [...]. Para isso foi preciso operar uma profunda reforma do Estado e das instituições políticas do município, introduzindo novos atores no processo decisório, isto é, a população excluída e segregada da metrópole.

Para tornar possível a democratização das decisões foi necessário introduzir o respeito à autonomia dos movimentos sociais e de suas organizações; abrir canais de participação a partir da nova administração; e muita transparência administrativa, isto é, ampla democratização das informações.

A participação popular é um processo efetivo de educação de adultos, pois desenvolve e fortalece a consciência da cidadania da população, para que ela assuma o seu papel de sujeito da transformação da cidade. Para isso, o essencial é que a população, [...] compreenda minimamente o funcionamento da administração, a elaboração do orçamento e as leis que regem a administração pública e também limitam a ação transformadora. Foi diretriz do governo popular e democrático da cidade de São Paulo “estimular a criação de canais democráticos institucionais, que possibilitem à população se apropriarem efetivamente das informações, através de um processo educativo, dirigido à produção de decisões sobre a totalidade das problemáticas da cidade” (PMSP, 1990, p. 2).

A partir das ideias do texto referido e na metodologia de Paulo Freire, o MOVA – SP tem grande repercussão na cidade de São Paulo e em outros estados do país, também pela aceitação da pluralidade de métodos pedagógicos, além do método Paulo Freire. A metodologia deveria obedecer à concepção libertadora de educação e evidenciar o papel da educação em um novo projeto histórico, que parte da concretude na construção do saber.

O 1º Encontro Nacional do MOVA, em Porto Alegre, coincidiu com o Fórum Mundial de Educação. Algumas ações foram ali discutidas, como a articulação dos espaços plurais, que visam ao entendimento entre segmentos governamentais e não governamentais, para objetivarem e socializarem as experiências e intervir nas políticas públicas.

O 2º Encontro Nacional para o MOVA-ABC ocorreu em julho de 2002, e teve como pauta o aprofundamento do conceito de parcerias, questões de gênero, etnia, e portadores de necessidade especiais.

O 3º Encontro Nacional do MOVA deu-se em Goiânia em meados de agosto de 2003, e teve como tema: *MOVA como Políticas Públicas*; nesse momento discutiu-se sobre a constituição da rede nacional de MOVAS denominada MOVA BRASIL, a fim de expandir a troca de experiências e conhecimento e refletir sobre suas práticas.

Em Campo Grande – MS, de 09 a 11 de junho de 2004, foi realizado o 4º Encontro Nacional do MOVA com a temática MOVA BRASIL na Política Pública de Educação de Jovens e Adultos, com o objetivo de debater o papel do poder público, no financiamento do MOVA BRASIL e fortalecer suas práticas pedagógicas.

Já no 5º Encontro Nacional do MOVA, realizado em Brasília em junho de 2005, foi discutida a educação popular libertadora, política pública e diversidade, buscando comprometer o poder público, cada vez mais com a rede MOVA Brasil, na luta pelo direito à Educação de Jovens e Adultos. O objetivo principal era fortalecer os princípios políticos pedagógicos de Paulo Freire, na formação dos educadores populares e a inclusão digital.

O 6º Encontro foi em Fortaleza, em junho de 2006, e teve como foco a Interface com Políticas Públicas da EJA.

Em 2007, com o IX ENEJA – Espaços de Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos – encontro que acontece desde 1999 – teve como temática a Atualidade do Pensamento de Paulo Freire e as políticas do EJA.

O MOVA estabelece algumas aprendizagens mínimas que os educandos desse programa devem desenvolver. As metas são as seguintes:

I – Em relação à linguagem oral:

- a) Aperfeiçoar recursos expressivos para falar com mais desenvoltura perante o grupo;
- b) Argumentar em defesa de suas ideias;
- c) Expor dúvidas e identificar as diferentes opiniões expressas pelos colegas.

II – Em relação à escrita:

- a) Apropriar-se do sistema de representação da escrita, ainda que cometa muitos erros de ortografia;
- b) Escrever textos legíveis e que comuniquem ideias, sentimentos e pontos de vista, ainda que apresentem problemas de pontuação e muitas características que marcam a linguagem oral, como a repetição de palavras e ideias.

III – Em relação à leitura:

- a) Desenvolver uma atitude favorável em relação à leitura e escrita de textos;
- b) Identificar os tipos de textos mais usuais;
- c) Relacionar o formato dos textos com seu conteúdo e intenções comunicativas;
- d) Usar estratégias de leitura, como a capacidade de antecipar o conteúdo do texto a partir do título ou das ilustrações;
- e) Compreender textos lidos em voz alta pelo educador;
- f) Ler e compreender textos que tratam de temas familiares e assuntos de seu interesse, demonstrando essa compreensão por meio da exposição oral das ideias principais.

IV – Em relação à matemática:

- a) Contribuir para o desenvolvimento de atitudes solidárias, de coresponsabilidade e de tolerância;
- b) Possibilitar o desenvolvimento do pensamento e sua aplicação na solução de problemas do dia a dia;
- c) Favorecer a realização de atividades ligadas ao mundo do trabalho;
- d) Permitir o acesso a diferentes áreas do conhecimento;
- e) Contribuir para o desenvolvimento pleno das pessoas.

Ao longo dessas décadas, a EJA desenvolveu vários programas e iniciativas para um pleno desenvolvimento da população para os não leitores ou os não alfabetizados. Porém essa multiplicidade de programas não conseguiu cumprir os objetivos propostos. Dentre esses programas, merecem destaque:

- Alfabetização Solidária em 1997;
- Brasil Alfabetizado;
- Fazendo Escola em 2005;
- Conexão dos saberes;
- Pró-Jovem;
- Pró- EJA;
- Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (PLANFOR);
- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) 1998.

Infelizmente, na constatação de fracasso da EJA na década de 1990, é possível perceber um duplo processo de exclusão; um construído historicamente pela falta compromisso com a modalidade e o outro pela globalização. Segundo Sonia Rummert (informal verbal)²: “a esse quadro soma-se ainda o que se pode chamar de uma nova etapa de desqualificação, decorrente do caráter evasivo da legislação, da falta de vontade política e da atitude negativa por parte de alguns intelectuais em relação à educação de jovens e adultos”.

É uma mancha vergonhosa em nossa história: “A mobilização brasileira em favor da educação do povo, ao longo de nossa história, parece realmente ligar-se às tentativas de sedimentação ou de recomposição do poder político e das estruturas sócio-econômicas [...]” (PAIVA, 1973, p. 299).

Com a globalização de uma sociedade pós-moderna, faz-se necessário interceder por uma educação de qualidade para um enfrentamento socioeconômico globalizado. É obrigação do ser humano capacitado ajudar o seu semelhante e suprir suas necessidades, tirando-o da condição de opressão e humilhação. E a partir desse breve estudo, espera-se que a crítica à EJA deva ser avaliada e refletida, como ponto e ótica para um Brasil que pretenda erradicar as taxas de analfabetismo.

² Palestra, proferida na CUT/RJ em 8 de outubro de 1999 sobre “Políticas e programas públicos de educação do trabalhador”.

1.7 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O REAL LONGE DO IDEAL

Essa modalidade de ensino (EJA) sempre esteve à margem, entre as políticas públicas. Di Pierro (2009)³ confirma:

Essa é uma questão muito problemática. A EJA sempre ocupou uma posição marginal nas políticas públicas. O Fundef (fundo de financiamento ao ensino fundamental que vigorou de 1996 a 2006) não permitiu a inclusão de matrículas de jovens e adultos. A inclusão da modalidade no Fundeb (atual fundo de financiamento da educação básica) não conseguiu trazer o efeito positivo que se esperava. Não há estudos conclusivos porque os fatos são muito recentes. Alguns gestores públicos creditam a queda de matrículas aos programas federais ProJovem e Brasil Alfabetizado (2009, s/p).

Dessa maneira, é possível elencar uma série de problemas que essa modalidade apresenta atualmente. A primeira delas diz respeito às instituições que se apresentam com fragilidade, devido à oferta insuficiente de vagas para a demanda de analfabetos. A falta de profissionais para a modalidade de ensino EJA deveriam apresentar um perfil especial. Conseguir identificar o potencial de cada aluno faz com que a EJA seja uma modalidade diferenciada. Outros fatores importantes são: a evasão escolar do aluno matriculado no curso regular, a falta de oportunidades e o desemprego, que fazem da EJA uma configuração alarmante das políticas educacionais.

Discorrer sobre os problemas da Educação de Jovens e Adultos pode nos levar a um desabafo individual, por conferir que a Educação de Jovens e Adultos tem como os sujeitos, um educando que é um ser em transformação, que além de procurar a escola, carrega uma bagagem histórica expressiva e como ele se apropria de novos conhecimentos. A partir da frequência nas aulas e com a troca de experiências com o grupo, acrescenta-se a isso, a formação do conhecimento como processo de transformação, individual, coletiva e social; a transformação do sujeito, se dá por meio do efeito imediato na resolução de problemas do cotidiano e não somente a repetição de conteúdos. Nesse sentido, a repetição não os integra à vida

³ Entrevista disponível em: <http://www.cartanaescola.com.br/edicoes/40/a-eja-esta-mais-juvenil>>

social pois é necessário ter uma formação mais voltada aos desenvolvimentos de habilidades, competências e ao seu universo.

Outro agravante que configura a Educação de Jovens e Adultos atualmente é a exclusão do jovem do ensino regular. Nas últimas décadas, houve uma crescente procura por essa modalidade de ensino por jovens e adolescentes, que foram muitas vezes transferidos por apresentarem um comportamento “inadequado” em sala de aula; assim, a procura pela EJA aumentou gradativamente e, com ela, vieram as dificuldades relacionadas. O baixo desempenho escolar desses alunos, os problemas de aprendizagem representam uma grande parcela dos problemas que a EJA enfrenta nessa sociedade. Como postula Mayer (2000)⁴.

A inadequação deste currículo é um dos fatores que tem “empurrado” adolescentes com idade cada vez mais baixa, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos, para a EJA. São comuns os relatos de que adolescentes “indisciplinados” têm sido convidados a freqüentar a EJA, também quando não têm idade para a certificação. Nestes casos, tem sido sugerido que apenas freqüentem as aulas, aguardando a idade para certificação ou que esperem (fora da escola) até atingirem a idade preestabelecida. (p. 2, grifos da autora).

Classes de alunos retidos, expulsos, evadidos, a exclusão de alunos que deveriam freqüentar o ensino regular, fazem da Educação de Jovens e Adultos um campo minado sobre o qual ninguém quer pisar. Professores que não se sentem mais capazes de lecionar pelo absentismo, pela falta de motivação e pela difícil tarefa de alfabetizar diante da complexidade dos adultos, acabam abrindo mão do ofício, e delegando para aqueles que acham que conseguem, em suas tentativas voluntárias. Nóvoa (2009) exemplifica isso de maneira muito verdadeira:

Hoje, a complexidade do trabalho escolar reclama um aprofundamento das equipes pedagógicas. A competência colectiva é mais do que o somatório das competências individuais. Estamos a falar de necessidade de um *tecido profissional enriquecido*, da necessidade de integrar na cultura docente um conjunto de modos colectivos de produção e de regulação do trabalho (p. 40, grifos do autor).

⁴ Isabel (Bel) Santos Mayer – Membro da CNAEJA, fundadora e coordenadora pedagógica de Centros de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA); empreendedora social da Ashoka, desenvolve projetos de aproximação dos jovens de regiões periféricas de SP e as políticas públicas de cultura, educação, saúde, segurança pública; co-coordenadora do Programa de Formação em Direitos Humanos do IBEAC.

Educadores que não estão preparados para lidarem com a diversidade cultural, social, econômica, de idade e carecem de um suporte pedagógico, fazem da modalidade EJA, um desafio contemporâneo.

A pretensão de querer suprir o tempo perdido, a defasagem de conteúdos do ensino regular, estrangulam o procedimento no espaço escolar, ou não escolar, tornando assim a EJA, um fracasso aparente. Para Di Pierro (2001): “A demanda pelo ensino fundamental de jovens e adultos é extensa e complexa, comportando em seu interior uma grande diversidade de necessidades formativas” (p. 61).

Formar adultos implica formar cidadãos capazes de transformar sua realidade e dela retirarem subsídios para a sobrevivência. O objetivo dessa modalidade não é o assistencialismo, mas sim, a busca pela identidade perdida e esquecida.

A identidade educativa pode sim fazer a diferença, quando é oferecida ao jovem, ao adulto e principalmente ao idoso, uma educação escolar mais comprometida com a compreensão de mundo e menos com a compreensão de conteúdos.

Vale ressaltar que o governo federal, está investindo no ensino fundamental regular e que a taxa de analfabetismo tem se mostrado mais baixa, como postulam Gadotti e Romão (1995, p. 36-52) sobre a “eutanasia pedagógica” praticada por sucessivos governos.

Em outro momento Romão (2007) adverte:

Quem pensar um minuto que seja sobre o tema, verá que é óbvio que quem acaba com o analfabetismo adulto é a morte. Esta é a solução natural. Não se precisa matar ninguém não se assustem! Quem mata é a própria vida que traz em si o germe da morte. Todos sabem que a maior parte dos analfabetos está concentrada nas camadas mais velhas e mais pobres da população. Sabe-se, também, que esse pessoal vive pouco, porque come pouco. Sendo assim, basta esperar alguns anos e se acaba com o analfabetismo. Mas só se acaba com a condição de que não se produzam novos analfabetos. Para tanto, tem-se que dar prioridade total, federal, à não-produção de analfabetos. Pegar, caçar todos os meninos de sete anos para matricular na escola primária, aos cuidados dos professores capazes e devotados, a fim de não produzir mais analfabetos. Porém, se se escolarizasse a criançada toda, e se o sistema continuasse matando os velhinhos analfabetos com que contamos [sic], aí pelo ano 2000 não teríamos mais um só analfabeto. Percebem agora onde está o nó da questão? (p. 42).

Para o Senador Darcy Ribeiro com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases a EJA com o passar do tempo, não irá mais existir, já que as novas gerações serão de alfabetizados, os analfabetos irão morrer.

Segundo Castro⁵ (*apud* Gadotti e Romão, 2000):

Esta reversão acelerada dos índices de analfabetismo, sobretudo entre os grupos mais jovens da população, está diretamente relacionado ao processo de universalização do ensino fundamental, que tem se mostrado a estratégia mais eficaz no esforço empreendido pelo Poder Público e pelas organizações da sociedade civil para mudar o perfil educacional do país. Com efeito, os dados dos últimos levantamentos do IBGE indicam que as maiores proporções de analfabetos concentram-se cada vez mais nos grupos de maior idade (p. 9)

Assim, essa pesquisa apresentou o histórico da Educação de Jovens e Adultos, suas implicações históricas e sociais, buscando evidenciar a real necessidade de a sociedade, família, educadores, ambiente escolar e sujeito se envolverem nessa modalidade.

No próximo capítulo, é apresentado um diálogo entre a teoria do envelhecimento e a busca pelo conhecimento, a partir de quatro instituições não escolares que desenvolvem um trabalho de alfabetização com idosos. São apreciadas as expectativas relacionadas pelos sujeitos da pesquisa, bem como sua formação quando crianças e todos os problemas que enfrentaram quando tinham idade escolar. Esses aspectos são apresentados nas respostas de quarenta idosos a um questionário.

⁵ A Professora Maria Helena Guimarães de Castro é Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP),

2 O IDOSO COMO SUJEITO NAS INSTITUIÇÕES

Não me pergunte sobre minha idade, porque tenho todas as idades: eu tenho a idade da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice .

CORA CORALINA

Neste capítulo são desvelados os caminhos metodológicos e a teoria do envelhecimento, iniciando com a definição de velhice, investigando as relações do homem com o tempo, buscando saber como esse percurso, que é singular para cada sujeito, se apresenta e como são suas implicações impactantes dentro da sociedade contemporânea.

Ao abordar um assunto tão complexo, a Bíblia tem um excelente referencial por suas citações, valorizando a experiência da velhice e o fato de não se tratar o assunto com preconceito e tabu, já que todos nós teremos que enfrentar essa fase da vida. No livro de Zacarias, no capítulo 8, versículo 4, lê-se: “... Ainda sentar-se-ão homens idosos e mulheres idosas nas praças públicas de Jerusalém, cada um também com o seu bastão na mão, por causa da abundância de seus dias.” Nessa citação, é possível perceber que os idosos são vistos de uma maneira bastante respeitosa mas, a sociedade contemporânea ainda tem muitos preconceitos a serem revistos e analisados em relação a eles.

Envelhecer não é morrer. Envelhecer é simplesmente aprender a viver com imposições de limites, imposições estas, que são muitas vezes involuntárias. Muito menos, perder a memória, as forças, e a vontade. Envelhecer é aprender a viver melhor e conhecer todas as etapas da vida.

A melhor definição de velhice encontrada entre tantas outras, e que se afinam com as idéias para esta pesquisa, vem das palavras sábias de Cora Coralina, durante o I Encontro Nacional de Idosos, promovido pelo SESC Pompéia, no ano de 1982, na capital paulista, que discutia assuntos de relevância para o segmento, como políticas públicas e privadas, voltada para a faixa etária. Quando foi questionada acerca de sua idade, nos seus oitenta anos, essa sensível poetisa respondeu: “Não me pergunte sobre minha idade, porque tenho todas as idades: eu

tenho a idade da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice” (CORALINA, 1990, p. 78).

No que se refere às definições de envelhecimento, Cora Coralina soube retratar esse ciclo de maneira bem singular e sagaz, pois, dessa maneira, nos é dado o poder de condensar todas as etapas da vida. O ciclo da vida engloba todas as experiências; por isso, ser idoso está associado à mansidão, à experiência, já que o homem mais velho teve a oportunidade de viver todas as fases da vida.

Envelhecer não significa esquecer tudo o que foi vivido, esquecer as boas lembranças ou só relembrar as más situações vividas, nem esquecer as brincadeiras de criança, os amores, os passos emocionados da adolescência, as aventuras do mundo passado e que não voltam mais. Muitos idosos vivem do passado, à procura talvez de um consolo para o presente, e da esperança para o futuro. O que, às vezes, deveria ser descanso, numa aposentadoria forçada, se torna ociosidade.

O percurso da idade não é o que faz ficar velho; ao contrário, um idoso ativo e participativo abandona o ostracismo e busca conservar sua vida sem pranto e sem dor, sem tristeza e sem angústia; ou melhor, conserva-se intimamente jovem, emocionalmente moço.

As lembranças trazem alegrias que já foram vividas, mas a vida ainda proporciona felicidades maiores. As lembranças também, muitas vezes, remetem aos problemas vividos, às dores e lágrimas perdidas e à esperança de que tudo foi vivido e alcançado.

Quando moço, pensar no futuro é tarefa diária; a expectativa de alcançar o sucesso, a garantia de uma boa vida, sem sustos ou pesadelos, é uma constante nas mentes mais jovens. Saber que “cada idade tem sua juventude” é conseguir viver plenamente a idade atual com dignidade, pelo menos individual e mentalmente.

De acordo com Tigre (1998) eis a sábia e filosófica lição de envelhecer com qualidade:

Entre pela velhice com cuidado;
pé ante pé, sem provocar rumores;
que despertem lembranças do passado;
sonhos de glória ou ilusões de amores.
Do que houveres no pomar plantado;
apanha os frutos e recolhe as flores.
Mas, lavra ainda e cuida o teu eirado;
outros virão colher quando te fores.

Não faças da velhice enfermidade;
alimenta o espírito na saúde;
Luta contra as tibiezas da vontade.
Que a neve caia, que o andar não mude;
mantém-te jovem, não importa a idade;
“tem cada idade a sua juventude” (s/p).

Ao nascer, o ser humano ou a humanidade entra em angústia. Sai de um microcosmo, ou seja, do útero materno, e é atirado ao macrocosmo, que é frio e imenso. A primeira reação é querer voltar ao lugar onde estava seguro, às lembranças que estavam gravadas em sua memória, ao útero materno, ao aconchego.

Todo o sujeito passa por essa etapa e sua primeira reação é a negação da realidade vivida. Logo a criança aprenderá que mais nada está à sua disposição, e que, infelizmente, na vida, tudo tem um preço a ser pago. O princípio da realidade começa a existir quando, ao perder a onipotência, o homem tem de deixar de lado o narcisismo do mundo interior para enfrentar o mundo exterior, segundo as leis que regem a vida.

Precisa perceber que crescer, desenvolver e evoluir é um processo doloroso, como nos ritos de passagem, como desalojar-se do útero materno. É caminhar sozinho, um caminho desconhecido e vazio, sem rumo, sem norte. É estar sozinho, nascer e morrer sozinho. Viver é perceber que a caminhada da vida é transpor tais ritos, dolorosos e temíveis.

Depois do nascimento e da primeira infância, acontece a segunda passagem, a da infância para a puberdade. Da puberdade à adolescência, o sofrimento não é menos doloroso, pois ao amadurecer e se despedir do tempo com a família, após suas regras já aprendidas, eis que um novo mundo surge, com novos valores e exigências. Sobre a passagem da adolescência para a vida adulta, cheia de responsabilidades e escolhas, esta com certeza é a mais crítica, porém não é a última. Resta a passagem para a maturidade e depois para a terceira idade.

Estudos já ressaltam que a terceira idade não é a última idade. Pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento é considerado em três estágios: de 45 a 59 anos (meia idade); de 60 a 74 anos (idosos), de 75 a 90 anos (ancião); e de 90 em diante (velhice extrema). As pessoas de 60 anos, legalmente, já são consideradas idosas, o que foi institucionalizado na Política Nacional do

Idoso, pela lei nº 8.842/94, considera-se idoso a pessoa maior de 60 anos de idade. Existe uma discórdia entre os órgãos públicos com relação à idade cronológica e o critério biológico de ser e estar na velhice. A Constituição Federal no artigo 230, § 2º estabelece que o limite de 65 anos de idade para o idoso e no Código Penal Brasileiro, adota-se a idade de 70 anos.

Deve-se enfatizar que cada sujeito tem suas particularidades e individualidades, dependendo do meio em que viveu suas experiências e até como sua estrutura mental está moldada. Assim, sujeitos da mesma idade viveram outras histórias e até podem aparentar idades diferentes.

Voltando às etapas da vida, pode-se salientar que, dos 18 aos 21 anos, o homem chega a seu ápice numa sociedade preconceituosa. Estes indivíduos vivem à beira da maturidade, e se preparam para a carga de questionamentos e responsabilidades que os outros homens, ditos maduros, lhes impõem. Ninguém é preparado para envelhecer e morrer. O prenúncio do distanciamento da juventude vem junto com o medo da morte. No livro “Memórias de Adriano”, de Marguerite Yourcenar, Adriano fala a respeito da morte quando já está envelhecido:

Começo conhecer a morte; ela tem outros segredos muito mais estranhos ainda à nossa atual condição humana. E, contudo, tão entrelaçados, tão profundos sob esses mistérios de ausência e de parcial esquecimento, que podemos sentir perfeitamente a confluência, em algum lugar, da fonte branca com a fonte escura. Propositadamente, jamais olhei dormir aqueles a quem amava: descansavam de mim, bem sei; sei também que me escapavam. Todo homem se envergonha do seu rosto alterado pelo sono. Quantas vezes, tendo-me levantado muito cedo para ler ou estudar, eu próprio coloquei em ordem as almofadas amassadas e os lençóis amarrotados, evidências quase obscenas dos nossos encontros com o nada, provas de que a cada noite deixamos de existir... (YOURCENAR, 1974, p. 22).

Adriano reconhece a morte, fazendo analogia ao sono. Todos os dias morremos ao dormirmos, para acordarmos para uma nova vida, renovada de esperanças e coragem. Assim, envelhecer é uma renovação da vida, é poder agradecer pela oportunidade de ter superado os problemas anteriores e conseguir viver melhor, com o outro e consigo mesmo. É sentir que a cada dia têm-se as lutas com o corpo, mas a mente é livre, imaginativa e capaz. Paraphraseando Rubem Alves

ao comparar as libélulas e as tartarugas, com as crianças e as tartarugas com os adultos, eu comparo as libélulas à mente, e as tartarugas ao corpo, sofrido pelos anos.

Assim, envelhecer não é mais correr, pular, saltar, voar com voraz energia. Envelhecer é descansar com sabedoria, guardar energias, sobreviver encarcerado no corpo, mas livre na alma. É olhar para a juventude e perceber que ela lhe foge das mãos como areia fina; envelhecer não é sentir inveja, nem cobiçar o que já lhe foi dado. Todos envelhecem! Uns mais cedo, outros mais tarde... O que é necessário é serenidade de pensamentos, saber que, por eles, pode-se ir parar no abismo do oceano, além dos limites do universo e até conversar com Deus.

Nossa sociedade não preparou ninguém, e nem vai preparar para envelhecer. Nossos modelos culturais e sociais não dão o devido valor às experiências dos mais velhos e desprezam sua sabedoria. Dizem até que a velhice vem de mãos dadas com as doenças mentais. Fogem dos velhos, riem de suas histórias. Simone de Beauvoir, em seu livro *A velhice*, retrata como os velhos são tratados em muitas sociedades. Inicia o livro assim:

Quando Buda ainda era o príncipe Sidarta, encerrado por seu pai num magnífico palácio, dele escapuliu várias vezes para passear de carruagem nas redondezas. Na primeira saída, encontrou um homem enfermo desdentado, todo enrugado, encanecido, curvado, apoiado numa bengala, titubeante e trêmulo. Espantou-se, e o cocheiro lhe explicou o que era um velho: “Que tristeza – exclamou o príncipe – que os seres fracos e ignorantes, embriagados pelo orgulho próprio da juventude, não vejam a velhice! Voltemos rápido para casa. De que servem os jogos e as alegrias, se eu sou morada da futura velhice? (BEAUVOIR, 1990, p. 7).

A velhice não era para ser tratada dessa maneira, mas dependendo da cultura em que está inserido o idoso, a falta de respeito e a covardia fazem parte do seu cotidiano. Assim, deixa-se que o tempo corroa a vida de um homem até que se torne um inútil, ou se buscam fórmulas milagrosas de retardar tal processo. A humanidade perde seu tempo, inventando histórias, mitos, lendas, falsas ilusões, a respeito de como conseguir a eterna juventude. A ciência, com todos os seus avanços, ainda não conseguiu devolver a juventude... nem a vida.

Os mitos têm, portanto, a missão de reanimar o velho, de iludir, fantasiar, fazer com que cada um se esqueça de seu próprio destino. Ignorar a velhice não adianta nada, só acarreta frustrações e angústias.

O ser humano ignora a velhice a ponto de dizer: “Não vou ficar velho, morro antes”. Não há vantagem em querer morrer; há, sim, em poder envelhecer, e em morrer já velho, de preferência dormindo, e dormindo continuar; porém é um dormir sem sonhar. Só dormir...

Para a psicóloga Fraiman (2000), envelhecer está associado, indiscutivelmente ao ato de morrer: “As transformações em que vivemos em nosso psiquismo e mesmo em nosso corpo implicam necessariamente um fenômeno de vida e de morte. Não podemos viver a nossa vida se não morremos psicicamente, várias vezes, ao longo do tempo...” (p. 45).

A mesma autora realizou uma pesquisa, por meio de um questionamento feito a jovens e velhos, melhor, a pessoas com até 30 anos e pessoas com mais de 60 anos. Sua problemática, como pesquisadora, foi: o que é o fim da vida?

Os dois grupos definiram o fim da vida como momento de “degradação, doença e perda”. Para os jovens, o fim da vida culmina quando o ser humano deixa de lutar pelos seus ideais, pelo seu próximo e, também, quando olha para si mesmo e vê que estagnou no tempo, perdeu sua dimensão humana, nega seu valor.

Já para a socióloga Whitaker (2007), após uma experiência de 70 anos, ela confessa que buscou ler tudo a respeito de como envelhecer melhor. Em seguida, ela escreveu seu livro *O Envelhecimento e poder*, revelando sua postura voltada ao interior, em detrimento dos cuidados com a aparência exterior:

Mas na minha concepção de como evitar o envelhecimento, predominou sempre o cuidado do interior sobre a aparência exterior. Assim nunca tingi meus cabelos, que, aos 40 anos, eram cheios de mechas. E, quando me cobravam essa medida, respondia sempre que estava cuidando do lado de dentro do crânio e não do seu aspecto exterior. Considero que minha fase de resistência ao envelhecimento foi menos intensa do que o é para a maioria (p. 67).

Como já mencionado, envelhecer é uma ação que independe da vontade humana. O que é preciso acontecer é uma aceitação do envelhecimento. Quando se

aceita o envelhecer, fica mais fácil aceitar as fases da vida. Existem muitos jovens que têm alma de velho e existem muitos velhos que mantêm o frescor da juventude. Isso é interior, é se preparar e deixar acontecer naturalmente.

Retomando a pesquisa de Fraiman (2000), é possível perceber que a fala dos mais jovens, às vezes se torna poética e até filosófica. Porém, a fala dos mais idosos, às vezes, assusta, por ser categórica direta. Para eles, fim da vida é: “quando chega a nossa hora não tem jeito”. É o cumprimento de uma missão, é o fim de tudo, da vida material; é a passagem para outra vida; é quando falta vontade de viver. Muitos relacionam a velhice com problemas familiares, quando a harmonia da família já não existe mais, ou quando a doença bate à porta da casa. Muitos não quiseram falar nem tocar no assunto; outros dão risadas e acham as perguntas tolas e idiotas. Muitos idosos se sentiram ofendidos, agredidos. A autora comenta que essas respostas foram geradas pela angústia, devido à agressão psicológica, suscitada pelas perguntas referentes a um assunto que deliberadamente todos evitam.

Fraiman percebeu, em sua pesquisa, que os jovens filosofaram e, os mais velhos protestaram. Em suma, todos definiram o envelhecer como o fim de algo bom e ninguém quer o término da vida. Todos querem viver e querem fazê-lo intensamente, romanticamente, como nos contos de fada, sempre com finais felizes. A capacidade de desprendimento, o sagrado que habita em nós, na morte, dão lugar à desesperança, ao medo, ao horror.

Definir velhice é tarefa ampla e complexa; mas, segundo nossa tradição cultural, a velhice está associada à perda da vitalidade física e mental. Conforme Whitaker (2007), envelhecer tem causas biológicas que afetam nossa memória seletiva:

Por outro lado, não podemos cair em outra forma de mecanicismo, apenas invertendo essa relação. Percebo uma relação dialética e multicasual entre esses fatores. Nossa mente, ou nosso espírito, esgota-se diante da finitude que se aproxima, e o balanço do passado pode se fazer por meio de uma memória exausta, que, na ausência da serotonina, prende-se às recordações mais tristes, ao invés de representar de forma adequada os bons momentos vividos, que nunca foram poucos. No meio desse processo, a nostalgia dos bons momentos pode trazer-nos lágrimas ao invés de sorrisos – e a saudade nos torna mais tristes, diminuindo ainda mais a produção dos tais neurotransmissores (p. 152).

O dia a dia da vida contemporânea acaba deixando à margem os idosos; nunca se tem tempo para eles; ouvir suas histórias pedir-lhes conselhos deixou de ser o marco de sua presença, carinhosa, no centro da família. O fim da vida vem quase sempre marcado por perdas dolorosas.

A sociedade brasileira faz distinção entre jovens, adultos e crianças, ou ainda, entre jovens, maduros e idosos. Os velhos são considerados uma categoria à parte. Atualmente dispensam atenção à maturidade; não se sabe é um disfarce para um fardo que o idoso representa socialmente. Só sabemos que administradores, economistas e legisladores dão-lhe uma aposentadoria, sempre impregnada da ideia de um prejuízo. Por que temos que pagar para aquele que não produz mais?

A velhice não é um fato estático, mas o prolongamento de um processo. Os idosos são e sentem-se importantes; quando realmente tentam fazer valer seus direitos, já que não acrescentam lucros à vida econômica. Como comenta Whitaker (2007), os idosos estão numa fase em que precisam ganhar mais, seja para poderem pagar remédios, planos de saúde e, se der, para poderem desfrutar das coisas que foram deixadas para trás.

Enfim, é preciso tomar cuidado com as ideologias que pensam o idoso como incompetente, dependente, desnecessitado de espaço e de objetos. O discurso que deseja encolher nosso espaço e o tamanho do nosso carro é o mesmo que deseja encolher ainda mais nossas aposentadorias (p. 34).

Não é fácil atribuir a velhice a fenômenos biológicos, mas existem os fatores psicológicos, emocionais, experienciais. Beauvoir (1990) no livro sobre a velhice comenta a lógica capitalista em relação à idade:

A involução senil de um homem produz-se sempre no seio de uma sociedade; ela depende estreitamente da natureza dessa sociedade e do lugar que nela ocupa o indivíduo em questão. O próprio fator econômico não poderia ser isolado das superestruturas sociais, políticas e ideológicas de que está revestido; considerado de maneira absoluta, o nível de vida não passa, ainda, de uma abstração; com recursos idênticos, um homem pode ser considerado rico no meio de uma sociedade pobre, e pobre no meio de uma sociedade rica (BEAUVOIR, 1990, p. 47-48).

Essa reavaliação moral e estética sempre vem quando o sujeito chega ao fim da maturidade, numa sociedade em que ter poder financeiro é para uma minoria, e que as desavenças sempre vêm acompanhadas da depressão. É possível afirmar que a maturidade é um processo de envelhecimento aliado à passagem do tempo e que desemboca inevitavelmente na foz da morte acompanhada das marés da angústia para todos de qualquer classe social ou econômica.

O elixir da juventude vem acompanhado de um tubo de oxigênio: é quando percebemos que a vida é um equilíbrio e um desequilíbrio, um eterno jogo de perdas e ganhos. Envelhecemos no corpo, mas o espírito é leve; reconhecer que isso é um processo de mudanças irreversíveis e desfavoráveis, muitas vezes, significa um julgamento de valores que levam ao declínio. Esse declínio de valor moral, material e físico acontece para todos.

A partir desses conceitos, a sociedade determina uma fronteira entre a juventude, a maturidade e a velhice. Mas será que a sociedade determinou que fronteira está estabelecida? Freud (*apud* Amaral, 2001) dá um alerta quanto à velhice: “Pensem no contraste entristecedor que existe entre a inteligência radiante de uma criança bem desenvolvida e a fraqueza intelectual de um médio” (s/p).

As perdas e o enfraquecimento podem ser contornados por um saber prático e intelectual, não se deve falar, portanto, em envelhecimento parcial. A velhice não pode ser compreendida senão em sua totalidade. Como já mencionado, ela não é apenas um fenômeno biológico, é também um fato cultural e a palavra declínio talvez perca seu significado, pois depende do modelo adotado pela sociedade em que o idoso está inserido. Segundo Beauvoir (1990):

O velho, enquanto categoria social, nunca interveio no percurso do mundo. Enquanto conserva uma eficácia, ele permanece integrado à coletividade e não se distingue dela: é um adulto macho de idade avançada. Quando perde suas capacidades, aparece como outro; torna-se, então muito mais radicalmente que a mulher, um puro objeto; ela é necessária à sociedade; ele não serve para nada: nem valor de troca, nem reprodutor, nem produtor, não passa de uma carga (p. 110).

Nessa mesma obra, a autora traz vários pensadores, como Galeno, Gerard, Van Swieten, Lamennais, Montherlant e Hugues de Saint-Victor, que

descrevem com exatidão algumas mudanças anatômicas que a velhice acarreta. É oportuno observar que com a evolução tecnológica a qualidade de vida e a superação de muitas das doenças está associada à evolução da ciência; os devidos conceitos descritos no livro da velhice já não são mais tão exatos assim.

Atualmente é possível perceber que a expectativa de vida do ser humano superou a de outras décadas. Galeno (*apud* Beauvoir, 1990, p. 582), por sua vez, fez uma síntese geral da medicina antiga e considerou a velhice como uma idade intermediária entre a “doença e a saúde”, apesar de não ser um estado patológico (BEAUVOIR, *op.cit.* p. 582.).

Gerard e Van Swieten (*apud* Beauvoir, 1990) concebem a velhice como uma espécie de “doença incurável, e ainda, zombam dos remédios inspirados pela alquimia e pela astrologia” (p.610).

Já Lamennais (*apud* Beauvoir, 1990) escreve aos 36 anos de idade “Não vi velho algum cuja idade não tenha enfraquecido o espírito, e vi muito poucos que disso estivessem sinceramente convencidos”. (p. 246).

Quanto à evolução da definição de envelhecimento, Montherlant (*apud* Beauvoir, 1990) ressalta que “Um homem idoso que se separa lentamente do humano”. (258).

Para finalizar, Hugues de Saint-Victor (*apud* Beauvoir, 1990) escreve: “Ao envelhecer, o mundo encolhe, e os próprios homens ficam mirrados; não são mais do que crianças e anões” (p. 172). Para contradizer tudo isso, muitos afirmam que a fonte da juventude é fugir do estereótipo do “vovô”, “vovó”, do lar, do caseiro; é ser sociável, manter uma rotina dinâmica, ter planos e sonhos. Muitos se apaixonam novamente e fazem disso sua tábua de salvação: o amor!

Vale mencionar também que, com a entrada na velhice, os problemas se desencadeiam como uma “bola de neve”. O indivíduo pode tornar-se menos ágil, pode perder algumas das capacidades sensoriais, como a visão, audição, memória, o controle das necessidades fisiológicas etc. A depressão é uma consequência comum, já que a dependência traz um desconforto para quem precisa e para quem ajuda. Tirar o idoso dessa situação de desequilíbrio é muito importante; levar o idoso a um geriatra ou especialista é imprescindível, para que as atividades diárias sejam reorganizadas.

Estamos em um momento, em que a expectativa de vida aumenta a cada ano, e o crescimento da população de idosos já é um acontecimento comprovado

estatisticamente. Estudos demonstram que a população de idosos tem como exigência que as sociedades convivam com a dependência funcional. A decorrência desse fato é a perda da autonomia, sejam elas, financeira, física ou emocional. Devemos atribuir essas mudanças a vários fatores do mundo contemporâneo.

Há idosos que cuidam de seus netos, e há também a participação de mulheres idosas no mercado de trabalho. Tais aspectos fazem com que assumam responsabilidades que já não lhe cabem mais. A estrutura familiar aparece com uma nova organização. Todos esses fatores acabam trazendo uma inquietação angustiante para o idoso. Fora a violência do mundo moderno, a falta de paciência e outros fatores externos os tornam, na sua maioria, inseguros e indignados.

Ao pensar no idoso do século passado, ou até o início do século XX, é possível perceber que a expectativa de vida vem aumentando muito; porém, a qualidade de vida, não raras vezes, é colocada em xeque.

Elaborado por quatro especialistas no assunto, o livro mostra a situação do idoso em outros países e as mudanças que o Brasil precisará fazer para o tratamento desse segmento, que em 2040 representará 27% da população do país, conforme projeções do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O aumento da expectativa de vida no país foi constatado em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (CANUTO, 2008, s/p).

As conquistas tecnológicas e a medicina moderna, ao longo dos últimos 50 anos, são meios que tornaram possível diagnosticar, prevenir e curar muitas doenças fatais do passado. Reduziu-se a taxa de mortalidade de idosos e, aliadas a esses fatores, temos a redução das taxas de natalidade e a queda da mortalidade infantil, fazendo com que a população de adultos aumente.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os estudos epidemiológicos, realizado por Luiz Roberto do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina; por Renato Veras, do Instituto de Medicina Social da Universidade do Rio de Janeiro e por Alexandre Kalache da London School of Hygiene and Tropical Medicine, publicado na Revista de Saúde Pública, *Universidade de São Paulo* (USP), (1987, 1988 e 1989), mostram que o mundo está em profunda transição demográfica.

Esses estudos indicam que os países de Terceiro Mundo serão aqueles que sentirão mais drasticamente estas transformações de ordem socioeconômica, política e cultural, pois os idosos deixarão de ser minoria e passarão a representar um número bastante expressivo na população mundial, com o conseqüente aumento da população inativa, que ultrapassará em número a população economicamente ativa.

Estamos no século XXI, em 2010, e o número de inativos cresceu brusquemente, causando um rombo nos cofres públicos, conforme assinala Batista et al (2008):

Do ponto de vista da questão previdenciária, o novo cenário vem gerando considerável pressão sobre os sistemas estruturados, os quais, em sua grande maioria, foram organizados para responder a uma realidade caracterizada pela expansão do emprego assalariado e pela brevidade do período da aposentadoria. Ao final da década de 1970, no entanto, a mudança demográfica aumenta a pressão sobre os sistemas de proteção social, cuja capacidade de financiamento vinha sendo colocada em questão em meio à crise fiscal e ao surgimento do fenômeno do desemprego estrutural. Neste contexto, particularmente preocupante é a relação entre o número de contribuintes, que tende a decrescer, e o de aposentados, que se incrementa cada vez mais (p. 14).

O que vemos são idosos, cada vez mais pobres, vivendo de suas míseras aposentadorias e não conseguindo participar politicamente, nem, muito menos, criticamente da sociedade em que estão inseridos. As sensações de abandono político, social e familiar os levam a crer que já não precisam mais viver. A falta de comprometimento dos órgãos públicos, e as sociedades de consumo aceleradas fazem do idoso uma armadilha para o ostracismo e depressão. O abandono é triste e duro.

Querer entender o porquê de uma vida útil, transformar-se numa vida inútil é muito triste e penoso. Sentar num sofá velho e só dormir para poder esquecer a dura realidade é o que a maioria dos idosos faz antes de morrer. Poucos têm a coragem de correr atrás da vida, sem deixar escapar nenhuma fagulha à energia do sol, do sorriso, do amor. Muitos se entregam, acreditando que já não

podem mais, e dormem. Dormem o sono dos injustiçados, tanto pela ordem natural, como pela social.

Luft (*apud* Woiciechowsky, 2006) descreve o envelhecer de forma sucinta e sugestiva: “Quando se acumulam os anos, a paisagem que avistamos se torna mais variada, a perspectiva é de quem vai subindo – às vezes com asas, outros de joelhos, dependendo da situação, da personalidade, das escolhas, dos azares e das fatalidades de cada trajeto”⁶.

Parece que, em cada olhar transparece as dores da alma, e não consigo entender por quê, quando os anos estão lhe pesando às costas, os cabelos são amarelados pelo tempo, como papel esquecido, as marcas dos rostos são profundas e tentam disfarçar as amarguras dos anos vividos, só se lembram de tristezas e abandonos. Quero saber por quê não contam as vitórias, as alegrias e os encantamentos.

É a partir dessa definição sobre a velhice, que esta pesquisa educacional se debruça, com uma inquietação muito maior que o coração pode aguentar; pois há que se preocupar com os idosos, que além de todos os preconceitos que sofrem, são também analfabetos.

2.1 A PESQUISA E SEUS CAMINHOS

O cidadão, para participar da sociedade, sem sofrer exclusão, precisa do saber acumulado e do saber escolar. Por isso, a tarefa da educação de jovens e adultos é de suma responsabilidade social.

Com vistas a investigar tais aspectos no contexto educacional dessa parcela da população neste capítulo são descritos os passos da metodologia utilizada. Para uma melhor compreensão faz-se necessário lembrar que esta pesquisa teve origem a partir do problema apresentado, com o objetivo, também, de aduzir os ambientes de estudo e de dar voz aos alunos, já calados pela esmagadora

⁶ Trecho encontrado em WOICIECHOWSKY, M. **Jovens, adultos e idosos: a perspectiva do aprender e do ensinar a ler e a escrever**. Dissertação (mestrado) Área de Educação. Ponta Grossa, 2006. Disponível em: www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/771/1/tese.pdf. Acesso em: 18 jul. 2009.

sociedade capitalista, para que encontrem, nas entidades sociais, religiosas e políticas, o alento após anos de opressão e de massacre social.

Nesse sentido, portanto, foi possível perceber a necessidade de se entrelaçar um referencial teórico específico, com a metodologia qualitativa. A compreensão do capítulo vem por meio de documentos, livros, pesquisas, dissertações e teses. Segundo Queiroz (1999):

Quando as Ciências Sociais foram tomando vulto, durante o século XX, as técnicas qualitativas floresceram, se sobrepondo às quantitativas, que, no entanto já começavam a ser utilizadas também. A maior ou menor acuidade com que os dados eram colhidos e analisados, os comentários, as sugestões, pareciam depender diretamente das qualidades pessoais e da competência do pesquisador que, por meio da observação direta, ou em depoimentos de informantes, ou em documentos variados, coligia as informações de que se necessitava (p. 13).

A pesquisa qualitativa é apresentada como um modelo diferenciado. Segundo Mucchielli (1991):

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”. O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas da pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemática, repousam essencialmente sobre a presença humana (p. 3, grifos do autor).

Quando se fala em pesquisa qualitativa, é possível elucidar e conhecer a sua complexidade nos processos de construção da subjetividade, fator que permite concordar com a dificuldade em dar o tratamento dos dados e analisá-los. Para interpretar e compreender a realidade da pesquisa qualitativa sobre os fatos humanos, na qual é criada uma codificação, é de suma importância ressaltar que esse tipo de pesquisa começou a ser difundido no final do século XIX, dentro das

Ciências Sociais, que questionaram a adequação do modelo que se usara até então na ciência aos propósitos de estudar o ser humano, sua cultura e sua vida social.

O estudo das classes da EJA nesta investigação realizado em ambientes voltados ao segmento idoso, é a centralidade da pesquisa. Como instrumento, foi utilizado um questionário amplo e condutor, que necessitou da presença da pesquisadora, para que as pessoas que estavam em processo de alfabetização, ou que eram alfabetizando, pudessem responder sem se preocupar com a escrita. A partir das análises, foi realizado o tratamento adequado aos dados e abstraídas as categorias. Dessa maneira, foi possível alcançar a resposta à inquietação inicial e entender a subjetividade dos sujeitos em foco.

Nos conceitos complexos, como cultura, ego, sociedade, emoções, amor, a abstração se torna impalpável, inalcançável. É como falar em energia e poderes, do sol, da água e do vento. Essas energias são reais, impessoais que não interagem de maneira relacional e intencional com ninguém. São objetivas, na relação sujeito/objeto. Mas, quando falamos em anjos e demônios, como exemplo, conceituamos na abstração, porque eles podem se relacionar intencionalmente, com emoções, ódio e amor. Segundo Pagès (1976): "A possibilidade para o indivíduo de perceber adequadamente sua própria experiência subjetiva é a condição mesma da mudança, pois ela restaura a possibilidade de o próprio indivíduo avaliar sua experiência e modificá-la" (p. 46).

2.2 ESCOLHAS: SUJEITO E ENTIDADES

[...] [a] pesar de cada homem possuir uma história singular, nela encontra aquilo que compartilha com os outros e que torna cada biografia inteligível para os demais. Como a identidade significa não apenas o que sou, mas quem sou situado no tempo e nos espaços sociais, ela constitui-se como experiência cultural.

(Mello, 1994)

Esta pesquisa, que revela a singularidade do sujeito em questão, tem como ponto de partida a tentativa de fazer com que o indivíduo se aproprie de sua

experiência e se conheça. Nessa dança relacional, subjetividade/objetividade, sujeito/objeto se dá o conhecimento, a partir da realidade, do conhecimento, da lógica, do espaço-tempo. E a subjetividade aparece na relação do desejo, do símbolo, do afeto e das representações.

O sujeito da pesquisa constitui-se de indivíduos que, por algum motivo, evadiram do ambiente escolar ou nunca frequentaram o ensino regular. Ao retornar, na maioria das vezes em idade avançada, carregam um estigma excludente e opressor. Dessa maneira, procuram em ambientes não escolares a esperança da realização de um sonho. Sonho este, que é calcado na mudança, na transformação pessoal e social.

Os ambientes foram selecionados, com base uma pesquisa de instituições que atendem a terceira idade e também de uma visão pessoal. Foram localizadas três instituições que atendem a terceira idade, e uma mista, com idades diversas dos sujeitos escolhidos. A pesquisa é composta de 40 questionários, sendo dez de cada ambiente escolhido. Tais ambientes são descritos na sequência.

2.3 MOVIMENTO PRÓ-IDOSO (MOPI)

A primeira instituição selecionada que atende o programa de alfabetização para idosos foi o MOPI – Movimento Pró-Idoso, localizado no bairro da Água Branca. São Paulo – Capital. Essa Organização Não Governamental (ONG) tem como objetivo atender idosos, (desde quando ainda a sociedade não dava tanta importância ao segmento) e visa à luta pela causas sociais e inclusivas da terceira idade. Foi fundada em 1975, para atender ao segmento, atuar pelas causas sociais do idoso e também formar pessoas qualificadas para a ação.

Tem como parceiros o Centro de Gerontologia Social do Instituto "Sedes Sapientiae" – PUC/SP, a Secretaria de Assistência Social e a Prefeitura do Estado de São Paulo. É uma ONG sem fins lucrativos, mantida pelos parceiros e contribuições voluntárias. A equipe que administra o MOPI desenvolve ações e as multiplica. Uma das ações é a "Escola Aberta", que trabalha com projetos socioeducativos e, dentre eles, está o programa de alfabetização de idosos, objeto desta pesquisa.

Quem está à frente desta ONG é a senhora “Esmeralda”⁷ Assistente Social, com experiência na área social com grupos de idosos em organizações não governamentais e empresas. Em setembro de 2005, a classe de alfabetização de idosos era composta por 60 alunos, com uma frequência de três dias semanais. À época da pesquisa, o número de alunos matriculados abaixou muito, somente 15 alunos, estavam frequentando as aulas. Os encontros ocorriam duas vezes na semana, às terças-feiras e às quartas-feiras.

A professora Ametista, uma senhora de meia idade, já trabalha no MOPI há 6 ou 7 anos. Sempre trabalhou com Alfabetização de Jovens e Adultos e, a convite da antiga diretora do MOPI, iniciou o processo de alfabetização com a proposta pedagógica do ALFALIT⁸, porém, com o passar do tempo, percebeu que a proposta não estava dando resultados e, também, não estava agradando ao grupo com o curso, já que era muito voltado para evangelização. Os idosos não precisavam de cursos religiosos, mas aprender a ler e escrever.

Fez também um curso na Universidade de São Paulo (USP), de três meses, o “Brasil Alfabetizado”, e percebeu que por trás havia muita intenção partidária e que também não funcionou com idosos. Relatou que, ao longo desses quase sete anos, perdeu tempo em achar o que realmente funcionasse com esse segmento e que agora usa uma nova cartilha, que está tendo muita aceitação, cujo nome é “Oficina das Letras”, de Isabella Pessoas de Melo Carpaneda; Angiolina Domancio Bragança, Alfabetização de Adultos, da Editora FTD. Comenta que os idosos gostaram muito da cartilha, porque ela não tem aquela sequência alfabética e que eles, quando menos esperam, já estão juntando as letras e começando a escrever.

Relatou sobre seu trabalho como voluntária em outro grupo de terceira idade e me convidou para conhecê-los. Lá, também, faz um trabalho de alfabetização, há 13 anos. No MOPI tem uma ajuda de custo e todas as cartilhas foram doadas pela prefeitura. Disse que seu trabalho é como se fosse uma missão; sente que precisa ajudar os idosos, porque eles são “os carentes dos carentes”.

⁷ Este e todos os demais nomes utilizados nesta dissertação são fictícios, objetivando preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

⁸ Alfalit Brasil é uma entidade sem fins lucrativos que administra programas educativos em diversos países do mundo. O projeto de *Alfabetização de Adultos da Alfalit Brasil* é o único que permite um analfabeto adulto aprender a ler e a escrever em um período entre 90 (noventa) e 120 (cento e vinte) dias.

Nessa outra instituição que leciona os encontros ocorrem duas vezes por semana, às terças e quartas feiras, as aulas iniciam às 10h30min e terminam às 12h30min. Ametista contou que sempre trabalhou com a terceira idade e começou a sentir a necessidade de abrir uma escola. Os idosos quando saíam para passear, viajar etc. não conseguiam preencher fichas em hotéis, rodoviária etc. E davam muitas desculpas com vergonha de dizer que não sabiam ler e escrever. Foi a partir desses acontecimentos que a professora Ametista percebeu o quanto era necessário ajudar essa classe de oprimidos.

No MOPI, a classe de alfabetização é composta de 11 alunos com faixa etária de 58 a 80 anos. E o mais interessante é que só um é do sexo masculino. Comentou a professora: “Coitado dele, ele tem dez mulheres e todas cuidam muito dele”. Quando fui conhecer a classe, foi muito interessante o comportamento das alunas; todas queriam conversar comigo achando que eu era assistente social. Mas o senhor ficou me olhando: Acho que ele foi o único que entendeu o que eu estava fazendo lá, e disse assim: “Pena, não é, professora! Acho que não dá mais tempo de fazer uma faculdade”. Senti tristeza em pensar por quantas frustrações esse senhor não passou pela vida. O que pude perceber foi a vontade, de todos os idosos que estão se alfabetizando cujo lema é: *desistir, nunca!*

2.4 GRUPO ALEGRIA DE VIVER: ESCOLA ALEGRIA DE SABER

Conforme comentado, a professora Ametista convidou-me para ir ao seu outro grupo de alfabetização, que se chama: “Alegria de Saber”. É um grupo de alfabetização formado por senhoras que frequentavam o Grupo “Alegria de Viver”, localizado no Centro Educacional e Esportivo da Vila Manchester.

A professora Ametista comentou que existe uma diferença expressiva desse grupo em relação ao outro. As alunas dessa escola são mais tímidas e não gostam muito de se expor. É interessante observar que nessa instituição o público é composto do gênero feminino. Apresentou-me outra professora, que a auxilia, a Água Marinha, uma senhora de 84 anos.

Essa senhora é professora, porém largou a carreira do magistério para ser costureira. Alegou que naquela época ganhava mais como costureira do que

como professora. Agora, ajuda no grupo com as aulas de Matemática. A professora Ametista relatou que esta difícil tirá-la das aulas. Ela está bem idosa e não tem muita paciência no trato com as alunas, mas fica sem saber o que fazer já que ela é voluntária.

Ametista já dá aulas para esse grupo há mais de 13 anos e diz que a convivência é muito boa e respeitosa. As alunas, muitas vezes só vão a essas aulas e mais nada. Para elas esse é o único lugar de convivência e socialização. Uma das alunas tem paralisia cerebral; tem 46 anos de idade e só sai de casa, para ir a médicos e às aulas de alfabetização. Quem a acompanha é sua mãe, que é idosa também, mas que consegue fazer outra atividade despreocupada com a filha.

A professora pediu que eu conversasse com a mãe dessa aluna com paralisia cerebral, para não tirá-la do grupo. Ametista disse que essa aluna está tendo progresso, que já consegue escrever palavras, quando a professora dita silabicamente, e considera que ela pode piorar se sentir falta das aulas e do grupo.

Ainda no que se refere à descrição do grupo, essa escola ou sala de aula fica dentro de uma biblioteca municipal que está localizada no mesmo endereço do Centro Educacional. Existe uma programação cultural dessa biblioteca que está disponibilizado na *web* com as informações sobre o curso para alfabetização de idosos no site.

Algumas alunas reclamaram do espaço físico e dos recursos pedagógicos. Porém, o que pôde se observar foi uma sala grande e arejada. A professora comentou que as cartilhas que as alunas estão usando, são compradas por elas próprias, o que traz certa indignação, saber que os órgãos públicos não dão apoio nenhum para esse segmento.

A cartilha que a professora usa é a mesma da outra classe de alfabetização, no MOPI, e tem um custo de R\$ 41,00. Ela conseguiu na editora um desconto e cada cartilha saiu pelo valor de R\$ 37,00. Esse valor foi dividido em duas vezes. Ametista procura arrecadar o dinheiro para conseguir comprar as cartilhas e dar andamento ao curso.

Na escola *Alegria de Saber*, a classe é composta por onze idosas, que se encontram na faixa etária de 46 a 79 anos e muitas estão nesse local desde o começo do grupo. Precisaram parar por seis meses, porque a biblioteca entrou em reforma e, em relatos, reclamaram da falta de estrutura e de interesse por parte dos governantes.

2.5 FUNDO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: ESPAÇO CONVIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE – NAI (NÚCLEO DA ATENÇÃO AO IDOSO)

O Fundo de Solidariedade e Desenvolvimento Social e Cultural do Estado de São Paulo⁹ está localizado na Água Branca, Perdizes. Essa instituição não tem muita informação sobre o curso de alfabetização. Uma funcionária explicou que a oficina de alfabetização já deveria ter terminado. Tal fato só não ocorreu porque a professora é voluntária e o espaço ainda não foi pedido para ser utilizado. Porém eles, não têm nenhum documento que possa concretizar a oficina.

Nesse espaço existem duas turmas de alfabetização: uma às 2^{as} e 4^{as} feiras, com a professora voluntária Safira e, às 3^{as} e 5^{as} feiras, com a professora, também voluntária, Ágata. Os questionários foram aplicados na turma da professora Safira. Essa classe é composta, em sua maioria, pelo sexo feminino, com mais ou menos 11 alunos, que estão na faixa etária que vai de 61 a 88 anos.

Em conversa com a professora Safira, foi possível perceber que não existe uma organização nessa oficina; ela, como professora, não utiliza material didático nenhum. É voluntária há nove anos, formada em pedagogia, fonoaudiologia e sua especialidade são os problemas de aprendizagem e dislexia.

Comentou que muitas de suas alunas apresentam um quadro de dislexia – e por essa razão “tem certeza da evasão escolar” – e problemas de aprendizagem, que tanto as perseguem. Não optou por nenhum material didático; pela diversidade de nível, a classe é multisseriada. Prefere trabalhar individualmente com as alunas, já que o grupo é pequeno. Enfatizou que é um grupo que “não leva muito a sério”, faltam muito por motivo de saúde e também abandonam o curso. Segundo Safira, tem-se a impressão de que as alunas frequentam a oficina somente para poder sair de casa e ter um lugar onde socializar.

O objetivo principal do curso é a convivência, já que o espaço se chama “Espaço Convivência”, é uma ocupação, um lugar para ir, se distrair e até para tomar café em associação. Como já são muito idosas, a saúde mental deixa a desejar. Antes, a professora ficava incomodada com essa situação; agora aprendeu também

⁹ O texto da página na *web* a esse respeito encontra-se no Anexo B desta pesquisa.

a conviver. Safira comenta que essa oficina ou curso deveria começar para pessoas a partir de 50 anos; não vê propósito num curso de alfabetização, sem apoio metodológico e nem interesse das alunas. Mas, como ela se comprometeu com as alunas, continua...

2.6 IGREJA BATISTA DE ÁGUA BRANCA (IBAB)

A Igreja Batista de Água Branca é uma igreja evangélica e está localizada na Barra Funda e que tem como missão descrever a atividade permanente da comunidade, sendo uma delas o curso básico em Língua Portuguesa e Matemática que busca dar fundamentos para o aluno que nada sabe, como também, dar uma continuidade de formação para quem já iniciou o processo de alfabetização.

Nesse local está a professora Turmalina, que tem formação em pedagogia e psicopedagogia, ambas pela PUC-SP. Há oito anos ela assumiu a coordenação desse curso, que existe há mais de doze, o qual atende as necessidades de todos os que aparecem, desde o ensino básico até o Ensino Médio. Ela só o ampliou pois, no ano de 2008, viu a necessidade de mudanças; continuou então com a formação básica e com o ensino médio mas só lecionam às disciplinas de português e matemática.

As classes do fundamental I são divididas por níveis. O nível I corresponde a 1ª e 2ª séries; o nível II corresponde a 3ª série e o nível III corresponde a 4ª série. A proposta metodológica depende muito da experiência do professor que é um voluntário. Cada dia da semana é um professor titular, e dependendo da classe há uma variação em um ou dois adjuntos. No ano de 2009 a instituição pôde contar com a colaboração de 34 professores, das mais variadas profissões, sendo que apenas quatro são profissionais da educação.

Existe uma dificuldade em relação à metodologia usada, uma vez que a maioria dos professores voluntários tem muitas dificuldades com a forma de ensinar os discentes. Os alunos também apresentam muitas dificuldades, pois a ferramenta de trabalhos deles não é a escrita e nem a leitura. A baixa estima, aliada à opressão em que muitos vivem em seu cotidiano, fazem dos alunos pessoas que se sentem excluídas de uma sociedade que os marginaliza.

Nesse ano Turmalina adotou um livro para as classes de alfabetização em Educação de Jovens e Adultos, *Alfabetização no Ensino Fundamental*, da autora Lidia Laguna de Oliveira, da Editora Ática. Segundo a professora, os alunos têm o mito da cartilha; eles querem aprender o ba – be – bi – bo – bu. Por isso, sentiu a necessidade de adotar uma cartilha, que é custeada pela igreja, que também fornece um lanche no início das aulas. E se o aluno estiver passando por um momento financeiro crítico, a igreja dá o transporte e até uma cesta básica, além de todo o material necessário.

Para Turmalina, a EJA é um curso que pode dar bons frutos. Comentou ainda que acredita na EJA, pois ela foi um fruto desse curso; contou que teve muitos problemas de saúde na infância e, por essa razão, não conseguiu estudar. Fez o curso de Alfabetização para Jovens e Adultos e conseguiu sua formação num curso superior; voltou a estudar com 37 anos de idade.

O ambiente da igreja é bem parecido com o de uma escola, já que as classes funcionam no período noturno, em salas que têm todo o material pedagógico e tecnológico. Essas salas, nos dias de culto, recebem as crianças filhos dos membros e frequentadores da igreja. As aulas acontecem de 2ª a 6ª feira, das 19hs às 21hs.

Os alunos do curso são pessoas que trabalham nas redondezas da igreja e vão lá para conseguir um emprego ou uma posição melhor no mercado de trabalho. É um curso com idades diversificadas, sendo a maioria do sexo feminino, na faixa etária de 30 a 55 anos.

2.7 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os questionários foram escolhidos como instrumento de pesquisa, e foram divididos em duas partes, sendo que a primeira quantificou os dados dos sujeitos em relação à idade, origem, sexo, profissão, imigração, migração e aposentadoria. A segunda parte do questionário também foi dividida em duas. Foram elaboradas questões fechadas na primeira parte sobre o período escolar que eles frequentaram quando crianças, sobre o motivo pelo qual abandonaram a escola e na segunda parte investigou qual a motivação que os levou a procurar a escola

novamente, a importância da leitura e da escrita, bem como a importância da escola em suas vidas.

A partir dessas questões que foram apresentadas aos sujeitos, foram extraídas as categorias para a análise dos dados. Estes dados analisados foram coletados não somente nos questionários, como também durante as visitas de campo, por meio de observações e em conversas com os sujeitos entrevistados.

Na sequência desta pesquisa são contextualizadas as categorias e as análises dos dados com vistas ao aprofundamento do estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A busca do conhecimento na melhor idade é o título desta dissertação, que nos faz refletir sobre as razões pelas quais os idosos procuram os cursos de alfabetização. Partindo do pressuposto de que se o que buscam é um conhecimento mais abrangente sobre o mundo, é possível afirmar que essa é uma necessidade inerente ao ser humano, que procura sempre enriquecer sua vida, seja pela observação do mundo ou pela interação com as demais pessoas.

A linguagem, os códigos da escrita são manifestações da evolução da espécie humana. O mundo evoluiu, o homem se modificou e a linguagem oral passou a ter uma representação gráfica, que refletiu a evolução da espécie e exige, atualmente, outro tipo de inclusão no mundo. A escrita é a representação da oralidade, de fatos e de acontecimentos em um mundo letrado que muda a todo instante.

Esta pesquisa trata exatamente da busca pelo conhecimento das representações da fala, num sujeito com idade avançada, mas que não teve acesso aos códigos da leitura e escrita no período de escolarização regular. Busca por uma escolarização não-formal, ou seja, por uma educação não formalizada pelas ditas escolas regulares. Esse sujeito procura aliar duas necessidades básicas de um homem, o saber ler e escrever e o conviver com seus semelhantes.

É quase certo poder afirmar que os idosos procuram instituições que não são formais dentro do âmbito educacional, mas procuram lugares que podem ter a educação e a convivência.

Conforme postula Gohn (2008): “Educação, que não se restringe mais aos processos de ensino-aprendizagem no interior de unidades escolares formais, transpondo os muros da escola para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo etc.” (p. 7).

A educação não-formal, nunca teve a devida atenção dentro de nossa sociedade, sempre o que foi válido, foi a educação regular. A partir da década de 1980 a educação não-formal começou a ter importância no âmbito educacional. A procura pelos cursos de alfabetização das camadas populares fez que a educação não-formal aparecesse de forma mais acentuada dentro do universo escolar. Novamente de acordo com a autora:

Na maioria das vezes tratavam-se de programas ou campanhas de alfabetização de adultos cujos objetivos transcendiam a mera aquisição da leitura e da escrita e se escreviam no universo da participação sociopolítica das camadas populares, objetivando integrá-las no contexto urbano-industrial (GOHN, 2008, p. 91).

Entretanto em 1990 a educação não-formal adentra a educação como uma forma de valorização do indivíduo, da economia, dos valores culturais e as habilidades extra-escolares. Para entender a educação não-formal faz-se necessário entender o que significa, “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” (LA BELLE, 1982, p. 2).

Os dois termos – formal e não-formal – demonstram ser ambíguos, pois um não completa o outro; existe uma ausência da escola regular comparada com a educação não formalizada pelas instituições. Mas a educação não-formal não deixa de ter e de ser uma forma de aprendizagem. É possível dizer que é uma aprendizagem menos dolorosa e menos imposta, uma aprendizagem que se faz de maneira mais leve, sem tantas exigências acadêmicas. É o caso desta pesquisa, que apresenta idosos que vão ao ambiente educacional para aprender, mas também para conviver com seus iguais.

O ambiente onde acontece a aprendizagem, muitas vezes se depara com a possibilidade do aprendente ser ensinado por um “outro”, como afirma Gohn (2006):

Na educação formal sabemos que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc (p. 29).

Dessa maneira configura-se uma forma de educação na qual os autores são pessoas da comunidade. É a escola o lugar de convivência e aprendizagem. O espaço físico difere da escola, como a igreja, casas, espaços alugados e cedidos para o processo de aprendizagem.

Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação) (2006, p. 29, parênteses da autora).

Os idosos procuram lugares, em que eles possam se sentir bem, principalmente se se considerar a exclusão pela qual passaram em sua vida acadêmica. A escola formal, não raras vezes, trouxe-lhes experiências não muito agradáveis, e um lugar onde a acolhida social se apresente, proporcionam a eles o conforto para poderem aprender lições que já deveriam ter aprendido.

É nesse ambiente informal que os idosos sentem-se à vontade para errar, rir, chorar, para serem criativos, tornarem-se autores da construção do seu conhecimento, aliado à sabedoria de vida e à sabedoria do grupo. Uma troca de saberes, deles, dos colegas e do professor. Segundo Gohn (2008):

A nova escola deve reconhecer a existência de demandas individuais e coletivas, orientar-se para a liberdade do sujeito pessoal, para a comunicação intercultural e para a gestão democrática da sociedade e suas mudanças. Deve aumentar a capacidade dos indivíduos de ser sujeito, de compreender o outro em sua cultura. Para tanto, essa escola deve se estruturar a partir de alguns princípios, como: unir motivações, objetivos estratégicos e memória cultural para participar do mundo técnico... (p. 108).

Além desse conhecimento, os idosos buscam outros tipos de integração social procurando superar a exclusão que viveram e vivem, por força das suas condições objetivas de vida até o momento. Manifestam que querem aprender a ler e escrever, mas aspiram interagir com um grupo de pessoas, que têm uma vida muito semelhante à sua, uma vida de sofrimento. A procura de seus iguais, geralmente se dá porque não se acham merecedores de conviver com pessoas de outros grupos sociais que partilham dos bens culturais dos quais foram privados.

Uma recuperação temporal daquilo que não tiveram, das atividades que não puderam realizar em idade escolar, faz deles pessoas que procuram sem cessar

por algo que foi perdido nas múltiplas formas de exclusão: na família, no trabalho, nas associações, na igreja etc.

O analfabetismo pode ser considerado uma das piores exclusões, pois se constitui num impeditivo para a vivência da cidadania. Anula o sujeito, mesmo que ele carregue uma rica bagagem de experiências culturais. A pessoa torna-se cega e silenciada, frente a um mundo que cada vez exige mais conhecimentos e participação.

Por isso aprender a ler e escrever é tão importante dentro do universo dos idosos. Significa para eles apropriarem-se de uma autonomia antes negada. Há que se considerar que no momento em que o sujeito toma posse do conhecimento letrado, seu horizonte se alarga e ele se torna parte da sociedade que um dia o excluiu.

A conexão homem-mundo, no entanto, está marcada pelo conhecimento da leitura do mundo, do cotidiano e precede a leitura da palavra. Segundo Freire (1959) “o homem é um ser de relações que estando no mundo é capaz de ir além, de projetar-se, de discernir, de conhecer [...] e de perceber a dimensão temporal da existência como ser histórico e criador de cultura” (p. 8).

Não se pode negar os direitos culturais das camadas populares ao conhecimento, conquistados legalmente, mas não exercidos na prática, o que se constitui, como analisa Cesar Minto (1996), numa cidadania que o autor designa de tão somente cidadania virtual.

Segundo Moraes (s/d), para Paulo Freire a relação com o conhecimento envolve três direções, que se explicitam da seguinte forma:

1) A investigação temática que parte do princípio de descobrir aquilo que o sujeito já sabe, seja ele criança, jovem, adulto ou idoso. Traz o direito de conhecer o que não conhece, o direito de se apropriar do conhecimento que lhe foi negado pelas camadas dominantes da sociedade.

2) O momento de tematização, ou significado das palavras e os temas geradores, ou seja, o direito que as pessoas têm de conhecer melhor as ocorrências provenientes de sua história, de suas experiências de vida.

3) A problematização que consiste em descobrir o significado do conhecimento para a transformação de vida e da consciência, em construir seu próprio conhecimento a partir de sua vivência, de seus valores, de seus ideais, de suas práticas e de sua própria cultura.

Como explicitado anteriormente, esta pesquisa teve como objetivo conhecer o que motivou o idoso a voltar à escola, bem como levantar suas experiências anteriores com a escolarização.

Para isso foi elaborado um questionário que reuniu elementos que pudessem dar significação ao processo da pesquisa e ao objetivo proposto. Considerou-se necessário elencar questões que permitissem delinear o perfil socioeconômico do sujeito a ser pesquisado, pois o objetivo proposto na pesquisa exigia uma contextualização social, para a melhor compreensão dos depoimentos.

3.1 SOBRE OS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados 40 sujeitos e para garantir o anonimato foram utilizados nomes de pedras preciosas e semipreciosas, sendo que 37 dos entrevistados são mulheres e três homens. A maioria está numa faixa etária acima de 70 anos de idade e o grupo preponderante apresenta uma renda mensal de um salário mínimo. Vale destacar que dos 40 entrevistados, 35 são brasileiros e 5 de países da Ásia e da Europa.

É possível observar uma proporção relativamente igual de cidadãos naturais do nordeste brasileiro e do sudeste, sendo as mulheres em sua maioria viúvas que moram com a família e têm dois filhos. A profissão que mais apareceu nos questionários, por ser a maioria feminina, é de trabalhadora do lar e de aposentada. A partir do perfil de cada sujeito entrevistado foram extraídos elementos para a construção da pesquisa e para a sua análise.

3.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

As vozes dos sujeitos entrevistados deram concretude e substância para sustentar os caminhos da pesquisa. A partir dos indicadores das falas dos alunos emergiu de forma contundente a categoria *inclusão-exclusão*.

Ao questionamento – Os que já foram à escola, por quanto tempo estudaram? – a maioria respondeu que não frequentou a escola e os que estudaram afirmaram que não estudaram nada ou muito pouco, como se expressa nas falas:

Em Araxá. Quando minha mãe morreu, meu pai não deixava ir à escola, se fâmos ele batia na gente de lasca de lenha e depois jogava sal grosso por cima. A gente ficava pendurada e não podia dormir de dor. Com 11 anos fui lavar roupa. (Turmalina).

Morava na fazenda e não tinha escola, não tinha luz, não tinha nada (Jaspe).

Não tinha escola, só era para homens, mulheres não estudavam (Citrino).

Morava na fazenda, às vezes eu ia para a escola, mas não gostava. Fugia para cuidar da casa (Hematita).

Sempre chegava atrasada na escola, primeiro tinha que lavar a louça (Quartzo).

Há que se notar pelos depoimentos, que a maioria dos entrevistados morava na zona rural, em sítios ou fazendas sem recursos que permitissem freqüentar a escola.

Como analisa Soares (2009) o espaço escolar da EJA no Brasil é antiga e se relaciona à exclusão e desigualdade social. Em suas palavras:

Ao contrário do que se possa pensar, a educação de adultos é antiga. Surge para atender à parcela significativa da população que não conseguiu e não consegue concluir o ensino fundamental na idade escolar, nos cursos diurnos. Ela é fruto da exclusão, da desigualdade social. São mandatários da educação de jovens e adultos aqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria, os que foram reprovados, os que evadiram, os que precisavam trabalhar para auxiliar a família (p. 1).

As formas de exclusão são as mais variadas possíveis como também são variadas as suas causas como se pode constatar. No caso da EJA há registros de causas que marcaram diferenças históricas no que se refere ao gênero, o que

também ocorreu em outros países. A exclusão da mulher na escola, como se pode perceber em muitos dos relatos refere-se ao fato de a mulher ser considerada com direitos e obrigações diferentes dos homens, motivo pelo qual as mulheres não podiam estudar. Seus pais não deixavam as filhas irem à escola, alegando que estudo era só para homens, que mulher tinha que trabalhar em casa. Há ainda depoimentos que trazem afirmações de que todos na família tinham que trabalhar na roça para ajudar o sustento.

Nesse sentido, vale trazer como referência a obra de Sawaia (2008) para discutir o conceito de *inclusão-exclusão*. Segundo esta pesquisadora são conceitos que nos remetem à leitura dúbia, a uma visão de dualidade, a uma falsa aparência, que justifica a inserção do sujeito somente pela teorização, mas nunca pela ação propriamente dita. Faz uma análise dialética do comportamento do sujeito pela sua subjetividade. O indivíduo é um ser único, ímpar num meio social que o culpabiliza pela sua própria exclusão. A autora usa o termo “culpabilização individual”, pois a pessoa acaba acreditando que a exclusão ocorre por sua culpa, ou pela sua incapacidade pessoal ou por conta de uma escolha equivocada que fez.

O que se evidencia nos relatos dos idosos, todavia, foi que a culpa de não frequentarem a escola, em sua maioria foi atribuída à família e ao lugar onde moravam, conforme está expresso em alguns relatos.

Retomando a questão sobre a razão de não frequentar a escola, pode-se sintetizar, que a maioria dos que responderam ao questionário, não estudaram em idade escolar e, quando estudaram, frequentaram a escola por muito pouco tempo, porque precisavam trabalhar na roça para ajudar a família, porque precisavam trabalhar em casa e ainda porque os pais não deixavam as mulheres estudarem.

No questionamento sobre o motivo que os levou a procurar a escola novamente, destacam-se algumas respostas, principalmente das mulheres:

A gente viver no mundo sem saber pegar uma condução é muito triste (Pedra da Lua).

Percebi que precisava, ia ao médico não sabia qual era a sala. Passei muita vergonha (Rubi).

Porque sentia falta de ler. Tudo que queria tinha que pedir e eu sentia vergonha (Diamante).

A gente sem aprender a ler e escrever é como se fosse cego. Preciso de um emprego (Âmbar).

O sentimento mais frequente que transparece nas falas é a vergonha, que também se inclui na categoria *inclusão-exclusão*.

Em seu livro “Metáforas e entrelinhas da profissão docente” Silva (2004) relata que, sua mãe contou, que quando começou a construir suas primeiras palavras, que sua avó confessou que aprendeu a escrever seu nome, reorganizando a mobília de seu quarto e posicionando sua cama em um lugar estratégico, de forma a poder, ouvir as aulas que eram dadas à noite por seu pai aos homens da família. Relata a pesquisadora: “Desconfio que a escola, até quando nunca foi experimentada” – como era o caso de minha avó, que obrigava minha mãe a recolher-se no quarto, por ordem de meu avô – “não deixa de perturbar as pessoas com o cheiro de conhecimento que exala” (p. 10).

A autora também afirma que se surpreendeu quando percebeu que sua mãe não conseguia decifrar o que escrevia.

Sempre pensei que minha mãe soubesse ler e escrever, pois a vi inúmeras vezes dar ao *Almanaque Biotônico Fontoura* um tratamento de pessoa letrada: folheava-o com cuidado, demorava um tempo diferente em cada página e tecia comentários diversos que a mim pareciam ser derivados daquilo que estava lendo, já que seu olhar ora era dirigido a mim, ora ao texto (*ibid.*, p. 11).

Esse relato vem confirmar que, principalmente para os analfabetos, a escrita e a leitura se inserem no âmbito de um bem “sacralizado” a que nem todos têm direito. Como denomina Paulo Freire, em muitas de suas obras, é possível ser notada uma busca incessante do ser humano pelo conhecimento.

A vergonha, a tristeza de não ter tido oportunidades de alfabetizar-se, o querer aprender a ler e escrever, o desejo de arrumar um emprego melhor é expresso por Abdalla (2004): “ao sonhar com uma melhor qualificação, o aluno pobre e trabalhador parece ter uma visão de impotência; pois ele vê um mundo construído, mas não o percebe como mundo dele” (p. 48).

Por essa razão o sujeito tenta descobrir qual a melhor maneira de sobreviver e ultrapassar os obstáculos que vão se colocando em sua vida no mundo letrado. Quem busca aprender a ler e escrever, de acordo com Fernandes (2002, p.

56) atrela-se ao fato de que “a aprendizagem da leitura e escrita associa-se à busca do desenvolvimento pessoal”, de uma “aceitação social”.

Nesta pesquisa os não-leitores e não-escritores, além de sentir vergonha em não saberem ler e escrever almejam um emprego melhor, ou mesmo querem um emprego, já que estão desempregados.

Vale ressaltar que o sentimento de exclusão que o analfabeto carrega é um fardo que pesa em suas costas pela vida toda. A matrícula em uma escola simboliza aos não letrados uma percepção de que mudam de condição: a de excluído para a de incluído, pois o histórico de suas vidas os coloca na posição de estarem tendo a oportunidade que não tiveram anteriormente em sua infância e em sua juventude. Embora essa oportunidade não seja real, pois não lhes é dada a condição objetiva de inserção ao mundo cultural e, pela forma que se organiza seu contato com a escrita ser fragmentada e revestida de um formalismo que descaracteriza a escrita e a leitura como um objeto social de conhecimento, metodologizando-os tão somente como um conhecimento escolar, a entrada nos aparatos escolares – carteira, lápis, livros, professor, horários, chamada, tarefas e outros – faz com que eles acreditem que a oportunidade é concreta.

Faz-se necessário afirmar também, que a posição de excluído dos idosos, advém dos que os discriminam. O fato de começarem a fazer parte de um grupo de iguais, que como eles estão lutando com a dificuldade de não saber ler e escrever levam-nos a sentirem-se temporariamente incluídos, não percebendo a relação perversa dessa dualidade e nem das condições de alienação em que ainda se mantêm.

Para os idosos que se encontram em situação de analfabetismo, o fazer parte de uma instituição, transforma suas posições de excluídos em posição de incluídos, sem que percebam as artimanhas que o cercam nessa inclusão.

Ao serem indagados sobre a importância da escola, responderam que a escola é importante para adquirir conhecimento, ter uma alma nova e um emprego, como é possível constatar nos depoimentos apresentados a seguir:

É a gente estudar e aprender. Sem estudo você é cego. A vida não faz sentido, você vai no fundo do poço (Pedra da Lua).

Tudo! Hoje para trabalhar tem que ter estudo. 'Pra' mim faltou trabalho, isso vem dos governos. Quem não sabe ler tem a mesma capacidade de quem sabe. O problema é a discriminação (Jaspe).

Muito grande, depois que comecei aqui, virei outra pessoa. Me desenvolvi mais, falo mais (Amazonita).

Conhecimento do mundo. Quem não sabe ler um pouco, não sabe nada (Citrino).

A escola é uma coisa maravilhosa que Deus deixou. Agora faço tudo, pego ônibus, metrô etc. Na matemática faço risquinho, nunca ninguém me engana (Sodalita).

Com esses depoimentos os entrevistados expressam as suas expectativas em ter uma nova inserção no mundo. O incentivo a aprender coisas novas, a valorização da vida, a amplitude da independência, o emprego melhor remunerado constituem-se em alavanca para todos os que frequentam a EJA e principalmente aos idosos que já foram tantas vezes excluídos dos bens sociais. Para Freire (1992) o ponto de partida para a construção do conhecimento é a compreensão de mundo que os seres humanos têm.

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado, como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática social. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros (p. 86).

Valorizar os saberes adquiridos pela vida dura que tiveram, ou seja, ter reconhecidas suas experiências culturais pela escola e pelos professores, no ideário freiriano representa para os alunos da EJA um diferencial significativo, uma vez que isto relaciona-se ao saber pensar seu mundo e nele se organizar para lutar contra a opressão. As respostas que dão estão bem claras, contrapondo-se ao fato de que para os pais dos alunos entrevistados, a escola não tinha importância. O trabalho tornou-se muito mais necessário. Assim, para a maioria dos entrevistados, a escola é uma oportunidade para a melhoria de vida e valorização pessoal.

Nem sempre, ou melhor, quase nunca, a instituição formal da educação escolar respeita a cultura de seus alunos. Seus saberes não são considerados nem científicos e nem acadêmicos, ou em outras palavras, são tidos como sujeitos que não produzem cultura. Freire (2005) fazia críticas ferrenhas aos que acreditavam que os analfabetos eram gavetas vazias, sem nada dentro. A educação bancária que tanto criticou relacionava-se principalmente à atitude tomada pelo educador frente ao analfabeto.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (p. 77, grifos do autor).

Incentivar o idoso é uma atitude importante para a sua permanência na escola. Geralmente os idosos têm, além da vontade de reaprender ou aprender, o suporte de alguém da família ou do círculo de amizades, que os motivam a voltar ou ir à escola. Na maioria das respostas o incentivo que receberam e a felicidade de adentrar o ambiente escolar aparecem repetidas vezes. Nesse aspecto as falas revelam:

Minha filha me incentivou muito (Turmalina).

Falei 'pro' meu marido. Ele falou que era a melhor coisa que eu ia fazer. Minhas filhas também gostaram (Rubi).

Incentivaram. Meus irmãos falaram: – Olha a Opala está estudando! (Opala).

Gostaram muito! Minha filha é professora e meu neto engenheiro. Querem que eu faça faculdade (Hematita).

Gostaram me incentivaram, é um motivo 'pra' eu sair. Eles não têm tempo pra mim! (Azurita).

Além dos familiares incentivarem é fundamental que os professores também o façam. Segundo Freire (1979) a alfabetização:

Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre o contexto. Isso faz com que o Educador seja fundamental dialogar com o analfabeto sobre a situação concreta, oferecendo-lhes simplesmente os meios com os quais passa se alfabetizar e permanecer na escola (p. 72).

É importante ressaltar, no entanto, a importância que o autor dá para o “criar situações concretas” para o diálogo com o analfabeto. A cultura do adulto analfabeto é, sem dúvida, o ponto de partida para que o aprendiz sinta-se um interlocutor e não uma *cabeça vazia* na qual o professor deve depositar conhecimentos prontos e acabados. A concepção de dialogicidade praticada por ele assenta-se no respeito aos conhecimentos de vida que os alunos trazem.

Em um texto que retoma a relação entre formação técnica e educação, Alves e Almeida (2008) discutem a formação pedagógica e a prática docente confrontando os procedimentos técnicos presentes na pedagogia bancária com os princípios freirianos de “problematização”, “dialogicidade”, “contexto cultural”, a partir da obra de Freire “Extensão ou Comunicação?”, um ensaio do autor publicado em Santiago do Chile em 1969, no qual encontra-se uma discussão sobre a natureza da relação estabelecida entre o técnico agrícola e o camponês que, segundo ele, não pode constituir-se em uma relação extensionista, mas de comunicação. A extensão pressupõe a mera transferência do saber do técnico agrônomo, sem levar em conta o universo cultural do camponês em sua totalidade. E num contexto em que se busca concretizar uma reforma agrária o diálogo entre técnicos e camponeses constitui-se na única forma de garantir a produção dos conhecimentos em posturas necessárias para que a transformação ocorra. De acordo com os pesquisadores:

Se, na verdade, o que interessa ao técnico é transmitir com a maior rapidez possível a técnica “correta” de o camponês se relacionar com a terra, Freire, dialogando com o técnico agrícola, problematiza a superficialidade dessa relação, uma vez que está se baseando numa premissa equivocada. Como discute Freire, “a expressão ‘extensão educativa’ só tem sentido se se toma a educação como prática da ‘domesticação’. Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’ até a ‘sede da ignorância’ (ALVES e ALMEIDA, 2008, p. 15, grifo dos autores).

E acrescentam:

Associada a uma pretensa idéia de superioridade no uso do conhecimento, aparece a impaciência temporal do técnico agrônomo. Para grande parte dos agrônomos com que trabalhava, a antialogicidade tem uma *razão produtiva*, diríamos hoje. Na voz do agrônomo, conforme relato de Freire, “a dialogicidade é inviável. E o é na medida em que seus resultados são lentos, duvidosos, demorados [...] Não se justifica esta perda de tempo. Entre a dialogicidade e antialogicidade, fiquemos com esta última, já que é mais rápida” (*ibid.*, p. 29).

Retomando a questão do incentivo e da expectativa do aprender, muitas e diferentes ideias afloram na cabeça dos educandos sobre qual a importância do saber ler e escrever. Nesse sentido, ao serem questionados sobre como utilizam a leitura e escrita no cotidiano, assim se manifestaram:

Eu leio o evangelho e só escrevo para fazer a lição (Turmalina).

Só uso a leitura e escrita para fazer a lição (Pedra da Lua).

Na leitura tenho dificuldade de juntar as letras, o que aprendo agora esqueço tudo. Na escrito faço a lição (Jaspe).

Na leitura consigo ler o nome dos meu filhos e algumas coisas no livro de oração. Na escrita só faço a lição (Rubi).
A escrita eu só uso na escola. Se for escrever, vou escrever coisas que doem muito, então melhor não. Na leitura gosto de ler ciências (Citrino).

A partir das respostas, é possível analisar que a maioria das alunas faz cópias de lição de casa, pois relatam que ainda não conseguem ler, ou leem com dificuldade, o que nos remete à discussão anterior sobre o estender o conhecimento por meio de repasse de informações ou exercícios repetitivos, utilizados pelos técnicos agrícolas ao procurar ensinar aos camponeses como lidar corretamente com a terra e o plantio. Por trás desses procedimentos encontra-se a falta de confiança de que as pessoas que têm menos “cultura escolarizada” são incapazes de pensar, incapazes de produzir seu próprio conhecimento, devendo, por essa

razão decorar os conhecimentos elaborados pela pesquisa científica para reproduzi-los em sua prática cotidiana.

No questionamento sobre como usam a escrita, a maioria dos entrevistados respondeu que faz uso para copiar e para fazer as lições de casa.

Considerando tais aspectos, no que se refere à sua preferência em ler ou em ouvir as histórias, fica claro porque responderam que preferem mais ler do que ouvir notícias, conforme pode ser observado nos relatos a seguir:

Por enquanto prefiro ouvir, porque entendo mais (Berilo).

Prefiro ler com calma. Ouvir às vezes assusta muito. Ao receber uma notícia você não tem como parar de ouvir, mas se você lê, e vê que vai doer, dá para parar (Citrino).

Fico triste quando pego uma carta e preciso ouvir, quero ler. Fico deprimida quando ouço. Só conheço os números e valor (Sodalita).

Ouvir as notícias é melhor, mas ler livros é bem melhor que os outros lerem (Pirita).

Faço cópia, ainda prefiro ouvir. Prefiro a aula falada (Rodonita).

A segurança do ler e escrever só é conquistada no experimentar o ler e escrever como atividade refletida e não como cópia ou reprodução.

O construir a educação com idosos deve deixar de lado os métodos associacionistas arcaicos herdados da psicologia behaviorista, superando a postura centralizadora do professor como detentor do saber e do aluno como mero reprodutor de conteúdos. Para Freire (1997) “somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada” (p. 77).

Não é suficiente que o aluno chegue à escola; é necessário que a escola vá ao aluno, para fazer a mediação entre os conhecimentos produzidos pela humanidade, a que todos têm direito, e os conhecimentos produzidos em suas vidas. Nesse contexto Silva (1993) aponta que:

Que a escola seja apoiada e incentivada pelas autoridades educacionais e pelos especialistas em educação para assumir seu papel no diálogo entre diferentes significados do mundo, das

peças, da vida. Que as diferentes culturas ali presentes, sejam igualmente valorizadas, vivenciadas, questionadas, feitas e refeitas, num diálogo – favorecido pela escola, entre raças, classes, grupos – no sentido de superação das relações humanas. Não deveria ser esta a principal característica da escola brasileira? (p. 261).

Nas respostas dos alunos aos questionários, em relação ao período em que frequentam a EJA, referem-se ao fato de que a maioria está na instituição há mais de dois anos e muitas ainda não conseguem ter autonomia na leitura e na escrita. Tais respostas possibilitam afirmar que o curso de alfabetização que esses idosos frequentam não atinge os objetivos propostos, agravado pelo fato de que eles mesmas acham que o tempo é escasso ou que não conseguem mais aprender devido à idade. Será por conta da acomodação assumida por idosos ou isso terá a ver com a crença de que nada vale a pena pois estão à espera da morte?

Para Cortella (2000): “[...] em última instância, adaptar-se é morrer. Estar adaptado significa estar acomodado, circunscrito a uma determinada situação, recluso em uma posição específica; adaptar-se é, sobretudo, conformar-se (acatar a forma), ou seja, submeter-se.” (p. 39).

A acomodação de algumas alunas, por estarem em uma sala de aula há muito tempo, com a mesma professora, sem conseguir dominar os processos de leitura e escrita, ajuda a sentir a terrível sensação de impotência que lhes é imposta pela idade.

Freire (2000) em outro momento ressalta que:

Se, de um lado, a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela. Se de meu projeto de ação política, por exemplo, excludo a ação educativa porque só depois da transformação é que posso me preocupar com educação, inviabilizo o projeto. Se, por outro lado, enfatizo apenas a educação com programas de natureza técnica e/ou espiritual e moral não mobilizo e organizo forças políticas indispensáveis à mudança, o projeto se perde em bla-bla-blá ou vira puro assistencialismo (p. 91-92).

O assistencialismo, a convivência, a depressão aparecem nas vidas de muitas viúvas, tanto as que moram sozinhas, como também as que moram com a família, e que sentem a falta de tempo dos entes queridos para se relacionar com

elas. Frequentar qualquer curso, seja ele de alfabetização ou de artesanato trazem para a vida dessas mulheres a salvação aos males de uma vida de velhice, abandono e depressão.

É possível analisar que embora considerem que o aprender é necessário, acham mais necessário o estar junto, o conviver, o poder falar, ouvir e saber que tem alguém à espera, para poder compartilhar suas aprendizagens da escrita e da leitura, até chegar a escrever a história de suas vidas.

É muito mais difícil desaprender o aprendido do que aprender uma coisa nova. O aprendido se agarra na gente de uma forma terrível e é o aprendido que impede que eu aprenda uma coisa de maneira diferente. Então, é preciso desaprender o aprendido. É preciso ter olho novo para ver as coisas velhas de maneira diferente (DIMENSTEIN e ALVES, 2003, p.107).

A coragem de aprender de maneira inovadora faz desses idosos, pessoas que transformaram suas vozes ocultas em gritos de liberdade, em gritos de autonomia, mesmo que sejam, esses gritos debruçados pelas mãos trêmulas, nas cópias incansáveis das famílias silábicas que há anos são vistas e revistas, mas que conseguem apenas ser percebidas no letreiro do ônibus, na porta do consultório, nas ruas, na vizinhança. Nos olhos embaçados pelo tempo, de um olhar que já fora limpo, porém turvo do desconhecimento do mundo letrado e pela falta de oportunidades de ter ocupado os bancos escolares em idade escolar.

Outro aspecto observado na pesquisa, é que as escolas que os idosos frequentam, não são escolas formais. São instituições informais que se apropriam dos modelos utilizados pela instituição formal, mas que não têm peso acadêmico e nem reconhecimento. São classes de alfabetização, que não são denominadas como escola de educação de adultos, mas sim grupos de aprendizagem, ou espaço convivência. Uma das instituições deixou bem claro que, não existem iniciativas educacionais por parte do Estado para o segmento idoso e, que as aulas só acontecem, porque a professora é voluntária e, também porque ainda ninguém reclamou o espaço físico que utilizam.

O informalismo educacional pode ser analisado como uma prática alternativa educacional da sociedade capitalista. Que pode ser compreendido como

uma educação não-formal que é realizada dentro das organizações não-governamentais, nas associações, nas cooperativas, nos espaços que procuram construir uma nova cultura política. Para Santos (1995) os “novos manifestos” são movimentos sociais contra a lógica excludente do capitalismo. O anti-sistema fundado no cooperativismo social e econômico, tem os movimentos sociais como aliados nessa batalha contra a exclusão dos excluídos, pelo sistema capitalista, gerado e alimentado por uma minoria da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como fio condutor, a preocupação com os idosos analfabetos que frequentam cursos não-formais de alfabetização, procurando aferir o que isso representa em seu universo. Para tanto, recorreu-se à contribuição teórica de autores que discutem o tema na área tratada.

No primeiro capítulo da pesquisa, deu-se um levantamento histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos, desde a década de 1940 e concluiu-se que muitas mudanças ocorreram, desde as campanhas emergenciais de alfabetização, nos períodos de eleição. Com a proposta de Paulo Freire, a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, apresentou um significativo progresso. Os profissionais que atuam nessa modalidade passaram de facilitadores da educação, para educadores mediadores de aprendizagem e problematizadores de ideias.

Foi possível perceber que a Educação de Jovens e Adultos, a partir do MOVA, caracterizou-se como educação popular, incorporando-se ao universo do educando. Questionou a valorização do conhecimento científico, frente aos saberes da vida, da prática e da maturidade do sujeito.

O segundo capítulo apresentou, uma breve contextualização sobre a teoria do idoso, sobre o que é envelhecer por meio do diálogo com autores que discutem sobre o tema; enfim, sobre que limitações o envelhecimento traz. Constatou-se que o corpo envelhece, mas a energia vital continua a mesma, os sonhos, as motivações, as necessidades e a vontade de se possuir a imortalidade. Nesse mesmo capítulo discutiu-se o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa, e os ambientes não-formais que esses sujeitos frequentam no curso de alfabetização.

A pesquisa foi realizada, em espaços da educação não-formal, que atendem ao segmento idoso. Dentre as instituições escolhidas, somente uma atende a todas as faixas etárias pertinentes à Educação de Jovens e Adultos e nela observou-se que a maior preocupação que o adulto analfabeto tem é sobre sua inserção no mercado de trabalho, a alavanca para um emprego melhor e a expectativa de uma vida melhor. As outras três instituições atendem somente ao idoso e nela pôde-se constatar que para o idoso, aprender a ler e escrever é o que lhe permite vivenciar uma situação de independência e autonomia.

A expectativa que o idoso tem sobre o aprender a ler e escrever tem a ver com a alegria, a maneira de conversar, a postura diante do outro, a inteligência, o status. O aprender a ler e escrever traz a companhia para aqueles que vivem em situação de abandono e solidão. O ler e escrever ocupa espaços na sua mente e na sua casa. Traz a sensação de completude em companhia de Deus quando as Bíblias são abertas.

Estar na escola, como um sujeito que vive a situação imposta de ser incapaz de aprender, traz dos idosos entrevistados, a certeza de que podem viver sem saber ler e escrever, porém, a vida poderia ser menos dolorosa se soubessem.

A escola para a educação de jovens e adultos deveria ser uma escola que transformasse os fracassos, os medos e as vergonhas, em vitórias e sucessos. Mas, o que se pôde reiterar nesta pesquisa foi que a convivência, o lugar do encontro, para eles, é mais importante do que o aprender. Para alguns o aprender a ler e escrever é tudo, mas para a maioria, o *estar junto* é melhor, nessa altura da vida, em que a idade não traz mais ilusões.

Este estudo levantou uma série de questionamentos sobre a vida, para os quais não temos respostas, mas apenas inquietações como seres vivos conscientes da morte.

Uma das constatações mais significativas, no entanto, foi perceber a importância para os idosos da convivência com os outros, de ler a Bíblia e se render às palavras da sabedoria, de ler as cartas dos parentes que ainda não usam das novas tecnologias, de ler a lista do mercado, a bula do remédio.

Ao observar os idosos e os adultos analfabetos, percebe-se uma vontade que eles expressaram de, como nós, serem conhecedores das letras, das palavras e na ingenuidade acadêmica deles, de ter uma vida cheia de oportunidades, sem exclusão, vergonhas e humilhação.

O terceiro capítulo versou sobre a análise dos dados, analisando-os no patamar posto pela categoria *inclusão-exclusão*, que trouxe nas vozes dos idosos a certeza que tiveram uma vida de exclusão e que encontraram na educação não-formal o acolhimento para a realização de um sonho. Sonho este que lhes foi roubado, pela falta de instrução dos pais, pelo machismo, pela ignorância daqueles que nunca frequentaram a escola ou que acreditavam que só os filhos homens tinham direito a ela.

A pesquisa possibilitou constatar ainda, com as idosas entrevistadas nos ambientes em que estavam, o apreço pela escola por aquelas que nunca puderam na vida sentar-se nos bancos escolares. Há que se ressaltar o capricho que têm com o material escolar, com os lápis de cores, com os cadernos e livros. Elas são, em sua maioria, mulheres com o rosto marcado pelo tempo, com manchas senis nas mãos que pintam desenhos infantis, com cores vivas. Cores com as quais tentam fazer transparecer suas emoções da volta ao tempo que foi perdido. Crianças que por alguns momentos, expandem a verdadeira vontade que elas têm ainda, que é a vontade de viver e de ser felizes.

Entretanto, o que ficou latente e pode ser considerado o resultado mais relevante do estudo, apesar de sua “perversidade” foi constatar, como o fez Lopes (2010) em sua pesquisa sobre “O que pensam os adolescentes em conflito com a lei sobre a instituição escolar”, que a inclusão dos idosos nos cursos de alfabetização é uma inclusão aparente, uma inclusão perversa, “dadas as condições alienantes em que atuam os responsáveis pela inclusão” (p. 71) mesmo reconhecendo, que no caso dos idosos analfabetos, diferentemente do que ocorre com os menores infratores da lei, trate-se de uma ação voluntária de pessoas que esforçam-se em contribuir para mudar a realidade social.

Apoiada em Sawaia (2008), esse estudo de Lopes aponta em sua análise, tratar-se de um processo de inclusão que efetivamente não inclui por não oferecer as condições necessárias para a inclusão. Essa questão é muito mais complexa do que a enunciada na proposta de política pública que estuda e na qual atua.

É oportuno ressaltar que, guardadas as devidas proporções, o mesmo ocorre neste estudo.

Neste momento de reflexão final vale lembrar o posicionamento político de Paulo Freire sobre os processos de alfabetização de adultos em que à leitura do mundo, antecede e se imbrica, a leitura das letras.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, V. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna**: São Paulo. Cortez, 2004.

ALVES, M. L.; ALMEIDA, D. D. M. Educação problematizadora: uma releitura de Extensão ou Comunicação? **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 2, p. 4-7, jul./dez. 2008.

ALVES, R. **As cores do crepúsculo**: A estética do envelhecer. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

AMARAL, N. Cultura e Maturidade. **Revista da Terceira idade**. São Paulo: SESC, ano XII, n. 20, jan., 2001.

BATISTA, A. S. et. al. **Envelhecimento e dependência**: desafios para a organização da proteção social. Brasília, Ministério da Previdência Social, Secretaria de Políticas de Previdência Social, 2008. (Coleção Previdência Social; v. 28).

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BEISIEGEL, C. R. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Ática, 1982.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Artigo 205 / 208, refere-se à educação obrigatória e gratuita. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso em: 23 mai 2009.

CANUTO, L. Ipea e Ministério da Previdência discutem proteção para o idoso no futuro. **Agência Brasil**, Brasília, 9 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/12/09/materia.2008-12-09.9088803743/view>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

CARLOS, E. J. **O enunciado da Educação de Adultos no Brasil**: da Proclamação da República à década de 1940. UFPB – GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n. 18. Disponível em : <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2344--Int.pdf>. Acesso em: 27 jul 2008.

DIMENSTEIN, G.; ALVES, R. **Fomos maus alunos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

CARVALHO, R. V. **A Juvenilização da Eja**: Quais Práticas Pedagógicas? In: 32ª Reunião Anual da ANPD, 2009, Caxambu. Sociedade, Cultura e Educação: Novas regulações? Rio de Janeiro : Armazém das Letras, 2009. v. 1. p. 296-296.

CASTRO, Maria Helena Guimarães. **Avaliação do sistema educacional brasileiro**: tendências e perspectivas. Brasília, INEP, 1998.

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. São Paulo, Global, 1990.

CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento**. Fundamentos Epistemológicos e Políticos. São Paulo, Cortez / Instituto Paulo Freire, 2000.

_____. **A EJA está mais juvenil**. Disponível em: <http://www.cartanaescola.com.br/edicoes/40/a-eja-esta-mais-juvenil>>, Acessado em 23 set 2009.

DI PIERRO, M. C; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, nº 55, p. 58 – 77, Nov. 2001.

FÁVERO, O. Lições da história: os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgs.) **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 13-28.

FRAIMAN, A. P. O Fim da vida na Percepção do Jovem e do Idoso. **Revista da Terceira Idade**. São Paulo: SESC, n. 10, 2000.

FERNANDES, D. G. **Alfabetização de jovens e adultos**: pontos críticos e desafios. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. Recife: Universidade do Recife, Mimeo, 1959.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da indignação**. Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNDO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Espaço Convivência da Terceira Idade – Núcleo de Atenção ao Idoso**. Apresenta o projeto desenvolvido pelo Governo de São Paulo. Disponível em: <http://www.fundosocial.sp.gov.br/proj_idoso.html> Acesso em: 22 abr. 2009.

GADOTTI, M. **Educação e poder**: Introdução à Pedagogia do Conflito. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. (orgs.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: IPF/Cortez, 1995.

_____. **Evolução do Ensino Fundamental no Brasil**: Análise de Estatísticas e Indicadores Educacionais. Instituto Paulo Freire. Disponível em:http://www.paulofreire.org/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0013/Evolucao_Ensino_2000.pdf
Acesso em 18/01/2010

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 4ª ed. São Paulo Cortez, 2008.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em maio de 2010.

HADDAD, S. **Ensino Supletivo no Brasil**: o estado da arte. Brasília: INEP: REDUC. p. 136. 1987.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa em Educação, mai/ago, n. 14, 2000.

JANUZZI, G. S. M. **Confronto pedagógico**: Paulo Freire e o Mobral. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. (Coleção educação universitária).

JOIA, O. et al. **Propostas curriculares de suplência II** (2º segmento do ensino fundamental supletivo): relatório de pesquisa. São Paulo: Ação Educativa, 1999.

LA BELLE, Thomas. **Nonformal Education in Latin American and the Caribbean**. Stability, Reform or Revolution? New York, Praeger, 1986.

LOPES, A. P. **O que pensam os adolescentes analfabetos em conflito com a lei sobre a instituição escolar**. Dissertação de Mestrado. Santos/São Paulo, UNISANTOS, 2010.

MORAES, R. **Texto sobre Paulo Freire**. Disponível em: <blogspot.com/.../o-texto-seguir-foi-escrito-partir-da.html> Acesso em: 22 fev. 2010.

MELLO, S. C. **Pensando o cotidiano em ciências sociais**: identidade e trabalho. Cadernos CERU, série 2, nº 5. São Paulo EDUSP, 1994.

MINTO, C. A. **Legislação Educacional e cidadania virtual nos anos 90**. Tese de Doutorado São Paulo: USP, 1996.

MOLL, J. (org). **Educação de Jovens e Adultos**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

MUCCHIELLI, R. **Les Méthodes Qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France. 1991.

NASCIMENTO, M. N. M. **Educação e Nacional-Desenvolvimentismo no Brasil**. Campinas - SP: Graf. FE - UNICAMP, 2006 (Artigo). Disponível em <www.histedbr.fae.unicamp.br/...periodos/Intr_nacionaldesenvolvimentismo%20Nelito.doc>. Acesso em 19 nov.2009.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente**. EDUCA; Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, R. C., SCORTEGAGNA, P. A.; JACON, T. M. K.; OLIVEIRA, F. S. **A Caminhada Histórica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e na Escola Municipal Professora Zahira Catta Preta Mello**. 2009. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/acer.../Paola%20Scortegagna.doc>. Acesso em 12 set. 2009.

PAGÈS, M. **Orientação não diretiva em psicoterapia e em psicologia social**. (A. S. Santos, Trad). Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Edusp, 1976 (Original publicado em 1970).

PAIVA, J. Desafios à LDB: Educação de Jovens e Adultos para um novo século. IN: ALVES, Nilda; VILLARDI, Raquel. **Múltiplas Leituras da Nova LDB**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunga, 1987.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adulto**. São Paulo: Loyola, 1973.

PEREIRA, D. F. F. Educação de jovens e adultos e educação popular: um olhar histórico sobre as políticas públicas ou ausência delas. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 9, n. 001, p. 53 – 74, jan/jun. 2007.

QUEIROZ, M. I. P. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas**: algumas reflexões. Reflexões sobre a pesquisa sociológica. 2ª ed. Ed. TEXTOS. Série 2, n. 3, p. 13-14, 1999.

RIBEIRO, V. M. M. **Educação de jovens e adultos**: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. Ribeiro (coordenação e texto final); [ilustrações de Fernandes]. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997.

ROMÃO, J. E. Compromissos do educador de jovens e adultos. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: (1970-80) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Paulo. **Projeto integrado de educação popular**: seminário intersecretarial de participação popular. São Paulo, 12 de junho de 1990, (mimeo).

SAWAIA, B. (Org). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, M. **Metáforas e entrelinhas da profissão docente**. São Paulo: Editora Pioneira, 2004.

SILVA, P. B. G. Diversidade Étnica-Cultural e Currículos Escolares – Dilemas e Possibilidades. **Cadernos CEDES** 32, 1993.

SOARES, L. J. G. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**. 2009. Disponível em: http://www.editoradimensao.com.br/revista1_1_trecho.htm. Acesso em 01 nov. 2009

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo: Cortez, 2006.

TIGRE, B. **Envelhecer**. 1998. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/@bt.html#envelhecer>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

VELLOSO, J. P. R.; ALBUQUERQUE, R. C. (coords.). **Um modelo de educação no século XXI**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (Org). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WHITAKER, D. C. A. **O envelhecimento e o poder**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

WOICIECHOWSKY, M. **Jovens, adultos e idosos**: a perspectiva do aprender e do ensinar a ler e a escrever. Dissertação (mestrado) Área de Educação. Ponta Grossa, 2006. Disponível em: www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/771/1/tese.pdf. Acesso em: 18 jul. 2009.

OBRAS CONSULTADAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significações como instrumentos para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n.2, p. 222 – 245, jun. 2006.

ALVES, M. L. **A educação continuada comprometida com a transformação social**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BALESTRO, M. Pesquisa: Caminhos e desafios necessários no processo de investigação científica. **Revista FSG**. Porto Alegre, 2006, v. 6. Disponível em <<http://www.fsg.br/revista6texto7.prp>>. Acesso: em 10 ago. 2009.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A EDUCAÇÃO DE ADULTOS (V: 1997: Hamburgo, Alemanha): **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos: agenda para o futuro**. UNESCO. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000006.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2009.

DI PIERRO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. In: 500 anos de Educação Escolar. **Revista Brasileira de Educação**. nº 14. São Paulo. Ed. Autores Associados, 2000.

FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs). **O tempo do racional estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREUD, S. **Mal estar na Civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os Pensadores).

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

MAYER, I. S. **Idade para EJA**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica: Audiências sobre a Reformulação da Resolução CNE/CBE 1/00 – Educação de Jovens e Adultos – EJA. 2000. Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br>> Acesso em: 29 dez. 2009.

PEIXOTO FILHO, J. P. **A Educação Básica de Jovens e Adultos: a trajetória da marginalidade.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação/UFRJ, 1994.

ROMÃO, J. Educação de jovens e adultos: problemas e perspectivas. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2007.

WEBER, C. E. J. O enunciado da educação de adultos no Brasil: da proclamação da república à década de 1940. In: FARIAS, Maria da Salete Barbosa de; Weber, C. E. J. (orgs.). **Pesquisas qualitativas nas ciências sociais e na educação: proposta de análise do discurso.** João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 17- 36.

APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

1. Nome: _____
2. Data de Nascimento: _____
3. Idade: _____
4. Sexo: _____
5. Nacionalidade: _____
6. Naturalidade: _____
7. Estado Civil: _____
8. Número de Filhos: _____
9. Com quem mora atualmente? Sozinho () família () companheira ()
10. Profissão: _____
11. Aposentado? () SIM () NÃO
12. Renda: () um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de cinco
13. Renda Familiar: () um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de cinco
14. Quando você estudou pela primeira vez?
15. Por quanto tempo estudou?
16. Onde você estudou?
17. Por que você parou de estudar?
18. Por que você procurou a escola de novo?
19. Para você qual é a importância da escola?
20. Para você qual a importância de ler e escrever?
21. Há quanto tempo você frequenta a EJA?
22. Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?
23. O que você pretende fazer depois de terminar o curso?
24. O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?
25. O que você tem lido ultimamente?
26. Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?
27. O que você mais gosta de ler? () jornal () revista () livro () outros
28. Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais as diferenças?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS NA ÍNTEGRA**MOPI MOVIMENTO PRÓ – IDOSO****QUESTIONÁRIO 1****Nome:** *Coral***Data de Nascimento:** *20/07/1934***Idade:** *75 anos***Sexo:** *feminino***Nacionalidade:** *brasileira***Naturalidade:** *São Paulo***Estado Civil:** *casada***Número de filhos:** *8***Com quem mora atualmente?***sozinho () família (x) companheira ()***Profissão:** *do lar***Aposentado?***() sim (x) não***Renda:***() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários***Renda Familiar:***() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários.***Quando você estudou pela primeira vez?***Quando tinha 6 anos.***Por quanto tempo estudou?***Por um ano.***Onde você estudou?***Em uma escola pública.*

Por que você parou de estudar?*Por que era à noite***Por que você procurou a escola de novo?***Por que queria aprender mais, lá na escola pública só aprendi a escrever e ler o nome.***Para você qual é a importância da escola?***É importante porque tudo o que escrevo dou bastante risada. Criei alma nova.***Para você qual a importância de ler e escrever?***Por que fiquei mais esperta, ninguém zomba mais de mim. Estou sendo mais valorizada.***Há quanto tempo você frequenta a EJA?***Há três anos aqui no MOPI.***Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?***Só aqui. Cartão de Natal.***O que você pretende fazer depois de terminar o curso?***Faculdade da terceira idade.***O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?***Ficaram todos felizes, deram a maior força.***O que você tem lido ultimamente?***Leio a Bíblia. Os pedaços que dou conta de ler eu leio.***Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?***Uso para assinar documentos, números de telefones.***O que você mais gosta de ler?***(x) jornal () revista () livro () outros***Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?***Ouvir as notícias é melhor. Também os livros ainda não leio direito.*

QUESTIONÁRIO 2

Nome: *Berilo*

Data de Nascimento: *05/03/1949*

Idade: *60*

Sexo: *masculino*

Nacionalidade: *brasileiro*

Naturalidade: *Bahia*

Estado Civil: *viúvo*

Número de filhos: *6*

Com quem mora atualmente?

sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *servente de obra*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários.

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudou.

Por quanto tempo estudou?

Não estudou.

Onde você estudou?

Não estudou.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar cedo na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Por que sempre tive vontade de aprender a ler e escrever.

Para você qual é a importância da escola?

Saber das coisas, ter conhecimento.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Ficar sabendo das notícias.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Seis meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não e nem quero.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Arrumar um emprego, emprego da terceira idade.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Acharam bom. Já que fiquei viúvo é bom para conviver com as mulheres. (risos).

O que você tem lido ultimamente?

Lição.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal () revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Melhor ouvir.

QUESTIONÁRIO 3

Nome: *Jade*

Data de Nascimento: *15/08/1950*

Idade: *58*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Bahia*

Estado Civil: *casada*

Número de filhos: *1*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *Ajudante Geral – artesã*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Com oito anos. Esperava minha professora Maria José. Linda! Pegava a mala dela. A professora casou e pediu pra minha mãe para me levar, minha mãe não deixou.

Por quanto tempo estudou?

Pouca coisa.

Onde você estudou?

Feira de Santana.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar em casa de família, cuidava de três crianças.

Por que você procurou a escola de novo?

Tenho depressão. Esquecia tudo. Nome e endereço. Para movimentar a cabeça.

Para você qual é a importância da escola?

Por tudo, fazer amizades, conhecer as letras.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Quem não sabe é um verdadeiro... Uma coisa animal... Crueldade. É a maior crueldade que um ser humano pode fazer com outro ser humano. Isso é um crime! A marginalidade é fruto de quem não frequentou a escola.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

A professora manda escrever.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Nada, quero ser artesã. Fazer bijuterias.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Minha filha sempre me incentivou. Disse que eu melhorei muito. Principalmente a cabeça.

O que você tem lido ultimamente?

Tudo. Livros, sindicatos, placas de rua.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Agora que minha mão tá melhor, lição de casa.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal () revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ler é melhor. Você se concentra mais.

QUESTIONÁRIO 4

Nome: *Turmalina*

Data de Nascimento: *10/04/1939*

Idade: *70 anos*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *viúva*

Número de Filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *Copeira*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Em Araxá. Quando minha mãe morreu, meu pai não deixava eu ir na escola, se íamos ele batia na gente de lasca de lenha e depois jogava sal grosso por cima. A gente ficava pendurada e não podia dormir de dor. Com 11 anos fui lavar roupa 'pra' fora.

Por quanto tempo estudou?

Até os 12 anos.

Onde você estudou?

Em Araxá.

Por que você parou de estudar?

Minha madrasta me chamava de burra e eu acreditei.

Por que você procurou a escola de novo?

Minha filha me matriculou a noite e eu não gostei. A matemática foi um empecilho e os maus elementos.

Para você qual é a importância da escola?

As amizades, a convivência a professora.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Frequento o Allan Kardec. Quero ler um texto fazer o evangelho.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Cinco anos

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só para a professora

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Tricô, crochê e fuxico

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Minha filha me incentivou muito.

O que você tem lido ultimamente?

O evangelho.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição, lista de mercado.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista (x) livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir.

QUESTIONÁRIO 5

Nome: *Talco*

Data de Nascimento: *18/07/1927*

Idade: *82*

Sexo: *masculino*

Nacionalidade: *brasileiro*

Naturalidade: *Ceará*

Estado Civil: *casado*

Número de filhos: *8*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *carpinteiro*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Minha mãe andou me ensinando.

Por quanto tempo estudou?

Com sete anos fui trabalhar na roça.

Onde você estudou?

Ceará.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Sempre saía 'pra' dançar, a parceira viu que eu era analfabeto e me matriculou aqui.

Para você qual é a importância da escola?

É bom 'pra' falar, desenvolver.

Para você qual a importância de ler e escrever?

É bom. Tenho inveja de quem sabe.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três anos

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não, só para colegas e professora.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Ficar aqui até quando der. Acho que não dá mais tempo de fazer faculdade.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Uns dizem que é bom. Outros dizem: "O que é que você quer mais"?

O que você tem lido ultimamente?

Só a lição.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal () revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir, só televisão.

QUESTIONÁRIO 6

Nome: *Berilo*

Data de Nascimento: *15/04/1939*

Idade: *70*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *espanhola*

Naturalidade: *Granada*

Estado Civil: *Separada*

Número de filhos: *1*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão:

fábrica de tecelagem.

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Estudei muito pouco.

Por quanto tempo estudou?

Não chegou a um ano e não aprendi nada.

Onde você estudou?

Espanha.

Por que você parou de estudar?

Minha mãe ficou viúva e precisou trabalhar como não estava em casa para arrumar as crianças, achou melhor eu não ir para a escola e ajudar ela.

Por que você procurou a escola de novo?

Sempre tive vontade, mas não achava nada de dia, quando achei aqui. Sempre quis ler.

Para você qual é a importância da escola?

Saber escrever. Tenho vergonha de não saber ler na frente dos outros.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Quando você conversa com alguém, você conversa melhor.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só cartão.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Pretendo ficar aqui. Só para quando precisar escrever na frente dos outros, saber.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Meu filho incentivou muito, achou bom. Tem gente que não dá muita importância.

O que você tem lido ultimamente?

Não aguento ler um livro, esqueço logo. Faço palavras cruzadas.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Por enquanto prefiro ouvir, por que entendo mais.

QUESTIONÁRIO 7

Nome: *Pedra da Lua*

Data de Nascimento: *27/01/1944*

Idade: *65*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Bahia*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *7*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheiro ()

Profissão:

Copeira

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários (x) + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não fui à escola. Os filhos tinham que ajudar os pais.

Por quanto tempo estudou?

Estudei depois de adulta, até a quinta série. Depois fiquei doente, tive amnésia, esqueci tudo.

Onde você estudou?

São Paulo, no SENAI. Esqueci tudo.

Por que você parou de estudar?

Fiquei doente. Na época trabalhava no hospital, peguei encefalite de dois pacientes que morreram. Nessa época o Médico também morreu. Lembra dele? Ele faleceu desse problema.

Por que você procurou a escola de novo?

A gente viver no mundo sem saber pegar uma condução é muito triste.

Para você qual é a importância da escola?

Sem estudo você é cego. A vida não faz sentido, você vai no fundo do poço.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Não tem nada igual, você faz parte do mundo. Minha vida não fazia sentido, quando não sabia, ficava desmotivada.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só na aula para as colegas.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Só saio daqui quando souber tudo.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Ficaram felizes.

O que você tem lido ultimamente?

Lição.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal () revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Quando você ouve é uma coisa, quando você lê, você guarda melhor.

QUESTIONÁRIO 8

Nome: *Jaspe*

Data de Nascimento: *13/01/1940*

Idade: *69*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *9*

Com quem mora atualmente?

Sozinha (x) família () companheiro ()

Profissão: *Trabalhadora rural, costureira.*

Aposentado? *(x) sim () não*

Renda:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Morava na fazenda, não tinha escola, não tinha luz, não tinha nada.

Por quanto tempo estudou?

Não estudei.

Onde você estudou?

Não estudei.

Por que você parou de estudar?

Trabalhava na roça e com gado.

Por que você procurou a escola de novo?

Fiquei sozinha, é duro resolver tudo. Os filhos com má vontade.

Para você qual é a importância da escola?

Tudo. Hoje pra trabalhar tem que ter estudo. 'Pra' mim faltou trabalho. Isso vem dos governos. Quem não sabe ler tem a mesma capacidade de quem sabe. O problema é a discriminação.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Tudo.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só entre as colegas.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Vou continuar, ainda não sei muito bem.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Eles não acreditam. Pensam que eu vou para o baile.

O que você tem lido ultimamente?

Tenho dificuldade para juntar as letras. O que aprendo esqueço tudo.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir.

QUESTIONÁRIO 9

Nome: *Rubi*

Data de Nascimento: *30/12/1934*

Idade: *74*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *São Paulo*

Estado Civil: *viúva*

Número de Filhos: *5*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão:

dona de casa

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudei.

Por quanto tempo estudou?

Não estudei.

Onde você estudou?

Não estudei.

Por que você parou de estudar?

Morava na roça e meu pai não deixava a gente estudar. Por que mulher que sabia escrever, ia escrever carta para namorado.

Por que você procurou a escola de novo?

Percebi que precisava. Ia ao médico e não sabia qual era a sala. Passei muita vergonha.

Para você qual é a importância da escola?

Saber ler mesmo.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Para saber das coisas, ler o ônibus, mandar bilhete.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Seis anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Já, escrevo aqui no curso com a ajuda da professora.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Pretendo continuar aqui. Já tenho idade.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Falei primeiro 'pro' marido, ele falou que era a melhor coisa que eu ia fazer. Minhas filhas também gostaram.

O que você tem lido ultimamente?

Consigno ler o nome dos meus filhos, Alguma coisa no livro de oração.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir.

QUESTIONÁRIO 10

Nome: *Amazonita*

Data de Nascimento: *31/12/1934*

Idade: *74*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *São Paulo*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *3*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha oito anos.

Por quanto tempo estudou

Só por dois anos.

Onde você estudou?

Em Osasco.

Por que você parou de estudar?

Tive que trabalhar com dez anos. Depois me casei com 18 anos e me dediquei à família.

Por que você procurou a escola de novo?

Depois que fiquei viúva tive depressão, então minha filha achou melhor eu procurar algum curso, para conviver com as pessoas. Então conheci o MOPI.

Para você qual é a importância da escola?

Muito grande. Depois que comecei a vir aqui virei outra pessoa, me desenvolvi mais, falo mais.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Nem imagina! Quando você não sabe ler, as pessoas te ensinam errado. Se você for pegar um ônibus e for de idade, eles te ensinam errado.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Cinco anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só cartão de fim de ano.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Quero continuar aqui.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

As filhas ficaram felizes, incentivaram, elogiaram.

O que você tem lido ultimamente?

Nada. Só faço palavras cruzadas.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Faço a lição e cópia.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Gosto dos dois. Ler você fica mais a par. Ler é mais importante. É mais completo.

GRUPO ALEGRIA DE VIVER – ESCOLA ALEGRIA DE SABER**QUESTIONÁRIO 11**

Nome: *Citrino*

Data de Nascimento: *16/11/1932*

Idade: *76*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não tinha escola, só eram para homens, mulheres não estudavam.

Por quanto tempo estudou?

Não estudou.

Onde você estudou?

Não estudou.

Por que você parou de estudar?

Não estudou.

Por que você procurou a escola de novo?

Necessitava da escola para conhecer as coisa lá fora.

Para você qual é a importância da escola?

Conhecimento do mundo. Quem não sabe ler um pouco, não sabe nada.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Aprender a caminhar com as próprias pernas e falar também.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Treze anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Já escrevi muito, agora parei um pouco. Escrevo para uma pessoa muito especial.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Nada. Não enxergo muito bem.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Meu filho me apoiou muito.

O que você tem lido ultimamente?

Gosto de ler ciências.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Só na escola. Se for escrever, vou escrever coisas que doem muito. Então melhor não.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ler, ler com calma. Ouvir as vezes assusta muito. Ao receber uma notícia, você não tem como parar de ouvir, mas quando você lê e vê que vai doer dá para parar.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Pedra da Cruz*

Data de Nascimento: *10/09/1940*

Idade: *68*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *São Paulo, Bauru*

Estado Civil: *casada*

Número de filhos: *7*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Fui, mas muito pouco tempo.

Por quanto tempo estudou?

Morava afastada da escola.

Onde você estudou?

Bauru

Por que você parou de estudar?

Minha mãe morreu, precisei cuidar da casa.

Por que você procurou a escola de novo?

Quero aprender a ler e escrever.

Para você qual é a importância da escola?

É muito importante, andei muito para encontrar isso daqui.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Gosto de ler onde vou, ônibus, livro de receita.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um ano e meio.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Nada, só esse mesmo.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Ficaram contentes. As meninas e os meninos queriam. O marido não.

O que você tem lido ultimamente?

À noite quando dá, pego alguma coisa 'pra' ler.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Faço lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

As duas são a mesma coisa.

QUESTIONÁRIO 13

Nome: *Galena*

Data de Nascimento: *10/09/1929*

Idade: *80*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *São Paulo*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão:

Trabalhava em fábrica

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudei.

Por quanto tempo estudou?

Não estudei.

Onde você estudou?

Não estudei.

Por que você parou de estudar?

Não tinha pai, minha mãe casou de novo e meu padrasto queria que eu trabalhasse na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Queria aprender. 'Tá' difícil de aprender.

Para você qual é a importância da escola?

Para tomar condução.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Sabendo ler, você vai bem em qualquer lugar.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um ano.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não sei ainda escrever.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Ficar aqui.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Ficaram contentes. Vou aprender um pouco.

O que você tem lido ultimamente?

Pego qualquer coisa, texto. Mas ainda não entrou na minha cabeça.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Tento ler, mas prefiro ouvir.

QUESTIONÁRIO 14

Nome: *Feldspato*

Data de Nascimento: *01/05/1933*

Idade: *76*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *Portuguesa*

Naturalidade: *Rebordelo Atrás dos Montes*

Estado Civil: *viúva*

Número de Filhos: *5*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Estudei só dois meses.

Por quanto tempo estudou?

Dois meses.

Onde você estudou?

Portugal.

Por que você parou de estudar?

Com sete anos minha mãe me tirou da escola para cuidar de um bebê da família.

Por que você procurou a escola de novo?

Vim acompanhar uma colega e gostei. Quando começou as aulas queria ir, mas fiquei com vergonha.

Para você qual é a importância da escola?

Saber aonde vai, não sabia nem pegar um ônibus. Era dependente.

Para você qual a importância de ler e escrever?

É a coisa mais bonita da vida da gente. É os olhos da gente. Saber aonde vai, já leio algumas placas.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Tenho medo de errar. Escrevi para a professora no natal, mas precisei de ajuda.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Enquanto puder andar, quero continuar aqui.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Adoraram. Ficaram felizes, porque estou aprendendo.

O que você tem lido ultimamente?

Junto as letras, vou lendo um pouco.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Faço lição, escrevo recado.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas?**Quais diferenças?**

Achou difícil a pergunta, prefere escutar.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Sodalita*

Data de Nascimento: *16/09/1931*

Idade: *78*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *viúva*

Número de Filhos: *3*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *doméstica*

Aposentado? *(x) sim () não*

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Nunca estudei. Meu pai não deixava mulher estudar, só levava meu irmão para a escola.

Por quanto tempo estudou?

Nunca estudei.

Onde você estudou?

Nunca estudei.

Por que você parou de estudar?

Depois de meu pai, veio meu marido que não deixava eu estudar. Dizia que ia arrumar homem.

Por que você procurou a escola de novo?

Não sabia nada, não sabia ler uma correspondência. Tenho muita cabeça, já fui até para os Estados Unidos.

Para você qual é a importância da escola?

A escola é uma coisa maravilhosa que Deus deixou. Agora faço tudo. Pego ônibus, metrô etc. Na matemática faço risquinho, nunca ninguém me engana.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Eu sou sozinha. Quero ler a Bíblia para distrair. Tenho fé em Deus que vou aprender.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Seis meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Nunca.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Ainda não sei. Quero saber ler! Quero fazer faculdade. Será que a idade voga? Tenho muita coisa para aprender.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Minha filha achou ruim. Disse que eu ia perder tempo. O restante apoiou.

O que você tem lido ultimamente?

Lição.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Fico triste quando pego uma carta e preciso ouvir. Quero ler! Fico deprimida quando ouço. Só conheço os números e valor.

QUESTIONÁRIO 16

Nome: *Opala*

Data de Nascimento: *16/10/1937*

Idade: *71*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Gavião Peixoto, São Paulo*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *3*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão:

Cozinheira / Intérprete

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

No MOBREAL, faz oito anos.

Por quanto tempo estudou?

Não estudei na idade certa.

Onde você estudou?

Nunca estudei.

Por que você parou de estudar?

Só trabalhei na lavoura e na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Meu marido morreu. Tinha que aprender para andar sozinha.

Para você qual é a importância da escola?

Para eu ler, escrever. Estar atualizada em todos os sentidos.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Em todos os sentidos. Para não falar de um jeito e escrever de outro.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um ano.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não. Fiz um cartão de Natal para a professora.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?¹⁰

Pretendo continuar. Mas não tenho um objetivo. Se tivesse concluído o colegial, mas estou me alfabetizando agora, praticamente. Já tenho 71 anos. Espiritualmente sou jovem, mas a cabeça não ajuda mais. Quando me casei, chorei por que não sabia assinar meu nome. Tinha muita vontade de estudar, fiz curso de corte costura. Chorava por que não sabia assinar um documento. Por isso dou muito valor ao estudo. Sofri muito, trabalhava como intérprete para as esposas dos japoneses que não sabiam falar nada de português. Mesmo com meu português errado, tive sorte.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Incentivaram. Meus irmãos falaram: – “Olha a Opala ‘tá’ estudando”.

O que você tem lido ultimamente?

Não respondeu. Contou a história de sua casa, da morte do marido.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ouvir.

¹⁰ Foi possível sentir muita solidão nessa senhora, que falou em atividades físicas, depressão.

QUESTIONÁRIO 17

Nome: *Sugilita*

Data de Nascimento: *15/05/1939*

Idade: *70*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Ceará*

Estado Civil: *casada*

Número de filhos: *6*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha nove anos.

Por quanto tempo estudou?

Só por um ano.

Onde você estudou?

Feria de Santana – Bahia.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar, tinha preguiça de estudar. Queria namorar.

Por que você procurou a escola de novo?

Por que queria aprender a ler e escrever. Lá na igreja o pastor exige que saiba ler.

Para você qual é a importância da escola?

Para tudo. Foi a coisa melhor que me aconteceu. Foi a doutora do posto que indicou para eu vir para cá.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Quem não lê e escreve é um cego. Um incompetente.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Ainda não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Quando souber ler e escrever, quero abrir um negócio lá em casa. Uma bomboniere.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

A família me deu os parabéns.

O que você tem lido ultimamente?

Já leio o nome do ônibus e algumas palavras na televisão.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Já escrevi o nome do meu marido.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ouvir, ainda não leio.

QUESTIONÁRIO 18

Nome: *Pirita*

Data de Nascimento: *28/05/1944*

Idade: *65*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Bahia*

Estado Civil: *solteira*

Número de filhos: *não tenho.*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *Metalúrgica*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha sete anos.

Por quanto tempo estudou?

Mais ou menos uns cinco anos.

Onde você estudou?

Na Bahia.

Por que você parou de estudar?

Por que reprovei e fiquei com raiva.

Por que você procurou a escola de novo?

Melhorar a letra e saber escrever.

Para você qual é a importância da escola?

Porque as pessoas te respeitam mais.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Ler e escrever são importantes. Para escrever carta para os amigos.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Ainda não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Muitas coisas. Por exemplo, aumentar as vendas do chapeado.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Acharam bom. Me deram os parabéns.

O que você tem lido ultimamente?

Livros.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Recados, números de telefone.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir notícias é melhor. Mas ler livros é melhor do que ouvir os outros lerem.

QUESTIONÁRIO 19

Nome: *Aventurina*

Data de Nascimento: *19/01/1931*

Idade: *78*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Espírito Santo*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *4*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha seis anos.

Por quanto tempo estudou?

Até a terceira série.

Onde você estudou?

Espírito Santo.

Por que você parou de estudar?

Não gostava. E meu pai viajava muito.

Por que você procurou a escola de novo?

Para lembrar.

Para você qual é a importância da escola?

É tudo na vida. Saber coisas novas.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Tudo! Sem saber ler, você não sabe nada.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um ano.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Sim, bilhete.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Continuar aqui, até quando der. E também para socializar.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram muito. E também tenho aonde ir.

O que você tem lido ultimamente?

Sei ler até que bem. Leio a Bíblia, receitas, bulas de remédios.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Copio receita.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Melhor ler. Mas também gosto de ouvir.

FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE – ESPAÇO CONVIVÊNCIA**QUESTIONÁRIO 20****Nome:** *Diamante***Data de Nascimento:** *26/06/1941***Idade:** *68***Sexo:** *Feminino***Nacionalidade:**
*Brasileira***Naturalidade:**
*Recife***Estado Civil:** *casada***Número de filhos:** *3***Com quem mora atualmente?**
*Sozinho () família (x) companheira ()***Profissão:** *doméstica***Aposentado?**
*(x) sim () não***Renda:**
*(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários***Renda Familiar:**
*() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários***Quando você estudou pela primeira vez?**
*Nunca estudei.***Por quanto tempo estudou?**
*Não estudei.***Onde você estudou?**
Não estudei.

Por que você parou de estudar?

Fui criada com meu pai na roça. Fui trabalhar na casa de família.

Por que você procurou a escola de novo?

Porque sentia falta de ler. Tudo o que eu queria precisava pedir, sentia vergonha.

Para você qual é a importância da escola?

Aprender a falar. Ser educada. Saber falar com as pessoas.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Quando a gente sabe, ninguém engana a gente.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Quatro meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só escrevo meu nome muito mal, ainda ajunto as palavras.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Ainda não sei (olhar triste). Tenho que agradecer muito a Deus e a essa professora.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram.

O que você tem lido ultimamente?

Não respondeu.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Não respondeu.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Não respondeu.

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Não respondeu a mais nenhuma pergunta. Ficou parada com um olhar triste.

QUESTIONÁRIO 21

Nome: *Hematita*

Data de Nascimento: *28/04/1930*

Idade: *79*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Paraná*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *4, mas 2 morreram*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários (x) + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários (x) + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Morava na fazenda. Às vezes ia à escola, mas não gostava. Fugia para cuidar da casa.

Por quanto tempo estudou?

Muito pouco, nem terminei o ano.

Onde você estudou?

Paraná.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar em casa. Fazer café, comida etc.

Por que você procurou a escola de novo?

Estudei em Maringá no Paraná, a professora me incentivava. Depois em São Paulo no bairro do Cambuci.

Para você qual é a importância da escola?

Para poder entrar num banco, cartório, viajar e não precisar pedir nada 'pra' ninguém.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Ser a melhor em tudo.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Já, para o meu neto em Manaus. Pedi para a minha filha ler e ver se estava bom. Bilhete eu também já sei escrever.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Se for bem mesmo, pretendo fazer o ginásio.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram muito, minha filha que é professora e meu neto que é engenheiro, querem que eu faça faculdade.

O que você tem lido ultimamente?

Tudo o que aparece.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Faço cópia, leio tudo na rua.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Os dois. Ler e ouvir.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Marfim*

Data de Nascimento: *21/06/1931*

Idade: *78*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *japonesa*

Naturalidade: *Tóquio*

Estado Civil: *casada*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão:

do lar

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Estudei no Japão. Escondido.

Por quanto tempo estudou?

Não lembra, mas falou que bastante tempo.

Onde você estudou?

No Japão.

Por que você parou de estudar?

Por causa da guerra.

Por que você procurou a escola de novo?

Uma amiga fazia o curso de bijuteria aqui. Então ela me trouxe.

Para você qual é a importância da escola?

Para aprender a falar.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Só escutar não entendo nada. Ler e escrever o português é muito difícil.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Quatro anos. A professora é boa, entendo tudo.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Sim, mas às vezes escrevo errado.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Não respondeu.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostou. Meu marido lê o dicionário.

O que você tem lido ultimamente?

O livro de Ane Frank, sobre o holocausto.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Receita, carta.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista (x) livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas?

Quais diferenças?

Ouvir, pois entendo melhor.¹¹

¹¹ Foi muito difícil entender, fala muito mal o português.

QUESTIONÁRIO 23

Nome: *Quartzo*

Data de Nascimento: *20/08/1947*

Idade: *61*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *manicure*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários (x) + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Sempre chegava atrasada, quando criança, tinha que primeiro lavar a louça.

Por quanto tempo estudou?

Por dois meses e não aprendi nada.

Onde você estudou?

Sacramento, em Minas.

Por que você parou de estudar?

Parei por que vivia de casa em casa de família para trabalhar.

Por que você procurou a escola de novo?

Deu vontade, agora não tenho ninguém para chatear. Gosto de vir, acho que vou longe.

Para você qual é a importância da escola?

Muito importante. Quero escrever um bilhete, não sei. Quero aprender palavras bonitas, quero ser corrigida.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Fazer as coisas, trabalhar. Se for numa excursão por exemplo e você não sabe nada, passa vergonha.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Sete meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Já e deu para entender.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Arrumar outra escola. Estudar mesmo.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

As pessoas não gostam. Eles veem que você está subindo, elas não gostam.

O que você tem lido ultimamente?

Lição.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir. Porque quando ouço, entendo melhor.

QUESTIONÁRIO 24

Nome: *Kunzita*

(Tentou soletrar em LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais).

Data de Nascimento: *27/03/1942*

Idade: *67*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *húngara*

Naturalidade: *Budapeste*

Estado Civil: *divorciada*

Número de filhos: *4*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão:

do lar

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Na Hungria. Fiz até o oitavo ano. Vim para o Brasil com 15 anos.

Por quanto tempo estudou?

Oito anos.

Onde você estudou?

Na Hungria.

Por que você parou de estudar?

(Deu risada) Que pergunta! Nunca parei de estudar. Aqui no Brasil fiz vários cursos, vou continuar até quando viver.

Por que você procurou a escola de novo?

Procurei esse curso por que sou estrangeira. O que não sabia queria corrigir. Meu marido queria que os costumes fossem preservados. Depois de seu falecimento, precisava falar, ler e escrever. Dei aulas para escoteiros húngaros na comunidade.

Para você qual é a importância da escola?

(Ficou arrogante) Sempre gostei de estudar, falo quatro idiomas. Estudar é um vício na minha vida.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Escrevo do jeito que falo. Queria corrigir, por isso procurei esse curso... E aqui é gratuito.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Cinco anos

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Perfeitamente. Escrevo em húngaro, português, iugoslavo, alemão e francês.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Aula de dança de salão.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Não respondeu.

O que você tem lido ultimamente?

Livros.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Não respondeu.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Não respondeu.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Heliotrópio*

Data de Nascimento:

18/10/1936. Naquela época eles não registravam as crianças, só batizavam então eles aumentaram minha idade como se tivesse nascido em 1931, para eu poder votar.

Idade: *73*

Sexo:

feminino

Nacionalidade:

Brasileira

Naturalidade: *Paraíba*

Estado Civil:

casada

Número de filhos: *8*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão:

doméstica

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudei. Minha tia ensinava em casa a cartilha e o abc.

Por quanto tempo estudou?

Pouco tempo, só para aprender o 'b a ba'.

Onde você estudou?

No Ceará. Fiz o primeiro ano.

Por que você parou de estudar?

Casei muito cedo, com 13 anos. Nunca trabalhei fora. Só uma vez que saia todo dia, para acompanhar minha filha que com 15 anos estava na quinta série. Ela ensina as crianças numa escola. Quando o partido perdeu, ela teve que sair.

Por que você procurou a escola de novo?

Queria melhorar... a letra. Escrevia errado... aí já não era mais criança, já era aposentada, não queria ficar em casa.

Para você qual é a importância da escola?

Por tudo. Da escola nasce tanta coisa boa... Educação. A gente aprende a viver mais.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Para comunicação. Sem ela fica tudo confuso.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

De três a cinco anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Nunca escrevi.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Desenhar, fazer artesanato.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Todos me apoiaram.

O que você tem lido ultimamente?

Às vezes leio. Mas prefiro assistir novela.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Faço lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir para entender melhor.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Azurita*

Data de Nascimento: *03/10/1920*

Idade: *88*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil:

Viúva há mais de trinta anos.

Número de filhos: *8*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão:

cozinheira

Aposentado?

() sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudei, meu pai não deixava.

Por quanto tempo estudou

Não estudei.

Onde você estudou?

Não estudei.

Por que você parou de estudar?

Nunca estudei, precisei trabalhar na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Primeiro criei meus filhos. Sai de Minas para eles poderem estudar. Tenho um neto advogado e um filho tenente. Procurei a escola por que acho bonito.

Para você qual é a importância da escola?

Aprender a ler e escrever. Já não consigo pela idade.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Acho bom. Se você não sabe nada, pode se considerar uma pessoa cega.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Quatro anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Sim, eu escrevo bem, copio bem, mas tenho dificuldade para ler.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Quero fazer crochê e não consigo. Sinto muita solidão, sou muito sozinha. Já pensei em largar o curso... Não consigo aprender. Mas preciso sair de casa para não ter depressão.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram. Incentivaram. É um motivo para eu sair de casa. Eles não têm tempo 'pra' mim.

O que você tem lido ultimamente?

Qualquer coisa.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Lição.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista (x) livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ler do que escutar.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Alexandrita*

Data de Nascimento: *15/04/1936*

Idade: *73*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *divorciada*

Número de Filhos:

Não tenho.

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *cozinheira*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudei. O meu pai não queria, ele era burro, então todos tinham que ser burro. Uma vez minha mãe me matriculou escondida. Quando ele descobriu, deu uma surra em mim e outra nela. Quando me tornei adulta era empregada doméstica, as patroas não deixavam estudar. Quando era diarista, fui estudar. Estudei até a 3ª série. Então consegui um serviço público e voltei a estudar só depois que me aposentei.

Por quanto tempo estudou?

Muito pouco. Quando criança não tinha com quem estudar. Se fosse pra escola era só para fazer baderna. Trabalhei muito cedo no garimpo, na roça.

Onde você estudou?

Em Minas.

Por que você parou de estudar?

Pelo trabalho, meu pai era muito bravo.

Por que você procurou a escola de novo?

Para arrumar um serviço público. Era puxado, cozinhou para 600 pessoas. Ficava cansada, tinha que adiantar o serviço para o dia seguinte. Então só procurei depois que me aposentei.

Para você qual é a importância da escola?

É muito agora. Na época em que estudei não era. Agora a professora ensina a gente falar, conversar. Pena que o tempo é curto.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Tenho o hábito de ler mais do que escrever. Na escrita só faço cópia.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Sim, eu tento sozinha, mas nunca mandei porque acho que tem erros. Escrevo para a professora.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Não sei responder pelo dia de amanhã. Já tenho muita idade.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Acharam bom. Assim eu saio. Também frequento uma seita. Outros criticaram. Falaram assim: – Com essa idade? O que você pretende fazer?

O que você tem lido ultimamente?

Leio sobre a seita “perfeita liberdade”, é uma seita japonesa. Sobre o Buda, também leio revistas.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Escrevo em casa. Faço as lições.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Escutar é melhor. Entendo melhor.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Rodonita*

Data de Nascimento:
Não lembra.

Idade: 79

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Sergipe*

Estado Civil: *solteira*

Número de filhos: *1 com 48 anos*

Com quem mora atualmente?
Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão:
cozinheira

Aposentado?
(x) sim () não

Renda:
(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:
() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?
Nunca estudei.

Por quanto tempo estudou
Não estudei.

Onde você estudou?
Não estudei.

Por que você parou de estudar?
Meu pai não deixava mulher estudar. Fui trabalhar na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Apareceu essa chance de graça. Podia vir quando quisesse, nada forçado.

Para você qual é a importância da escola?

Aprender a escrever. Mas não consigo, minha cabeça é muito fechada. Quando a aula é falada é muito bom. Aproveito muito, por que esclarece a cabeça da gente.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Bom para tudo. Sonho em escrever um livro. Queria ter três coisas: ter uma casa, ter um filho e escrever um livro. Só falta o livro.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não, quando tenho que fazer minha filha faz. Ela é formada em administração.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Esse curso não termina. Até quando aguentar eu venho.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Todo mundo gostou. É bom fazer se tiver a chance.

O que você tem lido ultimamente?

Não pego nada 'pra' ler. Ainda não aprendi direito.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Não faço.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Não respondeu.

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Só faço cópia. Ainda prefiro ouvir, prefiro a aula falada.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Obsidiana*

Data de Nascimento: *13/06/1942*

Idade: *67*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Minas Gerais*

Estado Civil: *viúva*

Número de filhos: *4*

Com quem mora atualmente?

Sozinho (x) família () companheira ()

Profissão: *do lar*

Aposentado?

(x) sim () não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Não estudei.

Por quanto tempo estudou?

Não estudei.

Onde você estudou?

Não estudei.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar na roça. Em casa de família cuidando de menino.

Por que você procurou a escola de novo?

Para aprender a ler. É meu sonho.

Para você qual é a importância da escola?

É tudo na vida.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Sem saber ler, você não sabe nada. É cego.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Só para a professora.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Queria ser professora. Mas acho que não dá mais tempo! Então fico aqui até quando der e tiver.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram muito, me incentivaram.

O que você tem lido ultimamente?

Faço a lição e tento ler a Bíblia.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Só na lição.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ler, mas no momento só ouço.

IBAB – IGREJA BATISTA DE ÁGUA BRANCA**Nome:** *Verdite¹²***Data de Nascimento:**

Não lembra.

Idade: *52***Sexo:** *feminino***Nacionalidade:** *brasileira***Naturalidade:***Bahia***Estado Civil:** *casada***Número de filhos:**

Não tem.

Com quem mora atualmente?*Sozinho () família () companheira (x)***Profissão:***Faz crochê para vender.***Aposentado?***() sim (x) não***Renda:***() um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários***Renda Familiar:***(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários***Quando você estudou pela primeira vez?**

Não estudou.

Por quanto tempo estudou

Não estudou.

Onde você estudou?

Não estudou.

¹² Essa aluna tem deficiência auditiva

Por que você parou de estudar?

Nunca estudei porque sou surda.

Por que você procurou a escola de novo?

Quero estudar, aprender a pensar.

Para você qual é a importância da escola?

Para aprender a ler.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Uma ajuda muito boa.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Nunca escrevi.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Vou continuar.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram mais ou menos.

O que você tem lido ultimamente?¹³

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

O que você mais gosta de ler? () jornal () revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

¹³ Não respondeu ao restante das perguntas.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Lápis – lázuli*

Data de Nascimento: *03/01/1961*

Idade: *48*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Pernambuco*

Estado Civil: *solteira*

Número de filhos: *5*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *'Na limpeza'*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha 13 anos.

Por quanto tempo estudou

Nem um ano. Não aprendi nada, só assinar o nome.

Onde você estudou?

Na Bahia.

Por que você parou de estudar?

Minha mãe me tirou da escola para eu trabalhar na olaria.

Por que você procurou a escola de novo?

Já tentei várias vezes, mas não dava certo, por causa do horário. Mudava de casa, aí parava.

Para você qual é a importância da escola?

Tudo. Tem muitas informações.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Prefiro ler o jornal.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Quase um ano.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Continuar, se tiver chance.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Na minha família ninguém falou nada. Não temos diálogo, meus filhos não acreditam em mim. Devido minha criação sou muito fechada, tenho vergonha. Queria falar para um filho que eu amo ele, mas não consigo. Agora, meus amigos me incentivaram. Também vim pra cá, por que aqui não tem escada.

O que você tem lido ultimamente?

Não consigo. É difícil juntar as palavras.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Não uso.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Não respondeu

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ouvir, não sei ler.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Cornalina*

Data de Nascimento: *20/05/1961*

Idade: *48*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *São Paulo*

Estado Civil: *amigada*

Número de filhos: *10*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *cozinheira*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha sete anos.

Por quanto tempo estudou?

Por três anos.

Onde você estudou?

No Bairro Vila Rica, em São Paulo.

Por que você parou de estudar?

Não queria mais. Não gostava de estudar.

Por que você procurou a escola de novo?

Estudava a noite era muito cansativo. Tinha as dificuldades do trabalho. Larguei. Fiz até a 6ª série.

Para você qual é a importância da escola?

Sem leitura e aprendizado, não se consegue nada. Tenho dons de cozinha, enfermagem, gosto de idosos. Mas não sei se vou conseguir.

Para você qual a importância de ler e escrever?

No trabalho é melhor saber. Para não ser enrolado, passado para trás.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um mês.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Já, para um filho preso.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Pretendo ir para outra escola. Não posso ficar parada.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Gostaram, incentivaram.

O que você tem lido ultimamente?

De vez em quando a Bíblia.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Só na escola e na lição de casa.

O que você mais gosta de ler?

() jornal (x) revista () livro () outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ter alguém para contar a história é melhor.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Rocha*

Data de Nascimento: *05/01/1970*

Idade: *39*

Sexo: *masculino*

Nacionalidade: *brasileiro*

Naturalidade: *Paraíba*

Estado Civil: *casado*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão:

Ajudante Geral

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários.

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários.

Quando você estudou pela primeira vez?

Não lembra.

Por quanto tempo estudou?

Não lembra.

Onde você estudou?

Paraíba.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Deu vontade. Sou analfabeto e assino com o dedo.

Para você qual é a importância da escola?

Ninguém pega para trabalhar um analfabeto. Também é preciso saber assinar o nome, preencher ficha, ler o nome dos filhos.

Para você qual a importância de ler e escrever?

É bom para qualquer coisa.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Nunca.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Só quero aprender a ler e escrever. Isso já basta.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Falaram que é bom estudar.

O que você tem lido ultimamente?

Nada.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Não uso.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Não respondeu.

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Melhor ouvir. Se pudesse lia, mas no momento só ouço.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Grunerita*

Data de Nascimento: *10/02/1953*

Idade: *57*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Bahia*

Estado Civil: *separada*

Número de filhos: *1*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *cozinheira*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha oito anos e faltava muito.

Por quanto tempo estudou

Não sei explicar. A fazendeira queria que eu estudasse, mas meu pai não deixava.

Onde você estudou?

Na Bahia.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar em casa.

Por que você procurou a escola de novo?

É uma oportunidade. Cada vez as coisas estão ficando difíceis.

Para você qual é a importância da escola?

Tudo! Meu maior esforço, minha paixão.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Acho bonito falar bem, escrever bem. Queria ser escritora.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Meio atrapalhado, mas já. Para uma irmã na Bahia.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Gastronomia no SENAC.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Uns falam: – Você é louca? ‘Pra’ que mais? É muito cansativo.

O que você tem lido ultimamente?

Gibi, revista e Bíblia.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Em casa. Às vezes vou dormir uma hora da manhã só copiando.

O que você mais gosta de ler?

(x) jornal (x) revista (x) livro (x) outros

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Gosto de ouvir. Para poder escrever de cor.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Sugilita*

Data de Nascimento: *20/06/1965*

Idade: *44*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Bahia*

Estado Civil: *casada*

Número de filhos: *5*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão:

limpeza

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Nunca estudei.

Por quanto tempo estudou

Nunca estudei.

Onde você estudou?

Nunca estudei.

Por que você parou de estudar?

Tinha que ajudar na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Fui incentivada por uma amiga. Como não estou trabalhando, gostei e fiquei.

Para você qual é a importância da escola?

Quando ia trabalhar, para pegar um ônibus precisava de ajuda. A escola nos dá isso.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Com estudo não preciso pedir nada 'pra' ninguém. Fiquei animada e me sinto independente.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um ano.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Ainda não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Quero continuar até pegar mais prática e ficar completa.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Ficaram contentes.

O que você tem lido ultimamente?

Nada.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Nada.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Nada.

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouvir.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Jacinto*

Data de Nascimento: *24/12/1971*

Idade: *38*

Sexo: *masculino*

Nacionalidade: *brasileiro*

Naturalidade: *São Paulo*

Estado Civil: *casado*

Número de filhos:

Não tem.

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família () companheira (x)

Profissão:

Catador de materiais para reciclagem

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários.

Renda Familiar:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários. Nem chega nisso uns R\$ 150,00

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha uns nove anos.

Por quanto tempo estudou?

Um ano.

Onde você estudou?

Bairro Guarani.

Por que você parou de estudar?

Minha família era muito atribulada, mudava muito.

Por que você procurou a escola de novo?

Tentar aprender alguma coisa.

Para você qual é a importância da escola?

A educação que é passada.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Ler, escrever, fazer matemática. Abre as portas para o futuro.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Três anos.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Sempre tive vontade, mas ainda não escrevo. Tenho depressão e esqueço fácil.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Tenho vontade de ler a Bíblia e compor música.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Acham bom, dão apoio.

O que você tem lido ultimamente?

Não entendeu a pergunta. Respondeu que quer limpar o nome e guardar dinheiro para se aposentar.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Às vezes.

O que você mais gosta de ler?

jornal revista livro outros

Não respondeu.

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Ouçó a notícia, se pudesse ler queria expressar minha opinião. Ainda tenho esperança e fé. As vezes tenho a impressão que estou em outro mundo.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Âmbar*

Data de Nascimento: *30/08/1977*

Idade: *31*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Recife, Pernambuco*

Estado Civil: *separada*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família () companheira (x)

Profissão: *doméstica*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Com sete anos.

Por quanto tempo estudou?

Um ano.

Onde você estudou?

Recife.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar na roça. Para ajudar meu pai.

Por que você procurou a escola de novo?

A gente sem saber ler e escrever é como se fosse cego. Preciso de um emprego.

Para você qual é a importância da escola?

Ler e escrever é o que eu mais quero. É triste chegar um bilhete da escola do filho e você não saber ler.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Saber para onde vai.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Um ano e meio.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Ainda não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Se conseguir sair dessa escola, quero arrumar outra escola e fazer um curso mais avançado.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Muitos gostaram, outros não.

O que você tem lido ultimamente?

Nada.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Nada.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Não respondeu

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Não respondeu.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Minério*

Data de Nascimento: *25/03/1951*

Idade: *48*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Paraíba*

Estado Civil: *solteira*

Número de filhos: *2*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *copeira*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário () dois salários (x) 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Quando tinha dez anos, aí meu pai não deixou mais.

Por quanto tempo estudou?

Três meses.

Onde você estudou?

Paraíba.

Por que você parou de estudar?

Para trabalhar na roça.

Por que você procurou a escola de novo?

Já criei minhas filhas. Para não ficar em casa e dormir cedo vou para a escola.

Para você qual é a importância da escola?

Saber ler e escrever para não perguntar a ninguém.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Pela independência, na rua não preciso perguntar nada e não corro o risco de me ensinarem errado.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Quase um ano.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Ainda não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Pretendo ser voluntária.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Deram o maior apoio, principalmente os colegas de trabalho.

O que você tem lido ultimamente?

Ainda não sei ler.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Ainda não sei escrever.

O que você mais gosta de ler?

() jornal () revista () livro () outros

Não respondeu

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ler quando puder.

QUESTIONÁRIO

Nome: *Mineral*

Data de Nascimento: *02/03/1968*

Idade: *41*

Sexo: *feminino*

Nacionalidade: *brasileira*

Naturalidade: *Pernambuco*

Estado Civil: *solteira*

Número de filhos: *7*

Com quem mora atualmente?

Sozinho () família (x) companheira ()

Profissão: *faxineira*

Aposentado?

() sim (x) não

Renda:

(x) um salário () dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Renda Familiar:

() um salário (x) dois salários () 3 ou 4 salários () + de 5 salários

Quando você estudou pela primeira vez?

Só até os seis anos.

Por quanto tempo estudou?

Por um ano.

Onde você estudou?

Pernambuco.

Por que você parou de estudar?

Porque vim para São Paulo, para sofrer. Meu pai morreu, pois vivia doente.

Por que você procurou a escola de novo?

Por conta do serviço. Meu patrão pega muito no meu pé, preciso separar etiquetas, como não sei ler precisei procurar a escola, senão vou ser mandada embora.

Para você qual é a importância da escola?

A escola é tudo. Tive filhos muito cedo e não tive pai para assumir. Meus outros maridos batiam em mim, não queriam que eu frequentasse a escola.

Para você qual a importância de ler e escrever?

Tenho vontade de ler a bíblia, até choro. Por isso ler é muito importante.

Há quanto tempo você frequenta a EJA?

Dois meses.

Você já escreveu cartas a parentes ou amigos? Para quais você já escreveu?

Não.

O que você pretende fazer depois de terminar o curso?

Pretendo continuar os estudos.

O que as pessoas da família ou amigos dizem quando você conta que voltou a estudar?

Tiraram um sarro. Depois de velha vai aprender?

O que você tem lido ultimamente?

Nada.

Como você usa a escrita na sua vida e no seu trabalho?

Ainda não uso.

O que você mais gosta de ler?

jornal revista livro outros

Não respondeu

Para você há diferença entre ler notícias e ouvir notícias; entre ler livros ou ouvir as histórias dos livros contadas por outras pessoas? Quais diferenças?

Prefiro ouvir, ainda não sei ler.

ANEXO A – ARTIGO DA CONSTITUIÇÃO

Art. 208 - O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (Alterado pela EC-000.014-1996)

obs.dji. grau.2: Art. 13, § 2º, L-011.494-2007 - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB - Alteração; D-006.093-2007 - Programa Brasil Alfabetizado, Universalização da Alfabetização de Jovens e Adultos de Quinze Anos ou Mais

obs.dji.grau.2: Art. 1º, Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência - L-0010.845-2004; Art. 13, § 2º, L-011.494-2007 - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB - Alteração

obs.dji.grau.2:

obs.dji.grau.2: Art. 212, § 4º, Educação - CF

obs.dji.grau.2: Art. 60, III, Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - CF

obs.dji.grau.4: Estados; Ordem Social

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

obs.dji.grau.2: Art. 5º, § 3º, Direito à Educação e Dever de Educar - Diretrizes e Bases da Educação Nacional - L-009.394-1996

obs.dji.grau.4: Ensino Obrigatório

§ 3º - Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela freqüência à escola.

obs.dji.grau.2: D-006.425-2008 - Censo Anual da Educação

obs.dji.grau.4: Ensino Fundamental.

ANEXO B – TEXTO DO SITE DO FUNDO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

ESPAÇO CONVIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE

NAI – NÚCLEO DE ATENÇÃO AO IDOSO

O Fundo de Solidariedade do Estado de São Paulo, presidido pela primeira-dama, Dra. Monica Serra, desenvolve também Programas e Projetos dirigidos à Terceira Idade visando proporcionar a esse segmento entretenimentos sociais de lazer e cultura, bem como viabilizar a efetiva participação em práticas esportivas e oficinas de artes, além de sensibilizar a comunidade para novas formas de inserção da pessoa idosa na sociedade. Com o objetivo de aperfeiçoar esses programas, os técnicos do Fundo imprimem um novo perfil às atividades desenvolvidas no Espaço de Convivência: o segmento da Terceira Idade acompanha a Dra. Monica Serra nas visitas às entidades carentes oferecendo os produtos confeccionados por eles próprios.

Objetivos

- Atender ao idoso e seus familiares, no sentido de proporcionar-lhes orientações e informações precisas sobre instituições de atendimento as suas necessidades e direitos.
- Estimular, valorizar e oferecer oportunidades para que eles tenham acesso a um programa de atividades diversas, que atenda aos seus interesses, direitos e necessidades.
- Levar o idoso à conquista de sua cidadania e ao resgate da autoestima, com novas formas de atuação, convívio e inclusão social, objetivando melhor qualidade de vida e obtenção de maior autonomia e participação social.
- Sensibilizar a sociedade para novas formas de participação da pessoa idosa na sociedade.
- Criar o NAI – Núcleo de Atenção ao Idoso nos Fundos Municipais.

Atividades

- Espaço Convivência: junto com parceiros e apoiadores são desenvolvidos Cursos e Oficinas Culturais
- Feiras de auto geração de renda, para mostra e venda dos artesanatos feitos por grupos da Terceira Idade
- Palestras sobre "Qualidade de Vida" e Eventos Comemorativos
- Visitas a Entidades, Asilos e Grupos Informais da Terceira Idade
- Sala de Leitura "Leia Bleigler"
- Praça do Idoso

Oficinas

- Arte em Semente
- Bordando Estórias
- Pintura em Tela - 2 turmas
- Origami
- Costumização - 2 turmas
- Percussão e Ritmos Nordestinos
- Canto Coral - 2 turmas
- Contação de História
- Violão - 2 turmas
- Teatro
- Tapeçaria/Tricô/Crochê - 2 turmas
- Reciclagem - 2 turmas
- Alfabetização - 2 turmas
- Flores de Meia de Seda/Cartão Papel Vegetal
- Inglês - 4 turmas
- Japonês - 1 turma
- Macramé
- Yoga - 3 turmas
- Tapeçaria (reciclagem) - 2 turmas
- Movimentar e compartilhar

Texto do Espaço Convivência da Terceira Idade – NAI
Fonte: http://www.fundosocial.sp.gov.br/proj_idoso.html

FICHA CATALOGRÁFICA

C823b Costa, Carolina Elizabeth Lopes Lauria Rodrigues da
A busca do conhecimento na melhor idade: um estudo sobre
o idoso analfabeto / Carolina Elizabeth Lopes Lauria Rodrigues
da Costa. 2010.
182 f.

Dissertação (mestrado em Educação) --Faculdade de
Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São
Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

Orientação: Danilo Di Manno de Almeida

1. Educação de jovens e adultos 2. Educação de adultos –
Idosos 3. Inclusão social (Educação) I. Título.

CDD 374.012